



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**ADOLESCENTES NA SOCIEDADE DO
ESPETÁCULO E O SEXTING:
RELAÇÕES PERIGOSAS? UM
ESTUDO EXPLORATÓRIO NA
BUSCA DE SUBSÍDIOS PARA
PROGRAMAS DE PREVENÇÃO.**

CAMILA DETONI SÁ DE FIGUEIREDO

FLORIANÓPOLIS, 2015

CAMILA DETONI SÁ DE FIGUEIREDO

**ADOLESCENTES NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E O
SEXTING: RELAÇÕES PERIGOSAS? UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO NA BUSCA DE SUBSÍDIOS PARA
PROGRAMAS DE PREVENÇÃO.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Sonia Maria Martins de Melo

FLORIANÓPOLIS - SC

2015

F475a Figueiredo, Camila Detoni Sá de
Adolescentes na sociedade do espetáculo e o sexting: relações perigosas? Um estudo exploratório na busca de subsídios para programas de prevenção / Camila Detoni Sá de Figueiredo. - 2015. 194 p. ; 21 cm

Orientadora: Sonia Maria Martins de Melo

Bibliografia: p. 175-182

Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em Educação, Florianópolis, 2015.

1. Psicologia do adolescente - Sexo. 2. Adolescência. 3. Educação Sexual Emancipatória. 4. Redes sociais on-line. 5. Prevenção de riscos. I. Melo, Sonia Maria Martins de. I. Universidade do Estado de Santa Catarina. Mestrado em Educação. III. Título.

CDD: 155.53 - 20.ed.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

CAMILA DETONI SÁ DE FIGUEIREDO

**ADOLESCENTES NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E O
SEXTING: RELAÇÕES PERIGOSAS? UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO NA BUSCA DE SUBSÍDIOS PARA
PROGRAMAS DE PREVENÇÃO.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Banca Examinadora:

Orientadora:

Profa. Dra. Sonia Maria Martins de Melo
Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC

Membros:

Profa. Dra. Ademilde Silveira Sartori
Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC

Profa. Dra. Mary Neide Damico Figueiró
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Lourival José Martins Filho
Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC

Esta pesquisa é dedicada às crianças,
adolescentes e aos seus educadores e
educadoras.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela força e por me fornecer as condições necessárias para a realização de toda essa caminhada.

À Professora Sonia Melo em primeiro lugar por ter confiado em mim. Agradeço por sua orientação, paciência, apoio, condução, ter acreditado em mim e como disse Elizane em sua dissertação, por ser “simplesmente a minha orientadora”.

Quero agradecer e parabenizar o programa de Pós-Graduação PPGE/UDESC, pelos professores e professoras, técnicos, colegas discentes, pelo empenho, pelo compromisso, pela parceria e pela força de sempre.

À Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, instituição que me acolheu na pós-graduação, pois essa foi uma etapa fundamental de minha caminhada acadêmica.

A minha colega e amiga Stella Maris Büchele, que muito contribui na formatação desse trabalho.

Aos meus pais, Vitor Antonio Detoni e Marilena Zanoello Detoni, que sempre me apoiaram e muito me incentivaram a seguir a carreira acadêmica e também por terem compreendido minhas ausências e /ou minhas angustiadas presenças.

Ao meu marido Eduardo José Sá de Figueiredo, que sempre me apoiou e teve paciência comigo, além de ser parceiro no cuidado com nosso filho Vinícius. Agradeço ao Vinícius também por ser um menino tranquilo, o que me permitiu concluir essa etapa sem muitos atropelos.

À Banca Examinadora, nas pessoas das Professoras Dra. Ademilde Silveira Sartori e Dra. Mary Neide Damico Figueiró e do Professor Dr. Lourival José Martins Filho, pela disponibilidade e pelas importantes contribuições desde o momento da qualificação.

Muito Obrigada !

“Tenho as opiniões desmentidas, as crenças mais diversas - É que nunca penso nem falo nem ajo... Pensa, fala, age por mim sempre um sonho qualquer meu em que me encarno no momento.”

Fernando Pessoa

RESUMO

FIGUEIREDO, Camila Detoni Sá de. **Adolescentes na sociedade do espetáculo e Sexting**: relações perigosas? Um estudo exploratório na busca de subsídios para programas de prevenção. 2015. 194f. Dissertação (Mestrado em Educação). - Universidade do Estado de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2015.

O presente trabalho teve como objetivo geral realizar um estudo exploratório sobre a compreensão de alunos de 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública estadual de Florianópolis - SC, sobre o fenômeno *Sexting* conceituado na pesquisa como o envio, postagem, recebimento e compartilhamento de imagens (fotos/vídeos) íntimas ou de mensagens excitantes ou ainda de uma imagem sua, seminu ou nu por meio do celular e das mídias eletrônicas (computador, redes sociais, *Internet*), numa perspectiva da exposição indevida, sem consentimento. A pesquisa teve como eixo central na definição das metodologias e instrumentos o método dialético. A coleta de dados foi desenvolvida por meio da aplicação dirigida de questionário junto aos alunos, cujos pais e ou responsáveis autorizassem o filho e/ou filha a dela participar. Os resultados da pesquisa foram obtidos por meio da análise de conteúdo, a partir de aprofundamento de categorias prévias como ponto de partida, na busca de categorias expressas nas respostas ao questionário. A análise permitiu o desvelamento do perfil dos adolescentes pesquisados em suas relações com as mídias, dentre elas as redes sociais, e nelas a compreensão dos adolescentes sobre o *Sexting*. Constatou-se que o adolescente possui sim as características próprias a essa etapa do desenvolvimento, tais como a ambiguidade de sentimentos e o sentimento de onipotência, dentre outras, sendo que essas podem torná-lo vulnerável frente às relações sociais estabelecidas, como as propiciadas pelas redes sociais e nelas, as possibilidades de expor ou ser exposto a riscos, inclusive físicos, pelo fenômeno do *Sexting*. Em um mundo midiático, conectado por meio da *Internet*, essa vulnerabilidade se amplia caso o acesso ao conteúdo disponível na rede, a produção e a disponibilização de conteúdos (mensagens ou imagens - fotos/vídeos) seja feito sem orientação e supervisão dos adultos. Ao final aponta-se para a necessidade urgente de ações de educação preventiva consciente e crítica que considerem como base do trabalho as características

peculiares à adolescência bem como e as transformações das relações sociais dos e das adolescentes nesse mundo midiático, potencialmente vistas como relações perigosas, inclusive com casos constatados de suicídios decorrentes de exposição indevida nas redes sociais de vídeos íntimos de adolescentes. É importante que nas agências formadoras de educadores, particularmente nas licenciaturas, seja incluído, pelos profissionais da educação, em seus currículos, um estudo aprofundado das teorias sobre a adolescência e suas características, já que adolescência é um construto social próprio de algumas culturas, aí incluída também a questão da puberdade, comum a todas as culturas. Sugere-se que esses mesmos indicadores de temas a serem aprofundados sejam incluídos em todo e qualquer programa de prevenção de riscos para adolescentes pelos seus proponentes, gestores e executores.

Palavras-chave: *Sexting*. Adolescência. Educação Sexual emancipatória. Prevenção de riscos.

ABSTRACT

FIGUEIREDO, Camila Detoni Sá de. **Adolescents in the spectacle society and Sexting**: dangerous relationships? An exploratory study in search of subsidies for prevention programs. 194p. Dissertation (Master's in Education – Field: Education, Communication and Technology) – State University of Santa Catarina. Post-Graduate Program in Education, Florianópolis, 2015

This paper had as main goal to produce an exploratory study of 8th grade of Elementary School in a public school located in Florianópolis - Santa Catarina, Brazil students understanding about sexting. Sexting in this research is defined as send, post, receiving and sharing intimal images (pictures/videos) or exciting messages or yet, a selfie half-nude or nude by cellular phone and electronic media (computer, social nets and internet), in an improperexposure perspective, without consent. The dialectical method defined the methodology and the instruments used in this research. In order to collect data it was used the directed application of a questionnaire with the students, whose parents and/or legal tutors allowed their children to participare. The results had been obtained by content analysis, from the previous categories probing as a start, in order to search for the categories expressed on the questionnaire answers. The analysis allowed unveiling the adolescents profile in their relations with the media, and among them, the adolescents understanding about sexting. It was, indeed verified that adolescents have some specific characteristicsin thisstage of development, such as ambiguity feelings and omnipotence, among others. This can make him face ofestablished socialrelations, such as those provided by social nets an in them, the exposure possibilities or be exposed to risk, including physical ones, regarding Sexting. In a media world, connected by internet, this vulnerability may expands itself when without adult supervision or orientation, adolescents access content available on the internet, produce and release contents in the internet (messages or images). In the end, it is noticed the urgent needing of conscious andcritical preventiveeducation activities. These activities must consider as base of the action the specific characteristics that belong to adolescents as well as the changes of adolescent's social relations in this media world,

potentially perceived as dangerous relations, including comproved cases of suicidal resulting fromundueexposure of adolescent intimal videos in the social nets. In educational institutions that form educators, especially in teaching graduation, it is important to include in education professionals resumes, by themselves, a profound studying about adolescence theories and its features, once adolescence is a social construction existent in some cultures, where it is also included puberty issues, common to all cultures. These same indicatorsoftopics should be deeply studied to be includedin each and everyrisk preventionprogram for adolescentsby its proponents, managers and performers.

Keywords: Sexting. Adolescence. Emancipatory sex education.Risk prevention.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Gráfico da pesquisa UNICEF denominado uso de ferramentas por gênero.....	48
Figura 2 - Gráfico da pesquisa UNICEF denominado uso de ferramentas por idade.....	49
Gráfico 1 - Idade dos alunos.....	86
Gráfico 2 - Sexo dos alunos.....	86
Gráfico 3 - Composição familiar.....	87
Gráfico 4 - Mídias encontradas na casa dos adolescentes.....	88
Gráfico 5 - Conjunto de mídias encontrado nas casas dos adolescentes.....	89
Gráfico 6 - Quais aparelhos são utilizados para acessar a internet?.....	90
Gráfico 7 - Conjunto de mídias em que a internet é acessada pelos adolescentes.....	91
Gráfico 8 - Conjunto de mídias de uso exclusivo dos adolescentes.....	92
Gráfico 9 - Aplicativos conhecidos pelos adolescentes.....	94
Gráfico 10 - Aplicativos e redes sociais utilizados pelos adolescentes.....	95
Gráfico 11 - Frequência do uso dos aplicativos e das redes sociais.....	97
Gráfico 12 - Frequência do uso do <i>Facebook</i>	97
Gráfico 13 - Frequência do uso do <i>Youtube</i>	98
Gráfico 14 - Frequência do uso do <i>Instagram</i>	99
Gráfico 15 - Frequência do uso do <i>Whatsapp</i>	100
Gráfico 16 - Frequência do uso do <i>Twitter</i>	101
Gráfico 17 - Frequência do uso do <i>Skype</i>	101
Gráfico 18 - Uso do <i>Facebook</i>	102
Gráfico 19 - Uso do <i>Youtube</i>	103
Gráfico 20 - Uso do <i>Instagram</i>	104
Gráfico 21 - Uso do <i>Whatsapp</i>	104
Gráfico 22 - Uso do <i>Twitter</i>	105
Gráfico 23 - Uso do <i>Skype</i>	106
Gráfico 24 - Em quais aplicativos/redes sociais você possui perfil?	107
Gráfico 25 - Quantos perfis você possui?.....	108
Gráfico 26 - O que você posta em seu perfil?.....	109
Gráfico 27 - Você posta imagens (fotos e vídeos) seus?.....	111
Gráfico 28 - Como você sabe do acesso ao seu perfil?.....	112
Gráfico 29 - Você comenta suas próprias imagens (fotos/vídeos)?.....	113
Gráfico 30 - O que você diz sobre suas próprias imagens (fotos/vídeos)?.....	114
Gráfico 31 - Existe alguém que controla o seu uso do computador e notebook?	115
Gráfico 32 - Quem controla o seu uso do computador e notebook?.....	116

Gráfico 33 - Por quanto tempo você pode usar o computador e/ou notebook?.....	116
Gráfico 34 - Como é feito o controle do uso do computador e/ou notebook?	117
Gráfico 35 - Existe alguém que controla o seu uso do seu celular?.....	119
Gráfico 36 - Quem controla o seu uso do seu celular?.....	120
Gráfico 37 - Por quanto tempo você pode usar o celular?.....	121
Gráfico 38 - Como é feito o controle do uso do seu celular?.....	122
Gráfico 39 - Você já recebeu textos de pessoas desconhecidas?.....	124
Gráfico 40 - Você se relaciona com outras pessoas virtualmente?.....	125
Gráfico 41 - Com que frequência você se relaciona virtualmente?.....	126
Gráfico 42 - Como você decide aceitar amigos virtuais?.....	128
Gráfico 43 - Você conhece seus amigos virtuais pessoalmente?.....	129
Gráfico 44 - Seus amigos virtuais pertencem a que grupos?.....	130
Gráfico 45 - Você conheceu pessoalmente algum amigo que era virtual?.....	131
Gráfico 46 - Você fotografa ou filma seus amigos?.....	132
Gráfico 47 - Você envia a outras pessoas imagens (fotos/vídeos) de seus amigos?.....	134
Gráfico 48 - Você recebe imagens (fotos/vídeos) seus e de seus amigos de outras pessoas?	136
Gráfico 49 - Você já ouviu falar da palavra <i>Sexting</i> ?.....	138
Gráfico 50 - Como são enviadas as imagens (fotos/vídeos)?.....	140
Gráfico 51 - Como são enviadas as imagens (fotos/vídeos) ?.....	141
Gráfico 52 - Alguém já pediu para fotografar ou filmar você em situação íntima?.....	141
Gráfico 53 - O que você fez quando pediram para lhe fotografar ou filmar em situação íntima?.....	142

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Uso da Internet por idade nos anos de 2005, 2008 e 2011.....	43
Tabela 2 - Comparativo do número de pessoas que possuíam telefone celular em 2005 e 2011.....	44
Tabela 3 - <i>Sexting</i> : Research criteria of a globalized social phenomenon [artigo original].....	72
Tabela 4 - Locais de acesso à <i>internet</i>	93
Tabela 5 - Conjunto de aplicativos usados pelos adolescentes.....	96
Tabela 6 - O que você posta em seu perfil?.....	109
Tabela 7 - O que você gostaria que os outros pensassem sobre você a partir de seu perfil?.....	110
Tabela 8 - Como é feito o controle do uso do computador e/ou notebook?.....	118
Tabela 9 - Você acha que seu perfil é seguro?.....	123
Tabela 10 - Tipos de mensagens trocadas nas mídias.....	127
Tabela 11 - Encontros entre os adolescentes e amigos virtuais.....	132
Tabela 12 - Tipos de imagens (fotos/vídeos) preferidas dos amigos dos adolescentes, produzidas pelos adolescentes pesquisados.....	133
Tabela 13 - Para quem você envia imagens (fotos/vídeos) de seus amigos?.....	134
Tabela 14 - Que tipo de imagens (fotos/vídeos) são enviadas para amigos e quais são os sentimentos dos adolescentes.....	135
Tabela 15 - Que tipo de imagens (fotos/vídeos) são recebidas dos amigos e quais são os sentimentos dos adolescentes.....	137
Tabela 16 - Histórias de divulgação de imagens (fotos/vídeos) íntimas sem consentimento.....	139
Tabela 17 - O que você fez quando pediram para lhe fotografar ou filmar em situação íntima?.....	143
Tabela 18 - Comentários sobre a notícia de um suicídio provocado pela exposição indevida de imagens.....	143

LISTA DE ABREVIATURAS

ONG	Organização Não-Governamental
AMBIAL	Projeto Educação Ambiental e Alimentar
GERED	Gerência de Educação da Grande Florianópolis
NEPRE	Núcleo de Educação, Prevenção, Atenção e Atendimento as Violências na Escola
PSE	Programa Saúde na Escola
SPE	Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas
SED	Secretária De Estado de Educação
SDR	Secretária De Estado de Desenvolvimento Regional
MEC	Ministério da Educação
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
UNICEF	Fundo das Nações Unidas
OMS	Organização Mundial de Saúde

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: DE ONDE VIM, ONDE CHEGUEI, O QUE ENCONTREI.....	23
2	O MUNDO MIDIÁTICO ONDE VIVEM OS ADOLESCENTES HOJE.....	37
2.1	MODERNIDADE.....	38
2.2	SOCIEDADE DO ESPETÁCULO.....	41
2.3	REFLEXOS DESSAS CATEGORIAS NO COTIDIANO DOS ADOLESCENTES.....	46
3	AFINAL, O QUE É SER ADOLESCENTE HOJE?.....	55
3.1	TEORIAS A RESPEITO DA ADOLESCÊNCIA.....	57
3.2	O FENÔMENO <i>SEXTING</i> : O ADOLESCENTE E SUAS RELAÇÕES PERIGOSAS COM AS MÍDIAS.....	70
4	CAMINHOS METODOLÓGICOS: DAS REFLEXÕES INICIAIS ATÉ O ENCONTRO COM OS ADOLESCENTES.....	79
5	ANÁLISE DOS DADOS.....	85
5.1	O QUE OS DADOS MOSTRARAM.....	85
5.1.1	Perfil da turma.....	85
5.1.2	Considerações sobre o acesso às mídias e a internet.....	87
5.1.3	Considerações sobre o uso de aplicativos.....	94
5.1.4	Perfil e publicação de conteúdo.....	107
5.1.5	Controle dos pais.....	114
5.1.6	Segurança do perfil.....	122
5.1.7	Relacionamentos virtuais.....	124
5.1.8	Envio de imagens (fotos/vídeos).....	133
5.1.9	Imagens (fotos/vídeos) recebidas.....	136
5.1.10	<i>Sexting</i>.....	138
5.2	O SER ADOLESCENTE NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO: CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS DESSA ETAPA X RISCOS DE RELAÇÕES PERIGOSAS.....	145
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS OU VERDADES PROVISÓRIAS?.....	165
	REFERÊNCIAS.....	179
	APÊNDICE.....	187
	APÊNDICE A - Questionário para os alunos.....	187

1 INTRODUÇÃO: DE ONDE VIM, ONDE CHEGUEI, O QUE ENCONTREI

Meu compromisso com as questões da educação sexual de adolescentes, aí incluída a questão de sua proteção de riscos que hoje o uso indevido das mídias possa oferecer, percebo que nasceu no meu berço familiar, na adolescente que fui. Como a única neta tornei-me a herdeira de todos os agrados, mas também de todas as cobranças por ser menina. Tornei-me adolescente neste contexto, em que os homens tinham mais liberdade, podiam ser livres e felizes, enquanto que as mulheres tinham que ser fortes, batalhadoras, não podendo demonstrar sua fragilidade e sensibilidade.

Importante destacar que mesmo com todas essas lacunas sempre me dediquei muito aos estudos, pois desde criança gostava de ler e talvez fosse uma forma de mostrar que tinha valor, mesmo sendo do sexo feminino. Conclui o Ensino Médio, antigo Segundo Grau científico em 1996 e em 1998 o Ensino Médio Técnico em Informática. Iniciei a faculdade de Letras com 18 anos, pois queria ser tradutora e nessa época, já tinha fluência no Inglês. Mas, ao mesmo tempo em que queria ser tradutora, já realizava trabalhos pontuais, sempre participando de movimentos sociais, como Leo Clube e grupos de jovens religiosos, pois sempre desejei trabalhar diretamente com pessoas e a tradução não me possibilitava isso.

Em 2001, resolvi cursar também Psicologia, pois achava que o curso de Letras era muito técnico e, por não me permitir conhecer o ser humano, muito menos me possibilitaria um trabalho mais aprofundado com os jovens. A formatura em Letras foi em 2002 e em Psicologia em 2005. Durante o curso de Psicologia, foram vários os estágios: Licenciatura, Psicologia Hospitalar, Psicologia Clínica, Psicologia Escolar e Psicologia Organizacional. Em todos eles, para planejar, fazíamos levantamento das demandas institucionais para então elaborar o projeto e aplicá-lo. Para mim, os estágios realizados

foram valiosos, pois neles pude trabalhar com alunos dos anos iniciais, focando a questão da autoestima, com pais, focando a educação de filhos e com professores, focando a compreensão da importância do aluno na escola e como melhorar as relações dentro de sala. No estágio de Psicologia Escolar o trabalho foi na Educação Infantil, na qual procurávamos avaliar os alunos utilizando jogos. Lá já era possível observar as brincadeiras e sua relação com os papéis estereotipados de gênero.

No ano de 2003 passei em um concurso para lecionar Inglês nos Anos Iniciais e na Educação Infantil em uma cidade do interior de Santa Catarina. Trabalhava 20 horas na prefeitura, em três escolas. No ano seguinte, último ano de Psicologia, fui chamada por concurso para trabalhar na Gerência Regional de Educação, em outra pequena cidade no interior do estado de Santa Catarina. Lá comecei meu trabalho já com situações difíceis envolvendo violência na escola, pois, por ser psicóloga, foi me solicitado pela chefia que ajudasse uma escola de periferia, alvo de vandalismo. Nesse convite, visualizei várias possibilidades de realizar o estágio de Psicologia Clínica com adolescentes nesta escola, trabalhando com grupos operativos. Iniciei o trabalho fazendo levantamentos de interesses junto a pais, alunos e professores. Com os dados, elaborei um projeto inicial com alunos “problema”, e com professores. Estes dois grupos sempre foram especiais para mim, pois, ao ouvir os jovens falando sobre seus conflitos e dificuldades, era como reviver a adolescente que eu fora. Lembro-me bem de ter conquistado esse grupo de adolescentes e eles se abriram ao diálogo, sem medo. Os educadores eram mais resistentes, mas também foram se abrindo ao diálogo com o tempo. No ano de 2005 participei de um curso em uma Organização Não Governamental - ONG, que trabalhava desde o conceito de gênero até questões sobre todos os tipos de violência, onde o aprofundamento do enfoque socioeducativo relacionado à temáticas mais polêmicas como violência, sofrimento humano,

sexualidade, em muito me auxiliou na decisão de trabalhar mais diretamente com esses temas, não somente com a juventude, mas com crianças e adultos também. Nos anos seguintes, mudei de cidade e pude trabalhar em duas escolas diferentes. Em uma delas trabalhei na Coordenação Pedagógica, orientando educadores, mas sempre estive muito próxima dos adolescentes, com os quais conversava sobre liderança e para os quais consegui, junto à universidade local, estagiárias de Psicologia para trabalhar a sexualidade, de forma intencional, com os alunos que desejassem. Esse foi o primeiro trabalho intencional sobre sexualidade que acompanhei como supervisora local. Nesse ano também realizei uma pesquisa com alunos da 3ª Série do Ensino Médio sobre quais os fatores influenciavam o processo de ensino e aprendizagem segundo a visão deles. Na segunda escola, trabalhei como coordenadora do Projeto Educação Ambiental e Alimentar - AMBIAL. Uma das propostas do AMBIAL era realizar cursos profissionalizantes para as famílias de baixa renda. Na época, conseguimos os recursos e as mães começaram a participar. Esse momento em que as mães estavam na escola era aproveitado para discutir temas de seu interesse e que pudessem ajudar na educação de seus filhos, crianças até a 4ª série, e dentre eles, a sexualidade e a educação sexual. A cada novo curso, o número de famílias que se aproximava da escola só aumentava. Por questões administrativas, mudei de cidade novamente e infelizmente o trabalho não teve continuidade.

Após outras mudanças e outras funções exercidas, em 2009, pedi para ser transferida para a Gerência de Educação da Grande Florianópolis - GERED, onde trabalhei até 2013 com as temáticas violência, sexualidade e drogas, no antigo Núcleo de Educação, Prevenção, hoje chamado de Núcleo de Educação, Prevenção, Atenção e Atendimento as Violências na Escola - NEPRE. A temática sob minha responsabilidade nesse núcleo sempre foi a sexualidade, trabalhada por meio do Programa Saúde na Escola - PSE e do Projeto Saúde e

Prevenção nas Escolas - SPE, nos treze municípios de abrangência de nossa regional e outros nove de abrangência da Gerência Regional de Saúde. Nesses programas comecei a realizar várias atividades com educadores e adolescentes a partir da GERED.

Registro para um melhor entendimento do contexto do meu trabalho, que o NEPRE foi criado em 2005, pela Secretaria de Estado da Educação - SED para consolidar políticas públicas de prevenção, de promoção do direito à saúde e da paz junto às Secretarias de Estado de Desenvolvimento Regional de Santa Catarina - SDRs, por meio das suas Gerências Regionais de Educação - GERED para atuar nas temáticas: sexualidade, substâncias psicoativas (drogas lícitas e ilícitas) e expressões da violência. No ano de 2011 foi criado um documento com diretrizes para esse trabalho, intitulado “Política de Educação, Prevenção, Atenção e Atendimento as Violências na Escola”. Tal documento objetiva orientar as GEREDs e escolas para a criação de equipes e desenvolvimento de trabalhos com essas temáticas, focando para além da prevenção, considerando também a atenção e o atendimento.

O Programa Saúde na Escola - PSE e o projeto Saúde e Prevenção nas escolas - SPE (um dos componentes do PSE), já citados, em Santa Catarina estão incluídos no NEPRE. Segundo informações encontradas no site do Ministério da Educação - MEC¹, o PSE visa à integração e articulação permanente da educação e da saúde, proporcionando melhoria na qualidade de vida dos educandos. O PSE tem como objetivo contribuir para a formação integral dos estudantes por meio de ações de promoção da saúde, de prevenção de doenças e agravos à saúde e de atenção à saúde, com foco no enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno

¹Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16796&Itemid=1128>. Acesso em: 21 mar. 2013, as 09:50min.

desenvolvimento de crianças e adolescentes da rede pública de ensino. Todo o trabalho nos municípios deve ser coordenado e pactuado a partir da consideração do contexto escolar e social e de um diagnóstico local de saúde. O público alvo do PSE são crianças, adolescentes e jovens. Os componentes do PSE são cinco: avaliação das condições de saúde; promoção da saúde e prevenção de doenças e de agravos à saúde; formação dos Profissionais da Educação e da Saúde e de Adolescentes; monitoramento e avaliação da saúde dos estudantes e monitoramento e avaliação do PSE.

A proposta do SPE², inicialmente, foi somente a realização de ações de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens, em um trabalho intersetorial entre os setores de saúde e de educação, com o objetivo de reduzir a infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana/Doenças Sexualmente Transmissíveis - HIV/DST e os índices de evasão escolar causada pela gravidez entre a população de 10 a 24 anos. Nos anos subsequentes as ações foram ampliadas, incluindo a prevenção. Esses programas são criados a partir de uma perspectiva médico biológica, pois o viés principal continua a ser a prevenção as DSTs e o evitar da gravidez precoce. Porém, com algumas inovações, sugeridas pelas equipes de trabalho, busca-se hoje, no programa, uma mudança de paradigmas, ao incluir o jovem como multiplicador e protagonista de suas ações. Essas iniciativas ainda têm muito a caminhar e é preciso muita reflexão coletiva para alcançar e manter a motivação dos adolescentes de hoje, se considerarmos suas peculiaridades nesse mundo midiático.

Isto porque, segundo estudos realizados por Donald et al. (2005), pesquisador da fundação *Kaiser Family*, a geração atual é chamada de Geração M ou “Generation M”. Estão

²Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12370:projeto-saude-e-prevencao-nas-escolas-spe&catid=310:projeto-saude-e-prevencao-nas-escolas-spe&Itemid=578>. Acesso em: 21 mar. 2013, 10:05min.

incluídos nessa geração, os adolescentes, nosso público alvo. Essa Geração M está inserida em um mundo digital, conectado em rede. Os adolescentes nasceram, viveram sua infância e vivem também sua adolescência nesse mundo conectado a *internet*. Segundo estes pesquisadores, a Geração M é aquela que tem capacidade de fazer muitas coisas ao mesmo tempo. São jovens com idade máxima de 28 anos, que realizam várias atividades ao mesmo tempo: desdobram seu “*browser*” (em português significa navegador), em diversas abas ou janelas; conversam com várias pessoas “*on-line*”, isto é, ligadas pela *internet*, por meio do programa “*Messenger*” (MSN), que no português significa mensageiro e ouvem música no “*Moving Picture Expert Group 3- MP3 ou MPEG3*”. O MP3 ou MPEG3 é um padrão de compressão e transmissão de arquivos digitais de áudio e vídeo e esse padrão foi estabelecido pelo MPEG, grupo de trabalho de especialistas de tecnologia da informação. Ainda segundo Donald et al. (2005), durante a realização destas atividades, também assistem à televisão, estudam ou trabalham e tem o celular sempre por perto na espera de qualquer ligação ou recebimento de mensagem. Sua atenção é multiplicada para acompanhar, ou tentar acompanhar a intensa velocidade do mundo moderno. Ela é chamada por nomes diversos, e talvez por essa mesma diversidade que a melhor definição acaba sendo Geração M: multiatarefados, multiconectados, multiestimulados, multi-informados.

Rivoltella (2007) também destaca as habilidades que os adolescentes de hoje possuem, no que concerne a realização de várias tarefas. Segundo ele, esses sujeitos respondem às mensagens do celular, ouvem música no *iPod*, assistem televisão e falam com os amigos no *Messenger*, tudo ao mesmo tempo. Fazer tudo isso simultaneamente é uma característica típica das novas gerações. Por um lado, isso lhes confere uma elaboração cognitiva muito rápida. Por outro, pode acabar deixando-os na superficialidade³. Da mesma forma, o

³Disponível em:

jovem sabe que acessar a *Internet* pelo celular é diferente, pois este é de uso pessoal e o computador, geralmente, é de toda a família. Além disso, o adolescente de hoje, em geral, reconhece as especificidades de cada tecnologia e busca se adaptar a elas, conforme nos aponta Belloni (2007, p. 2):

[...] o computador não é igual ao livro, e a *internet* é ainda mais fascinante que a telinha da TV. Cada um destes meios de comunicação e informação tem suas especificidades técnicas e semiológicas, 'regras da arte' que precisamos conhecer, apropriar e colocar a serviço da educação das novas gerações.

Nessa nova realidade, transformam-se também as relações sociais: relações com pais ou responsáveis, relações de amizade, de colega, relações casuais (ficar), de namoro, noivado, casamento e a aprendizagem, pensamento e sua elaboração, apropriação de conteúdos e produção do conhecimento. Cada vez mais os adolescentes têm utilizado a *internet* e as redes sociais para conhecer lugares e pessoas, para comprar e vender, para fazer trabalhos escolares, para praticar *bullying*, caçar os colegas, para estudar e trabalhar e dessa forma, muitas vezes, acabam expondo sua vida de forma a colocar-se em situações de risco, em especial, com muitos riscos decorrentes de suas vivências em relação à sexualidade. Destaco também que além do meu trabalho, tinha contato com pais de adolescentes ao participar do movimento chamado Escola de Pais do Brasil.

Foi nesse contexto, portanto, que me inseri de forma mais efetiva no trabalho com a sexualidade, como psicóloga de formação, atendendo crianças, adolescentes, famílias e

educadores. Nos quatro anos em que atuei no NEPRE, até ingressar no mestrado, tive a oportunidade de atender muitas pessoas. No ano de 2012, realizei um atendimento a uma adolescente de doze anos, que teve uma foto seminua sua divulgada em todos os celulares da escola por um colega. A mesma disse ter postado a foto no *Facebook* acreditando que somente ela mesma teria acesso à imagem postada. Por estar sempre atenta a notícias relacionadas às questões da sexualidade, aí incluídas as da violação dos direitos de crianças e adolescentes, buscava me manter informada sobre essas questões e, sendo assim, além desse atendimento realizado no NEPRE, tomei conhecimento de um caso grave, ocorrido em Santa Catarina. Esse caso envolveu violência sexual: uma adolescente de 15 anos foi abusada por dois rapazes durante uma festa e o abuso foi filmado por um terceiro que postou o vídeo no *Youtube*.

Além desses dois fatos, no Brasil, infelizmente hoje encontramos na mídia impressa, visual e digital, várias notícias sobre *cyberbullying*, com situações vividas que têm levado jovens inclusive ao suicídio. Essas notícias trazem o registro de ações que provocaram essas tragédias e que podem ter interfaces muito próximas com o que poderia ser conceituado como um lado negativo do que se está convencendo chamar de *Sexting*. Segundo reportagem de Guimarães, publicada na Revista Época, datada de 25 de novembro de 2013, duas adolescentes brasileiras praticaram o suicídio após divulgação de suas imagens (fotos/vídeos) íntimas na *internet* por meio de aplicativos como *Whatsapp* ou via *webcam*. Ainda segundo a reportagem, nos Estados Unidos, outras seis mulheres também passaram por situações de intimidade violada, dessas, quatro se suicidaram e duas se tornaram ativistas na luta por leis mais severas.

No decorrer da elaboração do projeto de pesquisa realizei uma busca por sites de livre acesso, usando como descritor a palavra *Sexting*. Nessa busca foram encontrados

sites sobre prevenção, segurança, sites com música, sites de notícias, sites religiosos e sites para prática de *Sexting*. Destaco que o termo *Sexting* foi usado pela primeira vez em 2005 e por esse motivo, o espaço de tempo considerado para essa busca, foi entre os anos de 2005 e 2014. Por meio desse panorama, verificou-se que entre 2005 e 2008, o número de sites relacionados não passou de dez. Nesse intervalo, por serem poucos os sites, foi possível verificar o conteúdo deles e notou-se que no final de 2005, já havia sites sobre prevenção e o início da elaboração de relatórios sobre essa prática. Em 2006, encontrei um site sobre música, um sobre segurança, um site de pornografia e um com um texto jurídico sobre relações de consumo, dentre elas já incluído o *Sexting*. Em 2007, encontrei um site religioso, dois com músicas, um sobre segurança, um do conselho tutelar falando sobre violência sexual, dentre outros. Em 2008, além dos sites já existentes, encontrei sites sobre notícias. Já no intervalo entre 2009 e 2014, aumentou o número de sites com discussões sobre *Sexting*, que circulam reforçando a urgência de orientação e prevenção nas escolas frente a essas atitudes que brotam da necessidade de atenção expressada pelos jovens nessas ações impensadas, desse comportamento de risco e da ilegalidade que perpassa seus desdobramentos, pois no Brasil alguns casos foram enquadrados como pornografia infantil, em conformidade com o artigo 241 do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, Lei nº 8.069, de 13/07/1990. Até 2009, o número de sites que tratava da prevenção era de um ou dois, chegando a oitenta no ano de 2009. Este número foi aumentando a cada ano, chegando a mais de dois mil em 2014. Ressalto também que a partir de 2009, foram criados sites específicos para a prática do *Sexting*. Portanto, se esses sites a que me refiro são de livre acesso, isso significa que os mesmos estão disponíveis para qualquer um na rede e, sendo assim, podem ser acessado também por adolescentes.

Para um levantamento prévio das pesquisas existentes sobre a temática chave, acessei o banco de dados da CAPES e usei inicialmente apenas o descritor *Sexting*. Nesse banco de dados encontrei 245 periódicos que citam a palavra *Sexting* e/ou que possuem alguma relação com ela. Pesquisando de uma maneira geral, verifiquei que os textos desses periódicos são de áreas como: justiça, saúde, assistência social, dentre outras. Destaco que nem todos os textos encontrados nestes periódicos são provenientes de pesquisas acadêmicas e somente 71 destes periódicos foram revisados por pares, sendo alguns dos trabalhos ali apresentados em forma de resenha e outros formatos aceitos pelos periódicos.

Na sequência desta pesquisa, utilizei os descritores educação e *Sexting*, unidos, onde encontrei somente dois trabalhos, sendo um brasileiro da área educacional e um português, que embora fale sobre a educação pertence a área da saúde. Já usando os descritores *Sexting* e adolescente, combinados, encontrei somente três trabalhos: dois artigos e uma resenha descritos a seguir. O primeiro é intitulado: “Relatos audiovisuales de ficción sobre la identidad adolescente en contextos escolares” (INVESTIGACIONES), escrito por Diaz-Aguado, Laia Falcon, Diaz-Aguado Jalon e Maria Jose Comunicar (2014). É uma investigação feita a partir de relatos audiovisuais que tiveram os adolescentes como audiência e protagonistas e são utilizados por estes para buscar referências para construir sua identidade. Esta investigação buscou compreender como é a identidade dos estudantes adolescentes nos distintos tipos de relatos audiovisuais de ficção, como ponto de partida para a elaboração de materiais de alfabetização midiática que os ajudasse no dito processo. Para isso, os pesquisadores utilizaram três narrações europeias recentes, que abordam a vida escolar de adolescentes, com as quais, puderam contrastar entre gêneros, códigos e valores: 1) serie televisiva <<Física o Química>> e 2) <<Harry Potter y la Orden del Fenix>>e 3)<<La clase>>. O método utilizado foi a

análise textual de tipo qualitativo, utilizando como categoriaa morfologia de relato clássico. O segundo trabalho foi intitulado “Los riesgos de los adolescentes en internet: los menores como actores y victimas de los peligros de internet”, escrito por B. Catalina Garcia, M. C. Ayala Lopez e A. Garcia Jimenez. O uso intensivo da Internet entre os adolescentes tem aumentado a preocupação com relação aos riscos que eles enfrentam no ciberespaço. O objetivo deste estudo foi diagnosticar os riscos enfrentados pelos adolescentes espanhóis na *Internet* e determinar a influência de tais variáveis como idade, sexo e *ownership* da escola frequentada por menores. O estudo foi feito com uma pesquisa representativa, a nível nacional aplicada a 2.077 adolescentes. Ela explorou os riscos enfrentados por menores no ciberespaço: conteúdo inapropriado, contato com estranhos, perda de privacidade, *Cyberbullying*, uso problemático da *Internet*, ou vício na *Internet*, e as práticas de segurança adotadas pelos adolescentes. Como resultados, a pesquisa mostra que a confiança dos jovens coexiste com uma alta exposição involuntária a conteúdo virtual inapropriado (pornografia, violência, promoção de consumo de álcool e drogas e distúrbios alimentares) junto com a normalização de várias formas de *Cyberbullying*. Os resultados confirmam que há uma porcentagem significativa de adolescentes que admite passar tempo demais na *Internet*, tornando-se viciados em certos serviços da rede. O terceiro trabalho é uma resenha do livro intitulado “*Cavorting in bed and on the stump around election time in California*”, escrito por Janet Maslin (2012).

Verifiquei, ainda que, segundo o portal da CAPES, a publicação de pesquisas, em geral, sobre *Sexting* iniciou em 2009, com quatro publicações e foi aumentando, chegando a treze em 2011. Nos anos subseqüentes, ela diminui e encontrei nove publicações internacionais e uma tese nacional, em 2014.

Mas durante essa pesquisa de material já produzido sobre o tema, encontrei no artigo de Agustina e Duran (2012),

que será apresentado e trabalhado no capítulo específico sobre *Sexting*, referências a dez pesquisas acadêmicas sobre o fenômeno realizadas em vários países como Inglaterra, Estados Unidos, Austrália, dentre outros, além da referência a uma pesquisa realizada pela Music Television - MTV e outra pela Revista Cosmo Girl.

Encontrei ainda uma tese nacional, no segundo semestre de 2014, com o título: “*Sexting* na adolescência: análise da rede de enunciações produzida pela mídia”, escrita por Suzana da Conceição de Barros (2014), no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa “Educação científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos”, orientada pela Dra. Paula Ribeiro.

Enfim, todos os elementos vividos e citados até agora: o contato com a adolescente que postou imagens íntimas na rede, as notícias dos suicídios, passando pela pequena quantidade de pesquisas acadêmicas encontradas sobre educação, *Sexting* e adolescentes, a existência de sites de livre acesso aos adolescentes e a necessidade urgente de orientação e prevenção nas escolas e famílias apontada na *internet* e na mídia impressa sobre prevenção foram decisivos para definir o tema desta pesquisa. Nos trabalhos encontrados, mesmo que poucos, já se anunciava a questão dos riscos a que os adolescentes estão expostos por conta do fenômeno que se convencionou denominar *Sexting*. Nesse contexto, o tema de pesquisa que ora finda foi definido como “Adolescentes na sociedade do espetáculo e o *Sexting*: relações perigosas? um estudo exploratório na busca de subsídios para programas de prevenção.” Teve como objetivo geral realizar estudo exploratório da compreensão de alunos de 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública estadual de Florianópolis - SC, sobre o fenômeno, que inclusive foi a base do título inicial da pesquisa transformado no decorrer da

mesma, a partir da necessidade de ampliar o estudo também sobre suas relações com as mídias, por ser nelas que é delineado o perfil desses adolescentes. Mas continuou sendo proposta da pesquisa, com seus resultados, subsidiar a construção de uma proposta intencional de educação emancipatória preventiva, pois a mesma auxiliará nas reflexões necessárias quanto à exposição indevida desses adolescentes a situações de risco, sua vulnerabilidade, uma possível humilhação por parte dos colegas, pais ou responsáveis, professores e da sociedade em geral quando da realização do *Sexting*.

2 O MUNDO MUDIÁTICO ONDE VIVEM OS ADOLESCENTES HOJE

No núcleo familiar em que nasci, a educação sexual era marcada por questões de gênero, relacionadas aos papéis sociais estereotipados sobre o “ser homem e ser mulher”. Foi nesse contexto que nasci, tornei-me adolescente e adulta. Pela adolescente que fui, sempre me preocupei com essa etapa do desenvolvimento e sempre tive o desejo de compreender e buscar orientar os adolescentes e seus pais de forma que ambos pudessem perceber a importância do diálogo e considerassem não uma educação repressora, mas a busca pelo caminho da educação emancipatória, aí incluída a dimensão da sexualidade inseparável do existir humano.

Segundo Buckingham (1997), o adolescente, se bem educado na infância e orientado em sua adolescência, consegue tomar decisões positivas e se desenvolver saudavelmente.

Segundo Belloni (2007), para compreender o comportamento das novas gerações, é preciso conhecer e apropriar-se das mídias utilizadas, pois estas promovem diferentes relações entre os adolescentes. Relações essas que possuem aspectos positivos e negativos. Um aspecto positivo é a possibilidade de se comunicar com colegas, amigos e familiares distantes. Um aspecto negativo é a exposição a situações de risco, tais como a exposição indevida de imagens íntimas, hoje denominada de *Sexting*.

A partir do exposto, aprofundo a seguir, duas categorias fundamentais na tessitura desse momento em que vivemos, nós e os adolescentes: a modernidade e a sociedade do espetáculo. Essas categorias auxiliaram na construção do cenário de contextualização do processo vivido pelos adolescentes em suas relações com o mundo midiático onde vivem hoje, bem como sobre as situações de risco a que podem estar expostos.

2.1 MODERNIDADE

A modernidade, que iniciou no século XVI, foi um dos momentos de maior transformação na humanidade, marcado por movimentos como o Iluminismo, Revolução Industrial, Revolução Inglesa e Reforma Protestante. Essas transformações marcaram a ciência, a economia, os sistemas de produção e trabalho, a política, as relações sociais, a saúde, a cultura e as artes, enfim, todas as áreas que envolvem as relações humanas. Na modernidade ocorreu ainda uma mudança de paradigma, com relação à construção do conhecimento, passando do estudo a partir das ideias para estudos a partir da materialidade, do concreto. Segundo Cardoso citado por Teixeira (2005), na modernidade o paradigma deixa de ser teocêntrico e passa a ser antropocêntrico, ou seja, a verdade passa a estar nas mãos do homem. As fontes principais desse modelo são representadas pela reforma de Calvino e Lutero e pelos pensamentos tais como, Giordano Bruno, Copérnico, Kepler e Galileu Galilei, tendo como concepção de destaque o heliocentrismo. Teixeira (2005) descreve ainda que esse paradigma moderno também pode ser chamado de cartesiano-newtoniano, embasado nas ideias de Francis Bacon, com o método empírico; René Descartes, com o método racionalista e da análise na qual se decompõe o objeto em seus componentes básicos. Além desses, também na modernidade, pode se citar Isaac Newton, que contribuiu com a visão mecânica de mundo. Essa visão de mundo racionalista e na qual o homem detém a verdade e não mais a metafísica influenciará as demais áreas supracitadas.

Ainda segundo Cardoso, citado por Teixeira (2005), nesse período, na economia ocorre a reestruturação das relações de produção, com a transição do feudalismo para o capitalismo, pois as relações de produção feudais tornaram-se incompatíveis com o sistema capitalista emergente como modo de produção hegemônico. Enquanto no sistema feudal a

produção visava prioritariamente a subsistência, no capitalismo, o que importa passa a ser o acúmulo de capital. O sistema capitalista, fruto das relações humanas em novos arranjos socioeconômicos, promoveu uma nova forma de ver o mundo, modificando as relações de trabalho, a educação, a saúde, as artes, as ciências, a política e a economia, enfim, todas as áreas que envolvem as relações humanas.

Segundo Marcuse, citado por Nunes (1996), com o capitalismo ocorre a negação do princípio do prazer, a compulsão tecnocrática a produção, a perda do sentido da existência e estabelece-se a alienação do afeto. Essas características, aliadas ao avanço tecnológico, ao aumento da produção e ao triunfo do capitalismo técnico e científico, promovem a desumanização, o estranhamento entre os seres humanos. Essa desumanização foi se construindo a partir das relações sociais vivenciadas nas mudanças proporcionadas pelo contexto social, econômico, político e cultural transformado com o empreendimento da modernidade. Cada nova descoberta foi transformando e continua a transformar a humanidade, na perspectiva da visão hegemônica própria dos que detêm os meios de produção. As tecnologias de comunicação produzidas pelos seres humanos avançaram e avançam quantitativa e qualitativamente, hoje numa perspectiva determinada principalmente pelo segmento majoritário da sociedade no que se refere à acumulação absurda da riqueza produzida que se encontra concentrada em uma minoria da população. Todo esse contexto foi subsidiando mudanças significativas no modo de vida das pessoas em todo o planeta, conforme nos mostram Berman (1986), Bauman (2001), Turkle (2012) e Debord (2003).

A modernidade, para Berman (1986), pode ser dividida em três etapas distintas, cada uma delas com características próprias que marcaram a vida dos seres humanos. A primeira foi marcada por um sentimento de agitação e turbulência, uma espécie de embriaguez, onde houve a expansão das

possibilidades de experiência e destruição das barreiras morais, a visualização de novas possibilidades, o início da mudança no comportamento humano e nas relações entre os seres humanos. A segunda etapa, ocorrida a partir do século XVIII, foi marcada pela Revolução Francesa, pelo surgimento das máquinas a vapor, das fábricas automatizadas, das ferrovias e das amplas zonas industriais. Nessa etapa, ocorreu o rápido crescimento das cidades e os estados nacionais passaram a ter mais poder. Destacaram-se também o surgimento dos movimentos sociais de massa, as diversas mídias comunicando em escalas cada vez maiores e a expansão acelerada do mercado mundial. Nesse contexto, segundo Nietzsche, citado por Berman (1986), o indivíduo ousou se individualizar por meio da criação de leis próprias, necessárias à autopreservação, autoimposição, autoafirmação e autolibertação. Na terceira etapa, descrita por Berman (1986), a modernidade torna-se incapaz de se organizar e dar sentido à vida. Nesse momento o pensamento encontrava-se estagnado e regredido, embora diversas áreas, como pintura, escultura, romance, teatro e dança, tenham sido prósperas. Destaco também que nesse período, segundo este mesmo autor, ocorreram muitas invenções no campo da mídia eletrônica e houve muitos avanços nas disciplinas científicas. A partir de 1960, a humanidade passou a buscar um sentido para sua existência, ao tentar conectar presente com o passado e futuro. Nessa busca tem ocorrido a destruição de uma forma vital de espaço público, a transformação de nosso mundo em aglomerado de grupos de interesse privado, material e espiritual. A dialética da modernidade segundo Marx, citado por Berman (1986, p. 103): “[...] reencena o destino da sociedade que ela mesma descreve, gerando energias e ideias que desmancharão no seu próprio ar” e de forma cada vez mais rápida.

Já segundo Bauman (2001), a modernidade se divide em dois momentos distintos: a modernidade pesada, em que o interesse era por grandes volumes, pois a riqueza e o poder

eram conceitos geográficos, e o controle era feito pelo tempo rotinizado e a modernidade leve, fluída, em que o controle se dá pelos elos que ligam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas. Escolhas individuais como, por exemplo, participar das redes sociais e postar fatos sobre a vida cotidiana na rede por meio de textos ou imagens. Essa exposição da vida cotidiana usando as mídias se relaciona diretamente a ações coletivas, pois uma vez que uma imagem ou mensagem é colocada na rede, ela é espalhada como um vírus por meio de ação coletiva e todos podem ter acesso a esse conteúdo. Dessa forma, é como se crianças, adolescentes e adultos, enfim, o ser humano, vivesse em um eterno panóptico⁴, um *big brother* da vida real, em uma Sociedade do Espetáculo, conforme nos aponta Debord (2003).

2.2 A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Pude perceber, a partir do que representou a modernidade, que as mudanças de paradigmas transformaram o ser humano e foram por eles transformados. Relembrando Marcuse, citado por Nunes (1996), já referenciado anteriormente, que nos mostrou em seus estudos que com a modernidade, a humanidade perdeu o sentido da existência e estabeleceu-se a alienação do afeto. Essas duas características juntamente com o avanço tecnológico, a indústria cultural e o triunfo do capitalismo promoveram a desumanização e o estranhamento entre os seres humanos. Turkle (2012) em sua obra “*Alone, Together*”⁵ nos mostra que estar sozinho é uma prerrogativa para estar junto com as pessoas e essa é a nova forma de viver as relações dos seres humanos em nossa

⁴ Termo criado no final do Século XVIII pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham por meio de estudo sobre o sistema penitenciário, no qual ele criou um projeto de prisão circular, onde um observador central poderia ver todos os locais onde houvesse presos.

⁵TURKLE, Sherry. **Alone together**: why we expect more from technology and less from each other. Philadelphia, USA: Basic Books, 2012.

sociedade hoje. Atualmente, muitas vezes as relações entre os seres humanos são mediadas por uma máquina, o que pode representar uma nova forma de relacionamento marcada por aspectos positivos e negativos como qualquer outra forma de relação humana ou pode ser mais um indicador de que o ser humano está se distanciando de Ser Humano, ou seja, mais uma forma de estranhamento, de alienação.

Entendo que esse novo contexto sócio histórico e cultural, em que o mundo conhecido é um mundo conectado a uma rede, os seres humanos compartilham nessa rede, fatos de suas vidas cotidianas como pensamentos, frases, imagens (fotos/vídeos) de uma forma natural, por vezes sem dar-se conta de que essa prática pode colocá-los em situações constrangedoras ou de risco.

Nessa sociedade os indivíduos se encontram, como nos diz Turkle (2012), sozinhos e juntos, ou seja, a medida que compartilho minhas ideias, pensamentos, emoções e fatos de minha vida na rede, não me sinto tão só, tenho atenção por meio das curtidas, dos feedbacks recebidos, das cutucadas e do compartilhar. Além disso, segundo Turkle (2012), é mais fácil lidar com uma tela, pois na medida em que o indivíduo deseja não mais se relacionar, basta desligar o computador, sair da rede, não responder o e-mail, não cutucar, não visualizar ou não compartilhar.

Já segundo Debord (2003), a economia hoje tem como principal mercadoria a imagem, pois são os fatos, as notícias, as emoções da vida cotidiana postados na rede que movimentam o mundo. Nessa sociedade do espetáculo, ainda segundo Debord (2003), as pessoas representam, criam imagens de si visando chamar a atenção e atender ao padrão estabelecido pelo atual contexto social, cultural, econômico e político. Na sociedade do espetáculo, não há espaço para o diálogo, no sentido de que nos fala Buber (1982): o diálogo como encontro entre duas pessoas que buscam se conhecer, que conversam sem representar, mas com sinceridade e com o

intuito de criar laços. Segundo Turkle (2012), colocamo-nos na rede de forma superficial e assim, sentimo-nos sozinhos mesmo numa multidão ou sentimo-nos numa multidão quando estamos sozinhos, em frente a uma tela de computador.

Portanto, o novo contexto em que vivemos hoje e nele nossos jovens, é vivido com profunda imersão no uso do celular e do computador. São jovens que nasceram no final dos anos 80, início dos anos 90 do século XX e vivem hoje no século XXI, ou seja, muitos cresceram totalmente nesse mundo em que o celular, o computador, a *internet* e as redes sociais sempre foram parte do cotidiano, alcançando cada vez mais os adolescentes, a ponto de se tornarem uma das principais formas de comunicação, como pode se observar hoje, por meio de dados estatísticos. Apresento abaixo, com base nos últimos dados relevantes provenientes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2011), referentes ao uso da *Internet*, a nível nacional sobre o intervalo entre 2005 e 2011, considerando intervalo de três anos (Tabela 1).

Tabela 1 - Uso da internet por idade nos anos de 2005, 2008 e 2011

Idade	2005	2008	2011
10 a 14	24,3 %	50,9%	63,6%
15 a 17	33,7 %	62,7%	74,1 %
18 e 19	32,7%	59,6%	71,8 %

Fonte: IBGE (2011)

Ainda segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2011), realizada pelo IBGE (2011) e uso da *Internet* no sul do Brasil foi de 1689 para a idade de 10 a 14 anos, 1212, para indivíduos entre 15 a 17 anos e 678, para a faixa etária de 18 a 19 anos. Outro dado importante nessa Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2011), realizada pelo IBGE (2011) é o comparativo do número de pessoas que possuíam telefone celular para uso pessoal em

2005 e 2011, destacado na Tabela 2, também criada pela pesquisadora:

Tabela 2 - Comparativo do número de pessoas que possuíam telefone celular em 2005 e 2011

Idade	2005	2011
10 a 14	19,2%	41,9%
15 a 17	35 %	67,5%
18 e 19	42,3%	77,5%

Fonte: IBGE (2011).

Como pode ser visto nas tabelas, crianças, adolescentes e jovens têm cada vez mais acesso as mídias⁶, o que pode muitas vezes ocorrer sem supervisão e orientação como aparece também em pesquisa anterior, de Belloni et al. (2007). Portanto, desde aquelas datas temos dados concretos de que essas crianças e adolescentes podem estar expostos a situações de risco, na *Internet* e nas redes sociais⁷.

Para continuar a reflexão, resgato a questão de que as transformações provenientes de cada momento histórico vivido pela humanidade modificam as relações entre as pessoas e com isso, ocorrem mudanças significativas nos paradigmas, na forma de pensar, agir e ser. No momento atual, em que cada vez mais pessoas têm acesso ao computador, à *Internet*, ao celular, as redes sociais e aos aplicativos, ocorreram mudanças significativas nos negócios, na educação, na saúde, na política, na individualidade, segundo Turkle (2012). Para ela, o alcance global da conectividade pode transformar o posto avançado mais isolado em um centro de atividades econômicas ou de aprendizagem. A conectividade oferece novas possibilidades de experimentar identidades e particularmente na adolescência, o senso de espaço livre, que pode ser um espaço seguro para viver experiências. (ERIKSON *apud* TURKLE 2012). Este é

⁶ Idem.

⁷ Segundo informações do Site Cetic.org.br, 45 % dos domicílios no sul do Brasil possuem acesso à internet e estão distribuídos nas classes sociais, da seguinte forma: A - 96 %, B - 76% , C - 35, DE - 5%.

um tempo relativamente livre de consequências, para que os adolescentes façam o que precisam: se apaixonar e desapaixonar por pessoas e ideias. A vida real, às vezes não permite isso, a *Internet* sim. Com as redes sociais: *Facebook*, *Twitter* e outros recursos disponíveis é possível explorar identidades. Para muitos, esse lugar virtual é conhecido como um lugar de esperança, o lugar onde algo novo virá até eles (TURKLE, 2012). No passado, pessoas esperavam pelo som do carteiro chegando, de carro, caminhão ou caminhando até a sua casa. Hoje checamos *e-mails*, textos e mensagens. (TURKLE 2012).

Esse novo contexto composto pelas mídias⁸, em que se passa muito tempo conectado acaba, segundo Turkle (2012), promovendo o desenvolvimento de uma nova individualidade, marcada pelo fato de que, às vezes, estamos juntos fisicamente, mas não estamos presentes, isto é, amigos podem se encontrar e não dialogar presencialmente entre si, mas por meio das mídias. Adolescentes e jovens pontuam que, para demonstrar afeto, basta enviar mensagens de texto e seus amigos saberão que ele se importa. Turkle (2012) nos mostra ainda que estar conectado hoje não é somente questão de distância física, mas tem relação também com as mídias disponíveis. Na verdade, estar só está se tornando uma pré-condição para estar junto, porque é mais fácil se comunicar se você puder focar na sua tela, sem interrupções. Neste novo regime, uma estação de trem, um aeroporto, um café, deixam de ser espaços comuns e passam a ser um lugar de coleção social: pessoas estão juntas mas não dialogam. Cada indivíduo está conectado, acorrentado a um aparelho móvel e a outras pessoas por meio dos aparelhos. Nesses lugares públicos, cada aparelho funciona como um portal para outros lugares e para encontrar outras

⁸ O conceito de mídia utilizado foi cunhado por Sartori (2012): mídia é todo dispositivo que viabiliza a comunicação. Esse conceito é o que norteia nossa discussão, porém as mídias a que nos referimos são o computador, a internet, as redes sociais (*Facebook*, *Twitter* e *Youtube*) e os aplicativos como o *Skype*, *Whatsapp* e *Instagram*.

pessoas. (TURKLE, 2012, p. 155). Quando as pessoas falam ao telefone em locais públicos, o senso de privacidade é sustentado pela presunção de que aqueles ao seu redor os tratarão como anônimos e ausentes, como se estivessem sozinhos na multidão e ninguém estivesse ouvindo. Percebe-se assim, que o senso de público e privado também se transformou, pois quando o indivíduo se percebe sozinho em um local cheio de pessoas, se comporta como se assim fosse. E esses novos comportamentos se refletem muito fortemente na vida dos adolescentes de hoje, especialmente nas manifestações da sua sexualidade via *Internet*.

2.3 REFLEXOS DESSAS CATEGORIAS NO COTIDIANO DO ADOLESCENTE

Ao aprofundar os estudos sobre a realidade brasileira no que diz respeito ao relacionamento dos adolescentes com o mundo midiático em que vivem, encontramos duas importantes pesquisas: a primeira foi uma pesquisa realizada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF, em 2013, sobre o Uso da *Internet* por Adolescentes, na qual foram entrevistados 2002 adolescentes brasileiros, com idade entre 12 e 17 anos. A segunda pesquisa denominada Caracterização do público jovem das TIC: Representações, usos e aprendizagens (colaboração e autodidaxia), empreendida pelo Grupo de Pesquisa Comunic, da Universidade Federal de Santa Catarina, entre os anos de 2002 e 2007 foi coordenada pela professora doutora Maria Luiza Belloni.

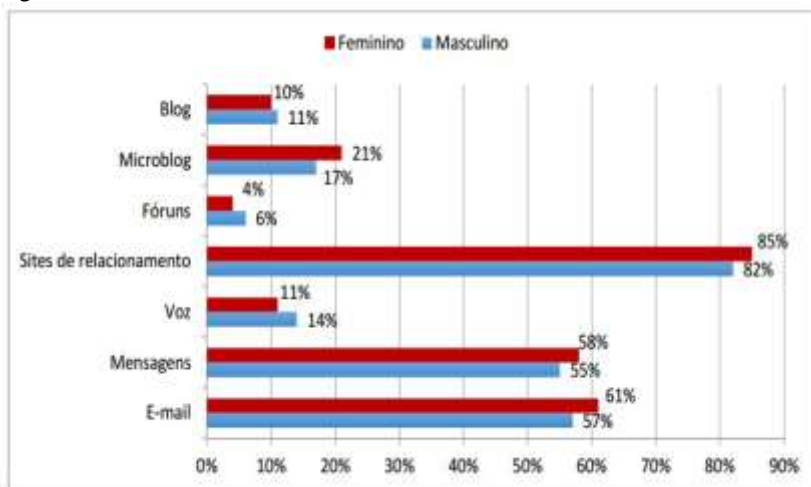
A primeira pesquisa, realizada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF utilizou o censo de 2010 para análise dos dados. Segundo o censo, tínhamos em 2010, 21 milhões de adolescentes no Brasil, destes 70% tem acesso à *Internet*, o que equivale a 15 milhões de adolescentes brasileiros que tem acesso à rede, portanto temos seis milhões de adolescentes brasileiros sem acesso a ela. Entre os que não

têm acesso, encontram-se os mais pobres, os que vivem na zona rural, os com baixa escolaridade e os adolescentes indígenas. Na região sul do Brasil, 79,30% dos adolescentes tem acesso a rede contra 20,70% que ainda não possuem acesso. Com relação ao acesso por idade, temos a seguinte distribuição: de 12 a 14 anos, 67% tem acesso à rede e de 15 a 17 anos, 78,5% dos adolescentes têm acesso a rede.

Ainda segundo essa pesquisa, dentre os entrevistados 64% usam a internet diariamente, 26% utiliza semanalmente e 9% utilizam somente uma vez por mês ou menos. Para ter uma visão mais detalhada, os adolescentes responderam para que usam a rede e as respostas ficaram assim distribuídas: 76% usa para diversão, 66% para fazer amizades, 61% para trabalho escolar e 40% para buscar informações. As ferramentas utilizadas: redes sociais 84%, jogos *online* 69%, *e-mail* 59% e mensagens, 57%. Como podemos perceber, o principal uso da *Internet* é como ferramenta de comunicação. Importante destacar também que as ferramentas que dependem de atividade autoral mais intensa não são muito utilizadas pelos adolescentes. Segundo o documento produzido pelo UNICEF (2013), um dos desafios da inclusão é estimular os adolescentes a produzir conteúdo e não somente acessá-lo.

Esse documento do UNICEF (2013) nos mostra os seguintes dados, dentre outros:

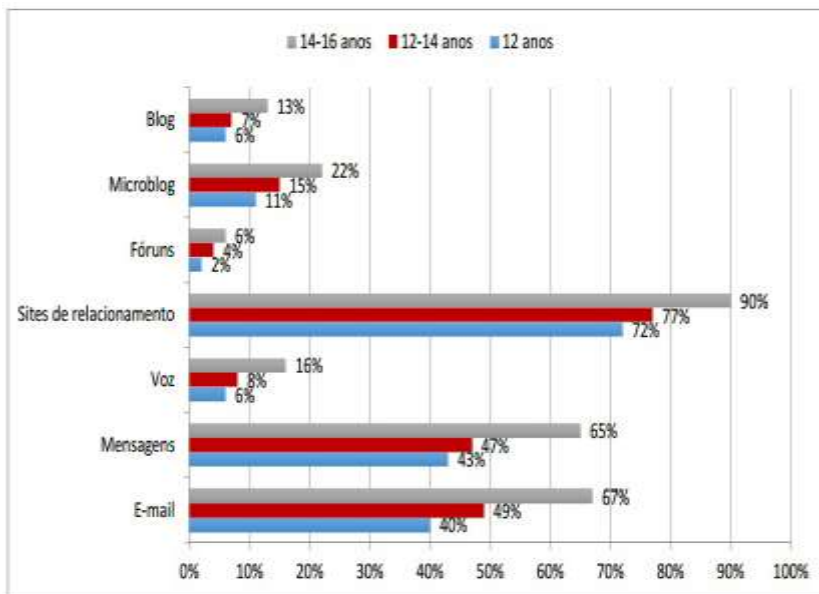
Figura 1 - Gráfico da pesquisa UNICEF denominado uso de ferramentas por gênero



Fonte: <http://www.unicef.org/brazil/pt/br_uso_internet_adolescentes.pdf>.

Observação: o universo de adolescentes considerado neste gráfico refere-se a todos os entrevistados que já utilizaram um computador e *Internet* nos três meses anteriores a esta pesquisa.

Figura 2 - Gráfico da pesquisa UNICEF denominado uso de ferramentas por idade



Fonte: <http://www.unicef.org/brazil/pt/br_uso_internet_adolescentes.pdf>.

Observação: o universo de adolescentes considerado neste gráfico refere-se a todos os entrevistados que já utilizaram um computador e *Internet* nos três meses anteriores a esta pesquisa.

Nota-se, a partir dos gráficos acima, que o uso das redes sociais é maior entre adolescentes de 15 a 17 anos. Enquanto 75% dos adolescentes de 12 anos afirmam ter um perfil, esse número salta para 90% entre os adolescentes de 15 a 17 anos.

Sobre as redes sociais e a segurança, a pesquisa nos mostrou os seguintes dados: dos entrevistados, 65% afirmou que nunca ativou a informação de sua localização nas redes sociais e 24% só disseram onde estão diante de certas condições. Apenas 10% dos entrevistados afirmaram sempre indicar sua localização ao usar as redes sociais. Entretanto, esse comportamento não foi homogêneo entre as regiões brasileiras. Enquanto apenas 7% dos adolescentes da Região Sul sempre

informavam a sua localização, esse número subiu para 22% na Região Norte.

Sobre adicionar desconhecidos, 21% dos entrevistados afirmam ter incluído desconhecidos em suas redes, sendo que 33% dos adolescentes o fizeram dentro de determinadas condições.

Embora a maioria dos adolescentes (61%) não costume encontrar as pessoas que conhece via redes sociais, foi relativamente alta (39%) a porcentagem dos entrevistados que já vivenciaram essa experiência. Os encontros ocorreram mais entre os meninos (48%) do que entre as meninas (31%).

A pesquisa do UNICEF explorou também a exibição de imagens (fotos/vídeos). Sobre isso, notou-se que é bem mais comum postar fotos (66%) do que vídeos (23%) na *Internet*. Entre os que disponibilizaram fotos, 91% incluíram imagens de sua vida pessoal, em que apareceram familiares, sua casa ou o próprio adolescente. No caso dos vídeos, 68% dos que postaram incluíram cenas da vida pessoal. Entre as regiões brasileiras, Norte (93%), Sudeste (94%) e Sul (92%) se destacaram por maior exibição de fotos pessoais, em comparação com as regiões Nordeste (89%) e Centro-Oeste (86%). Com relação ao gênero, enquanto 94% das meninas exibiram imagens, 88% dos meninos o fizeram. Entre os entrevistados, 19% afirmou já ter acessado sites com conteúdo sexual, restrito a menores de 18 anos. Na metodologia da pesquisa, permitiu-se a presença dos pais durante as entrevistas, o que pode ter influenciado nas respostas referentes a esta questão.

O controle do acesso a *internet* também foi investigado: 54% afirmaram ter algum tipo de acompanhamento, 46% declararam não ter nenhuma forma de controle por parte de seus pais. O fato de 19% dos adolescentes que acessam a *Internet* afirmarem já ter acessado sites de conteúdo impróprio para menores de 18 anos indica a exposição de um grupo

expressivo a conteúdos inadequados à sua fase de desenvolvimento.

O fato de 48% dos meninos e 31% das meninas já ter encontrado pessoalmente alguém que só haviam conhecido pela *Internet* pode ser um indicador de que ela ajuda a ampliar as possibilidades de conhecer novas pessoas, mas também pode revelar uma exposição a situações de vulnerabilidade caso não sejam tomados os cuidados adequados.

O compartilhamento de informações pessoais, a exposição de situações de seu cotidiano, fotos de toda natureza e a permissão de acesso livre a qualquer pessoa aos seus dados é um fator que torna o adolescente vulnerável às pessoas que queiram manipular essas informações para constranger, assediar ou expor o adolescente.

A pesquisa investigou, também, a discriminação na rede. Os adolescentes se sentem mais discriminados na vida real do que na *Internet*. Enquanto 14% dos adolescentes revelaram já ter sofrido algum tipo de discriminação na vida real, quando perguntados se já haviam sofrido algum tipo de discriminação na *Internet*, o percentual foi de 6%. Entretanto, quando perguntados se já presenciaram situações de discriminação ou assédio contra outras pessoas na *Internet*, 14% já viram alguém ser abordado insistentemente por pessoa desconhecida; 10% já viram alguém ser abordado com conteúdo sexual ou pornográfico; 27% já viram alguém ser discriminado por causa de sua raça/cor; e 22% já viram alguém ser desrespeitado por gostar de alguém do mesmo sexo.

Essa pesquisa do UNICEF apresentou algumas conclusões importantes para esse estudo, tais como: as principais atividades dos adolescentes na *Internet* estão relacionadas às redes sociais, ao entretenimento e à busca de informações; adolescentes das famílias de maior renda têm acesso à *Internet* em suas casas e os de menor renda fazem-no em centros pagos.

A segunda pesquisa que encontrei foi realizada em quatro municípios da grande Florianópolis, por Belloni et al. (2007) e nos mostrou semelhanças e diferenças no que diz respeito a relação entre jovens e *internet*, se comparados a jovens de países ricos. Uma das conclusões dessa pesquisa foi que o Brasil, por ser um país periférico do novo mundo, incorpora rapidamente as inovações técnicas na medida das possibilidades socioeconômicas. Ou seja, o acesso às novas tecnologias também é marcado por desigualdades. Belloni et al. (2007) revelou também que os maiores utilizadores estavam entre os alunos de escolas particulares. Foram entrevistados 373 jovens, e desses 73% já utilizaram a *Internet* somente “algumas vezes”.

Essa mesma pesquisa investigou as representações dos jovens quanto à *Internet*, explorando os aspectos descritos a seguir. O primeiro, referente ao significado da *Internet*. Dentre os 225 jovens que responderam a questão, 51% disseram que a *Internet* tem a função de comunicação da rede mundial de computadores, 28% indicaram a função de acesso ao conhecimento e à educação. Somente 22% apontaram a função de informação e 9% indicaram a *Internet* como lazer. O segundo aspecto foi sobre a importância da *Internet* na vida das pessoas. Sobre isso, evidenciaram-se duas funções: *Internet* como fonte de informação e como fonte de conhecimento e educação. Apenas 15% destacaram a função de comunicação interativa, também dados desta pesquisa. Uma minoria, 0,6% apontou a *internet* como importante para o lazer, enquanto 19% lembraram a utilidade geral da rede.

Outro ponto importante dessa pesquisa direcionou-se à compreensão da acessibilidade e dos modos de uso da rede pelos jovens. Para esta categoria, utilizaram-se os dados referentes aos 271 jovens utilizadores mais ou menos regulares. Neste grupo, foram levantados alguns aspectos referentes ao uso da *internet* em casa e qual a ação dos pais diante disso. Sobre a importância do grupo de pares e mídias, bem como a

importância da escola e da família com relação à descoberta de novos sites, notou-se que: 76% descobriram novos *sites* com amigos; 47% descobriram por meio das mídias (TV, rádio, revista e jornal), um grupo menor indicou os professores (8%) ou os pais (3%) como fonte de informação sobre novos sites. Segundo os jovens, 44% dos pais tentam exercer controle sobre o uso da *internet* contra 48% dos pais que não percebem a *Internet* como algo negativo ou perigoso, sendo as restrições feitas com relação ao tempo gasto e ao custo da conexão. As práticas dos jovens, mais frequentes encontradas em 2007 eram: bate-papo (46%) e interação via *E-mail* (46%); estudo (23%); navegar ao acaso (34%); fazer *download* de jogos (30%). O que queremos destacar aqui é que o número de adolescentes que utilizavam a *Internet* sem supervisão e orientação (48%) é maior do que aqueles que eram orientados (44%) e esse elemento pode ser uma das causas que os coloca em situação de risco.

Esses dados, referentes à região da grande Florianópolis nos mostraram, já em 2007, que a população jovem tem tido cada vez mais acesso às tecnologias de informação e comunicação e, em sua maioria, sem orientação. Os dados da pesquisa supracitada revelaram vários usos que são feitos da *Internet*. A *Internet*, em 2007, já era utilizada pelos adolescentes como fonte de informação e lazer. Essa forma de manter-se informado e se divertir nos remete ao mundo conectado em rede, contexto esse chamado por Debord (2003) de Sociedade do Espetáculo.

Turkle (2012), Debord (2003) e os dados apresentados em ambas as pesquisas citadas aqui, nos mostram que os adolescentes vivem e se relacionam em um mundo conectado em rede. Nesse mundo, o conteúdo publicado, postado, recebido, encaminhado e enviado é público e, sem as devidas precauções, acessível a todos. Como disse Debord (2003), vivemos em um eterno panóptico. Considerando que, sem as devidas precauções, em tese, todas as pessoas poderão acessar

o conteúdo disponível na rede, é preciso que as crianças e adolescentes recebam apoio e sejam supervisionados por adultos ao utilizar a *Internet*. O relatório apresentado pelo UNICEF (2013) reforça essas necessidades ao pontuar que:

[...] para os adolescentes, a *Internet* é uma grande biblioteca; um lugar para fazer amizades; um caminho para o avanço profissional; e um local que possibilita contato com outros povos. Num balanço geral sobre os dados obtidos nesta pesquisa, é possível afirmar que os adolescentes vêm fazendo um uso da *Internet* que demanda maior apoio, orientação e acompanhamento dos adultos. (UNICEF, 2013).

É esse contexto da era digital, que brotou da modernidade e vem se solidificar na sociedade do espetáculo, que destaco aqui. Essa é a realidade do adolescente brasileiro hoje. Mas quem é esse ser que chamamos de adolescente?

3 AFINAL, O QUE É SER ADOLESCENTE HOJE?

Com o objetivo de compreender o que é ser adolescente em um mundo conectado em rede pelas mídias, é necessário registrar que as manifestações da puberdade sempre ocorrem em todos os jovens, de todas as épocas, em todas as culturas, pois é a maturação do contexto biológico, no qual “os hormônios, mensageiros bioquímicos do organismo, promovem a transformação da criança em adulto, dando-lhe a capacidade de gerar descendentes.” (WÜSTHOF, 1995, p. 24 apud POLETTI, 2010, p.66).

Segundo Collins e Sprinthall (2003, p. 191), a puberdade, em todas as culturas, marca o início de mudanças significativas para o indivíduo: “quando o indivíduo atinge a puberdade, ou uma idade específica-13 anos, por exemplo - é confrontado com novos papéis, oportunidades e responsabilidades.” Ainda, para esses autores, puberdade é o final do período de transformações físicas que conduzem à maturidade reprodutiva. É na puberdade que é alcançada a capacidade de reprodução.

A puberdade é uma etapa fisiológica em que o ser humano adquire a capacidade de procriar; já a juventude, pode ser definida como “um importantíssimo período de desenvolvimento psicossocial, marcado pela riqueza das transformações corporais, psíquicas e sociais.” (SILVA, 2001, p. 26).

Segundo Poletti (2010), o conceito de adolescência passou a designar o período até então chamado de juventude no final do século XVIII. Campos (1986) também compartilha dessa ideia ao afirmar que o termo adolescência surgiu no final do século XVIII e foi disseminado, no mundo, no século XX. Ainda segundo ela, mesmo antes disso, pais, educadores, filósofos, cientistas sociais e clínicos se preocupavam com as questões da juventude. Como exemplos, Campos (1986) cita Platão, Aristóteles e Sócrates. Segundo Ariès (1981), a

adolescência foi um fenômeno que surgiu na Alemanha e chegou até a França em torno dos anos 1900. Segundo Collins e Sprinthall (2003), o primeiro estudo amplo sobre a psicologia da adolescência foi feito por Granville Stanley Hall, no ano de 1904. William Healy, em 1915, publicou o primeiro estudo sistemático dos fatores psicodinâmicos na delinquência juvenil.

O conceito de adolescência é um conceito moderno, construído pelos seres humanos, dentro de sociedades urbanas. Ariès (1986), citado por Freitas et.al. (2004, p. 19), o confirma:

[...] o conceito de adolescência surge em nossa cultura (ocidental) no século XVIII e que é, na realidade, concomitante ao momento em que também surge o conceito de infância, pois os sentimentos sobre a infância, a adolescência e até sobre família não existiam até o final desse século.

Para definir a faixa etária denominada adolescência, são utilizados critérios políticos e estatísticos⁹. Segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS, a adolescência inicia aos 10 anos e se estende até os 19 anos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, Lei nº 8.069/1990, define adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade, e, em casos excepcionais e quando disposto na lei, o estatuto é aplicável até os 21 anos de idade (artigos 121 e 142). Quando me referir à adolescência, estarei utilizando a definição do ECA.

Diante do exposto sobre a puberdade, sobre um construto sociocultural denominado adolescência e a respeito do marco legal brasileiro relacionado a esse construto, apresentaremos a seguir algumas teorias a respeito da adolescência.

⁹ World Health Organization - WHO. (OMS, 1986).

3.1 TEORIAS A RESPEITO DA ADOLESCÊNCIA

O estudo a respeito das teorias da adolescência será dividido em dois momentos. No primeiro abordarei um breve histórico sobre a adolescência com base em Campos (1986) e Collins e Sprinthall (2003). No segundo momento, apresentarei as principais ideias de Aberastury e Knobel (1992) e Erikson (1976) ver os outros livros e anos e os estudos de Clelan Ford, Frank Beach, John Whiting, Irvin Child, William Simon e John Gagnon sobre sexualidade encontrados na obra de Collins e Sprinthall (2003), intitulada “Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista”.

Granville Stanley Hall, segundo Collins e Sprinthall (2003) foi o estudioso que criou um lugar para a adolescência ao torná-la um importante período do desenvolvimento humano. Para esse autor, os fatores que levaram à descoberta da adolescência, do ponto de vista social e econômico foram: movimentos do trabalho, industrialização e urbanização, identidade nacional construída com a guerra civil e a imigração. Além disso, a tomada de consciência de objetivos demográficos fundamentais marcou essa “descoberta”. Segundo Hall, citado por Collins e Sprinthall (2003), com essa descoberta, iniciou-se uma mudança na educação visando melhores profissionais para o mercado de trabalho norteamericano. Fato que ele explicou afirmando que, na adolescência, era possível a seleção de alguns jovens do sexo masculino para serem ensinados nas funções de cidadania e liderança. Os demais rapazes deveriam fazer trabalho manual. As mulheres deveriam ser preparadas para o casamento e para a puericultura. A teoria de Halls foi elaborada com base no darwinismo e pressupôs que a adolescência é um estágio evolutivo do desenvolvimento vivenciado por todos os seres humanos como qualquer outra fase.

As teorias sobre adolescência, segundo Campos (1986), possuem raízes históricas nas teorias pré-formistas e

predeterministas que consideram o desenvolvimento um conjunto de mudanças predeterminadas e reguladas internamente, ou seja, baseadas em aspectos biogenéticos.

Segundo Aberastury e Knobel (1992) e Erikson (1976), a adolescência é uma etapa do desenvolvimento com características bem marcantes, na qual se constrói a identidade adulta a partir de conflitos internos, processo marcado por várias crises e fortes ambiguidades.

De acordo com Campos (1986), para a psicanálise, desenvolvida por Sigmund Freud, a adolescência é o ajustamento da personalidade as mudanças vivenciadas a partir da puberdade. A Psicanálise foi construída com base somente em aspectos biogenéticos. Freud, segundo Collins e Sprinthall (2003), construiu uma visão sobre a natureza do homem com base na ideia de que certas pressões psicológicas muito fortes, denominadas pulsões instintivas são inatas em cada pessoa.

As teorias de pesquisadores como Hall e Freud, embasadas em fatores biogenéticos começaram a ser questionadas com o Behaviorismo de Watson e com os estudos da antropologia cultural. Esse contraponto foi feito com o advento dos estudos ambientalistas ou socioculturais. Autores como Margarete Mead e Ruth Benedict basearam suas descobertas no Behaviorismo de Watson, enquanto que Hurlock, Stone e Church, psicólogos desenvolvimentistas partiram da antropologia cultural para desenvolver suas teorias. (CAMPOS, 1986 e SPRINTHALL; COLLINS, 2003).

Segundo Campos (1986) e Collins e Sprinthall (2003), além de Mead, outros antropólogos culturais, como Benedict conseguiram provar, com suas experiências, que a agitação e tensão manifestada pelos adolescentes em grande medida é regida pelas expectativas da cultura onde eles estão inseridos. Somente a partir dos estudos da sociologia e da antropologia cultural é que a influência dos aspectos culturais na adolescência passaram a ser considerados.

A antropóloga Ruth Benedict, segundo Collins e Sprinthall (2003), concluiu, a partir de suas pesquisas, que o principal determinante das dificuldades da adolescência era o grau em que o processo de socialização que preparava os indivíduos para a entrada na idade adulta, era descontínuo em cada sociedade. Por descontínuo, Benedict referiu-se se a necessidade de cada indivíduo aprender um determinado conjunto de comportamentos, papéis e atitudes da vida adulta. Isto é, o que se aprende na infância não é conhecimento válido para a adolescência. Para construir a identidade adulta plena e saudável é importante essa descontinuidade de comportamentos. Benedict descobriu três dimensões da descontinuidade, especialmente importantes na determinação da natureza da adolescência. São as seguintes: responsabilidade-irresponsabilidade; dominância e submissão; atividade sexual e ausência de atividade sexual. Como podemos ver, Benedict também destaca ambiguidades.

O aspecto principal salientado por Benedict consiste no fato de que a adolescência é um período difícil e agitado em que é exigido que os adolescentes se tornem indivíduos responsáveis, dominadores e sexualmente ativos em um curto espaço de tempo, depois de terem sido ensinados e encorajados a criar padrões comportamentais completamente opostos durante a infância. (SPRINTHALL; COLLINS, 2003, p.22-23). Para esses antropólogos, a aprendizagem social é a base de todas as perturbações e dificuldades que ocorrem na adolescência.

Campos (1986) aponta, ainda, que essas discussões se ampliaram e os estudiosos da adolescência chegaram à conclusão de que não é possível conseguir uma compreensão adequada sobre o desenvolvimento da adolescência, sem analisar as mudanças biológicas em conjunto com as influências culturais às quais o indivíduo é submetido.

Os adolescentes não podem ser considerados somente do ponto de vista de seus conflitos e

processos internos, mas [...] considerados biossocialmente, com as pressões dos grupos que o circundam e com ênfase, às vezes, nos valores em conflito, dos múltiplos papéis que costuma assumir. (CAMPOS, 1986, p. 32).

Nesse sentido, utilizei as contribuições de Erikson (1976) sobre a formação da identidade do adolescente, que como já citado, possui uma perspectiva teórica construída não somente a partir de aspectos biológicos, mas também a partir de aspectos culturais. O aspecto fundamental da teoria ericksoniana relaciona-se ao conceito de epigênese, que é o fato de que o crescimento psicológico ocorre em fases e estádios de acordo com um plano de fundo. Para Erikson (1976), o desenvolvimento é caracterizado por dimensões bipolares específicas. A resolução dessas bipolaridades é que tornaria o indivíduo uma pessoa saudável. Para ele, cada estádio é um ponto que determina um desenvolvimento saudável por oposição a um desenvolvimento patológico. O crescimento saudável implica a busca do equilíbrio e a superação positiva da crise, gerada pela bipolaridade. Essa superação desenvolveria no sujeito sentimentos como esperança, vontade, propósito, competência, fidelidade e amor.

Ainda segundo Erikson (1976), na adolescência, o indivíduo se encontra no estádio chamado “identidade versus difusão” e busca atingir o estádio chamado “intimidade versus isolamento”. Na fase denominada adolescência, a principal tarefa a resolver é a crise da identidade pessoal, pois o autoconceito foi construído pela forma como nós nos vemos e pela forma como os outros nos veem. Esses dois elementos constituirão a base da nossa personalidade adulta. Collins e Sprinthal (2003, p. 199-200) destacam um fragmento da obra de Erikson, importante para essa discussão:

[...] se esse alicerce for firme e forte, dele resultará uma sólida identidade pessoal; se isso não acontecer, a consequência será

aquilo que Erikson chama identidade difusa. A difusão da identidade refere-se a algo semelhante a uma amnésia constante ou a uma peregrinação perpétua sobre a superfície da terra em busca do eu. Sem qualquer sentido de passado ou de futuro, as personalidades difusas são habitantes estranhos na sua própria terra, sem raízes nem história. A sensação de alienação pessoal impede o estabelecimento de um núcleo estável da personalidade.

Para Erikson (1981), portanto, esse processo de formação de identidade que ocorre na adolescência depende da interação. O plano de fundo dessa interação representa os pólos opostos da formação por oposição a difusão e indica os resultados possíveis da questão: quem sou eu? Ainda para ele, esse processo é formado por dois pontos básicos: 1) o sentido de identidade e unidade verdadeiramente sentido pela pessoa; e 2) o reconhecimento dessa unidade pelos adultos.

Erikson (1976) também descreve que na formação da identidade adulta, os adolescentes buscam um novo sentido de continuidade e uniformidade que inclui a maturidade sexual. Na infância, o indivíduo vai se constituindo muito mais pelas características de sua família, enquanto que na adolescência, o indivíduo busca na sociedade, elementos para construir sua identidade, seja por assimilar as ideologias de um determinado grupo ou por meio das críticas à sociedade.

Sobre a formação da identidade, Aberastury e Knobel (1992) concorda com Erikson (1976) no que diz respeito ao processo de formação da identidade. Para ela, o adolescente substitui elementos provenientes da família por elementos da sociedade, que é representada pelo grupo com o qual o adolescente se identifica. Esse grupo irá auxiliar na busca de uniformidade, trazendo para o adolescente, segurança e estima pessoal. Pertencer ao grupo significa seguir as regras do grupo em relação a modas, vestimenta, costumes, preferência de

todos os tipos, também representa a oposição às figuras parentais e uma maneira ativa de determinar uma identidade diferente da do meio familiar. É para o grupo escolhido que o adolescente irá transferir a dependência que antes tinha da família. É o grupo que reforça a mudança do ego e possibilita a transição do mundo externo para alcançar a individualização adulta. Enquanto o indivíduo não está totalmente preparado para assumir algumas responsabilidades, recorre ao grupo como um reforço de sua identidade. O indivíduo sente que estão ocorrendo mudanças das quais ele não pode participar de modo ativo e o grupo auxilia na solução de conflitos relacionados a essa mudança. Por conta dessa estrutura, o indivíduo pode sentir-se totalmente irresponsável pelo que acontece ao seu redor, como se ele não tivesse nada a ver com o que faz, o que revela a dependência que ele ainda tem dos adultos.

Aberastury e Knobel (1992) comenta também sobre as constantes flutuações do humor e do estado de ânimo, que são parte da personalidade. Nessa etapa do desenvolvimento, o corpo está mudando, não sendo mais aquele corpo infantil, mas um corpo adulto, com o pleno desenvolvimento dos órgãos genitais e reprodutores. Essa mudança física acontece simultaneamente com mudanças psíquicas significativas relacionadas a hormônios e neurotransmissores que por sua vez são a causa de constantes flutuações do humor e do estado de ânimo.

Para Erikson, citado por Collins e Sprinthall (2003), a intimidade é um estágio da evolução do indivíduo e só poderá ser atingido após a conclusão do processo de formação de identidade. Para ele, intimidade é o ato de compartilhar as principais experiências e compromissos emocionais em um processo de igualdade e reciprocidade. Seguindo esse raciocínio e considerando que, segundo Erikson, a atividade sexual com outra pessoa é uma experiência muito forte e profunda, o indivíduo não conseguirá tomar uma decisão

complexa e completamente informada sobre sua sexualidade, antes do fim da adolescência, pois sua identidade não está completamente formada.

Para a compreensão destas questões sobre a sexualidade do adolescente, antes de abordar as teorias, resgato o conceito amplo de sexualidade segundo a Organização Mundial da Saúde (1975):

[...] a sexualidade faz parte da personalidade de cada um, é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito (relação sexual) e não se limita à ocorrência ou não de orgasmo. Sexualidade é muito mais que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas, e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto a saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada um direito humano básico. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1975).

A maturidade sexual envolve algumas transformações primárias da adolescência, mas segundo Collins e Sprinthall (2003), a emergência da sexualidade é um processo complexo, baseado não somente nas alterações biológicas. A puberdade é uma parte do desenvolvimento da maturidade sexual.

Para Collins e Sprinthall (2003, p. 407), a dificuldade em compreender a sexualidade do adolescente relaciona-se com o fato de que é necessário saber em que grau a sua natureza é determinada pelas transformações pubertárias e em que medida é também reflexo de expectativas sociais e culturais, ou de padrões de comportamento que foram

aprendidos. Esses mesmos autores citam também Ford e Beach, que estudaram os padrões de comportamento sexual na adolescência e concluíram que os fatores sociais e culturais têm um importante papel no aparecimento da sexualidade, durante a adolescência. Segundo Collins e Sprinthall (2003), os antropólogos John Whiting e Irvin Child afirmam que essas diferenças culturais relativas às atitudes culturais relacionadas aos padrões sexuais originam diferenças a nível psicológico. Por exemplo, nas sociedades em que o sexo é proibido antes do casamento espera-se que a culpa seja um fenômeno psicológico mais comum do que nas sociedades que defendem atitudes mais permissivas em relação à expressão sexual.

Vemos, portanto, que, por estarem os jovens em diferentes níveis de maturidade, as interpretações acerca das informações transmitidas sobre sexo são diferentes. Essas diferentes interpretações e juízos críticos feitos ou não pelos adolescentes é que levam ao aparecimento de grandes diferenças comportamentais no domínio da sexualidade, inclusive com seus reflexos no mundo midiático em que esses adolescentes vivem hoje.

Segundo Aberastury e Knobel (1992), o adolescente segue rumo ao desenvolvimento da sexualidade plena, saudável. Porém, o desenvolvimento dessa sexualidade plena depende da educação sexual vivenciada pelo sujeito. Essa educação sexual ocorre em vários espaços: família, escola, centros de saúde, amigos, vizinhos, televisão, mídias eletrônicas, mídias impressas, dentre outros. Melo (2004) pontua que somos todos educadores sexuais uns dos outros queiramos ou não, saibamos ou não. Ou seja, sempre estamos educando sexualmente uns aos outros em nossas relações sociais. O ser humano, sempre sexuado desde o início de sua vida, é educado nas relações sociais que estabelece com os adultos com quem convive, com seus pares e pelos valores repassados pelos meios de comunicação, mas também educa à medida que aprende e se desenvolve. A nossa sexualidade é

construída e reconstruída, em suas significações, nessas relações e no contexto histórico-social e cultural em que elas ocorrem.

Segundo Nunes (1987), ao longo da história da espécie humana, a sexualidade se manifestou e se transformou dentro de processos permanentes de educação sexual. As mudanças biológicas, psíquicas, sociais e culturais vivenciadas pelo ser humano nesses processos promoveram transformações nas manifestações da sexualidade e na forma de abordagem vivenciada de educação sexual, reflexos dessa construção sócio histórica e cultural.

Caridade (1999, p. 15) concorda com essa ideia ao dizer que:

[...] o indivíduo constrói-se em seu tempo, em sua cultura, em seu cotidiano. Nessa construção ele vai adquirindo referências tanto dos valores do contexto cultural em que se insere como das marcas quem escreveu em seu corpo, em seu imaginário, a partir dos processos educacionais aos quais esteve submetido. Um jogo de força se estabelece entre o cultural e o pessoal e o acompanhará por todo o seu viver. Nos dias atuais o indivíduo confronta se com uma cultura espetacular e narcisista e as referências da construção de sua sexualidade se deu em meio a um contexto de aparências temporalidades e um culto excessivo ao corpo e ao eu.

Essa realidade expressa por Caridade (1999) também influencia as manifestações da sexualidade, se a sabemos dimensão humana e se considerarmos que essas manifestações se transformam na medida em que o ser humano se transforma. Reafirmo que os processos de educação sexual e as consequentes manifestações da sexualidade são construídos nas relações estabelecidas entre os seres humanos, sempre

sexuados, na produção de suas vidas. Portanto a construção da sexualidade é um fenômeno sociohistórico e cultural também para os chamados adolescentes.

Segundo Caridade (1999), na sociedade do espetáculo, a sexualidade é veiculada na mídia como marketing para seduzir o mercado, para erotizar um produto. Dessa forma, a sexualidade perde seu sentido relacional e assim, o outro já não conta como sujeito, mas como objeto. Considerando a sexualidade vivida sem seu sentido relacional, veiculada na mídia como marketing, eu, adolescente, que vivo nesse mundo em que eu sou consumidor, mas também coinovador¹⁰ (TAPSCOTT, 2010) desses produtos, posso utilizar a vivência de minha sexualidade para criar um produto e lançá-lo no “mercado”.

A partir das discussões empreendidas até aqui, destacarei os pontos principais embasados nos autores que abordam as características dessa etapa do desenvolvimento denominada adolescência: Erikson (1976), Erikson citado por Collins e Sprinthall (2003) e Aberastury e Knobel (1992), como também os autores que possibilitam a compreensão do contexto em que hoje vivem os adolescentes, como Rivoltella (2007), Donald et al. (2005), Turkle (2012), Debord (2003) e Caridade (1999).

Sobre a fase denominada adolescência, os autores citados compartilham da ideia de que a principal tarefa dessa etapa do desenvolvimento é a formação da identidade adulta, processo esse marcado por crises e ambiguidades originadas em conflitos internos. Erikson (1981) destaca que a interação é o plano de fundo da formação da identidade adulta.

Tanto Erikson (1976), como Aberastury e Knobel (1992), pontuam que no processo de formação da identidade adulta, vivenciado pelo adolescente, os elementos de

¹⁰ Os adolescentes e jovens da geração internet são, enquanto consumidores, coinovadores dos produtos e serviços com seus fabricantes. (TAPSCOTT, 2010, p. 21).

identidade desenvolvidos na infância, com base no contexto familiar, serão substituídos pelos elementos provenientes da sociedade. A integração desses elementos se dá por meio da interação com um grupo, com o qual o adolescente se identifica. Esse grupo irá auxiliar na busca de uniformidade, ao trazer para o adolescente, segurança e estima pessoal.

Segundo Aberastury e Knobel (1992), na adolescência ocorre também a flutuação do humor, devido às mudanças biológicas e fisiológicas do corpo em desenvolvimento, causadas pela chegada de novos hormônios.

Outro ponto importante sobre a adolescência para esse estudo é a questão da intimidade, discutido por Erikson, citado em Collins e Sprinthal (2003). Segundo ele, a intimidade só poderá ser alcançada pelo indivíduo após a conclusão do processo de formação de identidade, pois intimidade é o ato de compartilhar as principais experiências e compromissos emocionais em um processo de igualdade e reciprocidade. Portanto, o indivíduo não conseguirá tomar uma decisão complexa e completamente informada sobre sua sexualidade, antes do fim da adolescência, se considerar que sua identidade não está completamente formada.

Esse ser denominado adolescente, com suas crises e confusões vive em mundo imerso no uso do computador e do celular, como nos mostraram as pesquisas apresentadas: a pesquisa coordenada por Belloni et al. realizada entre 2002 e 2007, a pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE de 2010 e a pesquisa realizada pelo UNICEF (2013).

Além disso, a pesquisa do UNICEF e da Belloni et al (2007) nos mostram que a maioria dos adolescentes que acessam a *Internet* o fazem sem orientação e supervisão o que nos aponta para a vulnerabilidade do adolescente ao acessar a rede, sem que sejam tomados os cuidados necessários.

Segundo Rivoltella (2007) e Donald et al. (2005), os adolescentes de hoje conseguem realizar várias atividades ao

mesmo tempo. Para Rivoltella (2007), isso possibilita uma elaboração cognitiva muito rápida, porém pode deixar os adolescentes na superficialidade de vínculos e de elaboração de informações.

Turkle (2012) nos mostra que estar sozinho é uma prerrogativa para estar junto com as pessoas e essa é a nova forma de viver as relações dos seres humanos em nossa sociedade hoje, forma essa que pode ser considerada estranhamento, alienação. Ao mesmo tempo em que estou sozinho em frente a uma máquina, estou em uma multidão ao disponibilizar na rede conteúdos sejam eles pessoais ou não. Assim, tenho atenção das pessoas por meio das curtidas, dos feedbacks recebidos, das cutucadas e do compartilhar. Além disso, segundo Turkle (2012), é mais fácil lidar com uma tela do que lidar com outro ser humano pessoalmente, pois se não quero mais interagir, basta desligar o computador, sair da rede, não responder o e-mail, não cutucar, não visualizar ou não compartilhar.

Essa nova individualidade é marcada pelo fato de que às vezes estamos juntos fisicamente, mas não estamos presentes. Muitas vezes, as pessoas, os amigos podem se encontrar pessoalmente e não dialogar entre si, mas por meio das mídias. Para os adolescentes, segundo Turkle (2012), basta enviar mensagens de texto para seus amigos como forma de demonstrar afeto.

Segundo Debord (2003), os adolescentes de hoje buscam chamar a atenção, criar imagens para responder ao padrão estabelecido pelo atual contexto social, cultural, econômico e político em que vivemos. Às vezes o fazem, sem dar-se conta de que essa prática pode colocá-los em situações constrangedoras ou de risco. Isso também pode ocorrer pelo sentimento de onipotência que pode ser comum na adolescência segundo Aberastury e Knobel (1992).

Turkle (2012) resgata a ideia de Erikson sobre a interação para afirmar a ideia de que a conectividade oferece

novas possibilidades de experimentar identidades. Para ela, na adolescência, o senso de espaço livre, pode ser um espaço seguro para viver experiências. A adolescência pode ser um tempo livre de consequências. E a *Internet* sim, com as redes sociais: *Facebook*, *Twitter* e outros recursos disponíveis possibilita que os adolescentes se apaixonam e desapaionam por pessoas e ideias. Tal vivência ocorre por meio de uma “segunda vida”. Essa segunda vida permite ao adolescente, explorar identidades (TURKLE, 2012). Esse pode ser um lado positivo da interação pelas mídias, porém é preciso atenção, orientação e supervisão, conforme já apontamos.

Abordei as características do adolescente de modo geral e em suas relações com a mídia, mas não posso esquecer nesse quadro, das vivências da sexualidade na sociedade do espetáculo. Segundo Caridade (1999), a sexualidade é veiculada na mídia como marketing para seduzir o mercado, para erotizar um produto, perdendo, assim, seu sentido relacional. Isto é, o outro deixa de ser sujeito e torna-se objeto. Considerando essa sexualidade veiculada na mídia como marketing, os adolescentes em um mundo em que são consumidores, mas também coinovadores (TAPSCOTT, 2010) desses produtos, podem utilizar a vivência da sexualidade para criar um produto e lançá-lo no “mercado”.

Portanto, os seres humanos hoje, além de consumidores, são autores do conteúdo que é colocado na *Internet*, nas redes sociais e nos aplicativos (TAPSCOTT, 2010). Dessa forma, ao enviar, compartilhar, publicar, postar imagens íntimas minhas ou de terceiros na rede, estou praticando o que estudiosos chamam de *Sexting*, que é o conteúdo do próximo capítulo.

3.2 O FENÔMENO *SEXTING*: O ADOLESCENTE E SUAS RELAÇÕES PERIGOSAS COM AS MÍDIAS

O primeiro uso do termo *Sexting* foi publicado em 2005, no Sunday Telegraph Magazine¹¹. No Brasil, a primeira tradução do termo foi feita pela ONG Safernet:

Sexting é uma junção de duas palavras, Sex (sexo) e Texting (envio de mensagens) via celular. O *Sexting* descreve um fenômeno recente no qual adolescentes e jovens usam seus celulares, câmeras fotográficas, contas de e-mail, salas de bate-papo, comunicadores instantâneos e sites de relacionamento para produzir e enviar fotos sensuais de seu corpo (nu ou seminú). Envolve também mensagens de texto eróticas (no celular ou *Internet*) com convites e insinuações sexuais para namorado(a), pretendentes e/ou amigos(as).¹²

Após o artigo do Sunday Telegraph Magazine, outros estudos sobre *Sexting* têm sido feitos em vários países, tais como Reino Unido, Austrália, Estados Unidos, Canadá, Alemanha, Brasil, dentre outros, mas ainda são poucos. E, em sua maioria, a discussão visa principalmente o enquadramento do mesmo em comportamento de risco. Na Austrália e nos Estados Unidos há uma discussão sobre até que ponto o *Sexting* pode ser considerado um comportamento relacionado aos tempos contemporâneos e até que ponto expõe crianças e adolescentes a riscos e, sendo assim, deve ser enquadrado como crime de abuso sexual, pedofilia. Nos Estados Unidos, já foram criadas leis com o intuito de proteger as crianças e adolescentes. Connecticut e North Dakota tem reduzido os

¹¹ Disponível em: <<http://finslab.com/enciclopedia/letra-s/sexting.php>>. Acesso em: 11 mar. 2015, as 14:20min.

¹² Disponível em: <<http://www.safernet.org.br/site/prevencao/cartilha/saferdicas/Sexting>>. Acesso em 10 mar. 2015, as 15h.

incidentes relacionados à *Sexting* mais como contravenções e não como crimes. Nebraska criou defesas afirmativas para a pornografia infantil em sua legislação com o intuito de descriminalizar o *Sexting* realizado entre indivíduos maiores de idade (SCHMITZ; SIRY, 2011). Entre 2009 e 2012, legislação sobre *Sexting* envolvendo menores foi promulgada in Missouri, South Carolina, Arizona, Illinois, Florida, Nevada, New Jersey, New York, RhodeIsland, Texas, Hawaii, Pennsylvania e South Dakota (NATIONAL CONFERENCE OF STATE LEGISLATURES).

Como poderemos perceber a partir da tradução dos principais estudos já realizados no que diz respeito ao conceito de *Sexting*, existem divergências entre os pesquisadores, ao tentar estabelecer critérios conceituais sobre o que é *Sexting*, tais divergências referem-se a semântica, metodologia e amostra utilizada nos estudos e ações englobadas no fenômeno. Segundo Matthey e Diliberto (2013)¹³ e também Strassberg, McKinnon, Sustaita e Rullo (2012): a metodologia das pesquisas utilizadas nos estudos disponíveis e a falta de precisão semântica para descrever essa palavra tem dificultado sua definição. Strassberg, McKinnon, Sustaita e Rullo (2012)destacam que os termos utilizados são vagos e heterogêneos.Lounsbury, Mitchel e Finkelhor (2011) concordam que a semântica utilizada dificulta a criação de um conceito globalizado.

A pesquisa de Matthey e Diliberto (2013) mostra que em muitos estudos, as ações relacionadas à*Sexting* são o envio e recebimento de mensagens de sexo explícito. Este comportamento não é considerado comportamento ilegal entre os jovens. Para Lounsbury et al. (2011), *Sexting* foi definido como “imagens nuas ou seminuas”, mas imagem seminua poderia significar um indivíduo usando roupas de banho, o que

¹³Artigo original: MATTEY, Matthey; DILIBERTO, Gail Matthey. **Sexting**: it’s in the dictionary. Disponível em: <http://nas.sagepub.com/content/28/2/94>. Acesso em: 29 out. 2013, as 15h.

não representa uma imagem de sexo explícito. Isto nos remete a semântica e a indefinição de ações, pois esses estudos não pontuam se é enviar, receber, compartilhar tais imagens. Nos estudos realizados por Mitchel et al. (2012), *Sexting* foi definido como o ato de fotografar ou produzir imagens sexualmente sugestivas ou nus ou ainda, o ato de receber esse tipo de imagem. Já em estudos realizados por Strassberg et al. (2012) e Ferguson (2011) citados por Augustina e Duran (2012), *Sexting* foi definido como receber e enviar imagens (fotos/vídeos)sexualmente sugestivas ou nus.

Augustina e Duran (2012) também trazem olhares de diferentes estudiosos desse fenômeno na tentativa de criar critérios para pesquisas futuras, ao comparar vários estudos em que a semântica utilizada na definição de *Sexting*, por estudantes, é similar, bem como as ações referentes ao *Sexting*. A Tabela 3 demonstra esses caminhos investigativos:

Tabela 3 - Sexting: research criteria of a globalized social phenomenon [artigo original]

(continua)

Estudo	Fenômeno estudado	Amostra	Resultados
Mitchell, Wolak e Finkelhor (2007)	Exposição não desejada a pornografia em site que mostrou imagens de pessoas peladas ou transando sem que você escolhesse ver essas imagens. Essas imagens também poderiam vir via e-mail, indicação de algum link.	1500 usuários de internet com idade de 10 a 17 anos	<p>Pesquisa realizada no ano 2000</p> <p>10-12 anos – 9%</p> <p>13-15 anos – 28%</p> <p>16-17 anos – 33%</p> <p>Gênero: 23% Feminino e 27% Masculino</p> <p>Ano 2005</p> <p>10-12 anos – 19%</p> <p>13-15 anos – 35%</p> <p>16-17 anos – 44%</p> <p>Gênero: 31% Feminino e 37% Masculino</p>

Tabela 3 - Sexting: research criteria of a globalized social phenomenon [artigo original]

(continuação)

Estudo	Fenômeno estudado	Amostra	Resultados
Campanha Nacional para Evitar a Gravidez na Adolescência e Cosmo Girl.com (2008)	Enviar, postar imagens íntimas (nu ou seminu) na internet de si próprio.	653 jovens: 13 a 19 anos 627 adultos jovens: 20 a 26 anos	20% (18% do sexo feminino e 22% do sexo masculino) dos adolescentes têm enviado ou postado imagens (fotos/vídeos) seminu ou nu de si próprio na internet ou via celular.
Thomas (2009)	Mensagens de texto sexualmente sugestivas (excitantes) ou e-mails com fotos nu ou seminu.	655 adolescentes: 13 a 18 anos.	19% praticou sexting: sendo 12% meninas e 6% meninos. Não cita o 1 % restante. Quase todos que enviaram mensagens, também receberam.
Phippen (2009)	Compartilhar eletronicamente imagens íntimas com namorado ou namorada.	535 estudantes de 13 a 18 anos	17% encaminhou mensagens. 40% dos estudantes conhecia amigos que tem praticado <i>Sexting</i> .
Lenhart (2009)	Enviou ou recebeu imagens/ vídeos íntimos no celular.	800 adolescentes: 12 a 17 anos	4% enviou e 5% recebeu imagens (fotos/vídeos) íntimas. 17 anos: 8% enviou e 30% recebeu 12 anos: 4% enviou e 4% recebeu
Ferguson (2011)	Enviar ou receber fotos nus ou eróticas.	207 espanholas jovens, entre 16 e 25 anos	20,5% relatou enviar imagem de si mesmo para outros e 34,5% diz ter recebido.

Tabela 3 - Sexting: research criteria of a globalized social phenomenon
[artigo original]

(continuação)

Estudo	Fenômeno estudado	Amostra	Resultados
Perez, Fuente, Garcia, Guijarro, e Blas (2010)	Receber fotos ou vídeos de seus pares, em poses provocativas ou inadequadas ou ainda, produzir imagens e fotos de si em poses provocativas ou inadequadas.	322 entrevistas com jovens entre 10 e 16 anos	8.1% recebeu fotos ou vídeos de seus pares em poses provocativas ou inadequadas. 4% sabe que imagens (fotos/vídeos) deles em poses provocativas ou inadequadas foram produzidas. Destes: 6.1% tem entre 15 e 16 anos e 14.3% de crianças conhecem um amigo que tirou fotos ousadas ou eróticas. 11.5% conhece um colega que recebeu tais imagens.
Mitchell, Finkelhor, Jones e Wolak (2012)	Aparecer, criar ou receber imagens e/ou vídeos íntimos.	1560 jovens usuários de internet, com idade entre 10 e 17 anos	2.5% apareceu ou criou imagens (fotos/vídeos) seminus ou nus, sendo 61% do sexo feminino e 72% tinha entre 16 e 17 anos. 7.1% recebeu imagens (fotos/vídeos) seminus ou nus, sendo: 56% do sexo feminino e 55% tinha entre 16 e 17 anos. 1% apareceu em imagens ou as criou e 5.9% recebeu imagens de sexo explícito.

Tabela 3 - Sexting: research criteria of a globalized social phenomenon
[artigo original]

(conclusão)

Estudo	Fenômeno estudado	Amostra	Resultados
Strassberg, Mckinnon, Sustata e Rullo (2012)	Enviar e receber imagens de celular, íntimas, definidas como fotos representando as genitais ou nádegas de ambos os sexos e/ou seios para as mulheres.	606 estudantes de ensino médio (High School)	18.3% dos homens e 17.3% das mulheres enviaram imagens (fotos/vídeos) de si mesmo. 49.7% dos homens e 30,9% das mulheres receberam imagens (fotos/vídeos) nus, seminus de outras pessoas. 27% dos homens e 21.4% das mulheres encaminhou as imagens (fotos/vídeos)
Augustina e Gomez-Duran (2012)	Enviar, postar, receber ou compartilhar uma mensagem excitante para alguém usando mídia eletrônica ou envolvendo uma imagem/vídeo seu, seminu ou nu.	149 estudantes universitários jovens de idades entre 18 e 29 anos	69.4% tem recebido mensagem de cunho sexual de alguém, destes: 67.3% enviou 69.6% e 66.6% respectivamente entre idades de 18 e 19 anos. 72.3% e 74.5% dos homens, respectivamente vs. 68.3% e 64.4% das mulheres respectivamente. 39.7% receberam imagens (fotos/vídeos) seminu ou nu e 10,3% admitiram ter enviado. 38.2% e 14.7% com idade entre 18 e 19 anos. 40.4% e 4.2% do sexo masculino, respectivamente vs. 40% e 14% do sexo feminino respectivamente.

Fonte: Published online in october 19, 2012 at Springer Science+Business Media New York 2012. Tradução de Figueiredo (2014). Disponível em: xxx. Acesso em: 29 out. 2013, as 14:30min.

Como podemos perceber na tabela acima, cada estudo, além de limitar as ações referentes ao *Sexting* de forma diferente, utilizou nas amostras grupos diferentes no que diz respeito às faixas etárias dos indivíduos pesquisados, ou seja, o conceito é aplicado em grupos de faixas etárias diferentes o que dificulta a elaboração de critérios e dados universais, globalizados, isto é, os resultados desses estudos nos mostram contextos diferentes e não representativos.

Retornamos então à questão semântica, pois ao analisar a tabela, verificamos que não há consenso sobre um conceito de *Sexting*, embora os conceitos encontrados se complementem e quase todos se refiram a imagens íntimas, imagem erótica ou excitante¹⁴. Esses termos são vagos, afinal, o que são imagens íntimas? Mostrar o seio? As nádegas? Mostrar tudo? Ou ainda fotos/vídeos de relações sexuais? E ainda, o que pode ser considerado imagem erótica ou excitante?

Nesse estudo, utilizarei como base os conceitos de Lenhart (2009), que define *Sexting* como o envio ou recebimento de imagens ou vídeos íntimos no celular e o de Augustina e Duran (2012) que define como: enviar, postar, receber ou compartilhar uma mensagem excitante para alguém usando mídia eletrônica ou envolvendo uma imagem/vídeo seu, seminu ou nu. Segundo esses dois conceitos, *Sexting* pode ser definido como o envio, postagem, recebimento e compartilhamento de imagens (fotos/vídeos) íntimas, ou de mensagens excitantes ou ainda de uma imagem sua seminu ou nu por meio do celular e das mídias eletrônicas (computador, redes sociais, *Internet*). Para melhor compreender o fenômeno *Sexting*, segundo esse conceito, é importante também dialogar com autores clássicos e contemporâneos que estudam a educação, a emancipação dos indivíduos, a educação emancipatória e a educação sexual emancipatória.

No decorrer da caminhada, tomei conhecimento também, no segundo semestre de 2014, de um estudo realizado

¹⁴Tradução da autora para sexuallyly suggestive.

no Brasil, uma tese sobre *Sexting*, intitulada: *Sexting na adolescência: análise da rede de enunciações produzida pela mídia*, escrita por Suzana da Conceição de Barros. A tese foi produzida no ano de 2014, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa “Educação científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos” e teve por objetivo analisar a rede de enunciações sobre o *Sexting* em reportagens, programas televisivos, postagens em *blogs* e comentários realizados por leitores dos *sites* presentes na internet e investigar as condições de emergência da prática do *Sexting*.

Os resultados da pesquisa mostraram que a exposição da sexualidade, por meio do *Sexting*, tem sido realizada com o propósito de adquirir visibilidade e de tornar-se a personalidade do momento, vontade esta que está vinculada à sociedade do espetáculo, segundo a pesquisadora. Outro ponto destacado nessa tese é que a pesquisadora notou que essa prática está relacionada à escola, pois muitos dos casos relatados ocorreram no interior dessa instituição ou tiveram uma repercussão nesse ambiente. Além disso, evidenciou-se que os/as praticantes do *Sexting* sofreram micropenalidades, as quais tinham como objetivo corrigir suas condutas e nesse sentido, *Sexting* pode ser compreendido como uma atualização do dispositivo da sexualidade, por colocar a sexualidade em evidência nos espaços públicos.

Com esse estudo, verificou-se ainda que algumas práticas disciplinares buscam governar e normalizar a sexualidade dos sujeitos. Por fim, a análise do material empírico apontou para dois enunciados que fazem parte do discurso do *Sexting*: o primeiro é que, na contemporaneidade, aparecer é uma condição de existência; o outro é que a

sexualidade é entendida como algo que deve ser regulado, governado e normalizado¹⁵.

¹⁵ BARROS, Suzana da Conceição. **Sexting na adolescência**: análise da rede de enunciações produzida pela mídia, 2014, Universidade Federal do Rio Grande. Disponível em: <http://www.sexualidadeescola.furg.br/index.php?option=com_phocadownload&view=category&download=225:sexting-na-adolescencia-analise-da-rede-de-enunciacoes-produzida-pela-midia&id=3:teses&Itemid=73>. Acesso em: 19 fev. 2015, as 22:25min.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS: DAS REFLEXÕES INICIAIS ATÉ O ENCONTRO COM OS ADOLESCENTES

Nessa etapa do projeto descreverei os procedimentos metodológicos que nortearam esse estudo. A pesquisa teve como eixo central o método dialético e foi um estudo de cunho exploratório. A coleta de dados foi desenvolvida por meio da aplicação dirigida de questionário com os alunos das três turmas de 8º ano do Ensino Fundamental, da Escola escolhida, cujos pais tenham autorizado o filho ou filha a participar. Além disso, era necessário que o filho ou a filha tivesse concordado em participar da pesquisa. A análise de conteúdo foi pautada em Triviños (1987) e Bardin (2009), a partir de categorias provenientes da realidade, que levaram a desvelar o perfil dos adolescentes pesquisados em suas relações com as mídias, dentre elas as redes sociais e, nelas a busca da compreensão que os jovens tinham com a temática do *Sexting*.

O método dialético considera a realidade social e seu movimento, isto é, o método dialético tem como um de seus princípios o movimento de partir da realidade e a ela retornar. Segundo Abbagnano (2012, p. 320):

[...] a dialética é a consideração dos fatos no quadro das suas conexões históricas, na concretude das suas inter-relações: ela se contrapõe à atitude analítico-científica que pensa os próprios dados isoladamente do contexto e da história. O objeto e resultado da metodologia dialética é, pois, uma ‘totalidade concreta’ na qual os fenômenos sociais surgem numa relação constitutiva e dinâmica com o conjunto da sociedade e da história.

Segundo Andrade (2011), para alcançar a totalidade concreta, é preciso considerar a ideia de que, para formularmos

nossa síntese, precisamos da tese e da antítese do outro, isto é, precisamos considerar a realidade concreta que está posta e assim, ao aprofundar os estudos, desenvolver uma tese que poderá ser a antítese da realidade concreta ou sua comprovação.

Segundo Silva (2001, p. 74):

[...] a dialética não se traduz numa determinação filosófica unilateral e idealista imposta sobre a realidade, ela, ao contrário, busca afirmar que a própria realidade é dialética, mutável, carregada de contradições, de nexos e determinações recíprocas, em todos os seus aspectos, dimensões e possibilidades. Não se trata de buscar aplicar a dialética à realidade, trata-se de encontrar a dialeticidade do mundo na realidade de seu ser, existir e operar.

E, ainda, segundo Silva (2001, p. 35):

[...] o método dialético de investigação, pelo qual fizemos opção, comporta o imperfeito, o inacabado e principalmente considera, da dinâmica das mudanças produzidas pela ação do homem na sociedade, a mutabilidade da realidade, o que torna o próprio método um processo dinâmico de articulação e associação de ideias e conceitos que geram muitas possibilidades de interpretação do objeto a ser pesquisado.

Outra nuance da metodologia refere-se aos objetivos do estudo. Nesse sentido, nosso estudo foi de cunho exploratório. Segundo Triviños (1987), o estudo exploratório permite ao pesquisador adquirir mais conhecimento sobre um tópico-problema e pode servir de ponto de partida para outros estudos. Como o objeto desse estudo, o *Sexting* é um fenômeno recente

e que possui pouca literatura, a realização de um estudo exploratório certamente será importante para o desenvolvimento de estudos posteriores.

Esses dois eixos nortearam as próximas etapas do estudo que descrevo abaixo. Para coletar os dados, foi aplicado questionário com uma amostra intencional não probalística, composta por alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública estadual de Florianópolis - SC.

O questionário foi utilizado segundo a perspectiva de Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 53), que assim o classificam:

[...] é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com mais exatidão o que se deseja. Em geral, essa palavra refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche. Conta com um conjunto de questões, todas logicamente relacionadas com um problema central. [...]. Tem natureza impessoal para assegurar uniformidade na avaliação de uma situação para outra. Possui a vantagem de os respondentes se sentirem mais confiantes, dado o anonimato, o que possibilita coletar informações e respostas mais reais [...]. Deve, ainda, ser limitado em sua extensão e finalidade. [...]. Devem ser propostas perguntas que conduzam facilmente às respostas de forma a não insinuarem outras colocações.

Para essa etapa da coleta de dados, destaco que a minha atuação na Gerência de Educação da Grande Florianópolis possibilitou contato com as escolas da rede estadual e o acesso a estas para a realização da pesquisa. Dentre as escolas da rede estadual, defini uma escola de educação básica em Florianópolis para ser o local da pesquisa pela localização da mesma, por conhecer a gestão da escola e por identificar nela três turmas de 8º ano do Ensino Fundamental com muitos

alunos na faixa etária que podem ser enquadrados como adolescentes. Assim que a escola foi definida, realizei contato com a direção para verificar a viabilidade de fazer a pesquisa naquela instituição e houve um ótimo acolhimento à ideia. Foram então iniciados os trabalhos seguindo os passos: 1) apresentação do projeto para gestora da escola e professores do 8º ano; 2) realização da oficina com os pais e ou responsáveis; e 3) oficina com os alunos.

A apresentação do projeto aos educadores seguiu o roteiro: minha apresentação pessoal e a da pesquisa, espaço para perguntas e breve debate sobre a questão do *Sexting*. Para melhor resultado da pesquisa solicitou-se aos educadores que não abordassem a partir dali com seus alunos o tema *Sexting*. Embora o assunto tivesse gerado preocupação, os professores concordaram em respeitar o pedido até a conclusão dos trabalhos de pesquisa. Os encontros com os professores foram gravados somente em áudio, sendo a gravação feita sem destaques individuais, registrando as falas coletivas durante a reunião. O áudio gravado foi feito como apoio para a transcrição de dados que pudessem ampliar dados considerados importantes na contextualização da caminhada metodológica de inserção da pesquisadora no ambiente escolar.

Na sequência foi oferecida a possibilidade de realização de uma oficina com os pais e ou responsáveis. Para oferecer essa oficina, junto com a gestão da escola elaboramos um bilhete para que os pais e/ou responsáveis pudessem dizer qual o melhor dia e horário para a possível realização da mesma. Após esse levantamento, marcamos a oficina conforme a maioria das respostas recebidas. No dia definido, somente uma mãe foi até a escola e a oficina ficou inviabilizada, quando atendemos individualmente aquela mãe explicando a proposta da pesquisa. Em reunião com a orientadora da escola decidimos então que seria melhor ligar para todos os pais e explicar brevemente quais os objetivos da pesquisa e convidá-los mais uma vez para virem até a escola, desta vez um a um,

quando pudessem e com marcação de horário individual, para que se pudesse explicar melhor a pesquisa e buscar a adesão e a assinatura de autorização dos mesmos. Dessa forma, os pais e/ou responsáveis tiveram atendimento individualizado agendado com uma ligação telefônica da pesquisadora. Nessa ligação telefônica, a pesquisadora solicitou a presença dos mesmos na escola com o intuito de explicar os objetivos da pesquisa e também para assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, permitindo a participação dos seus filhos na pesquisa. Esse atendimento individualizado seguiu o roteiro: apresentação pessoal e da pesquisa e espaço para esclarecimento de dúvidas, seguido da assinatura dos termos. Também ressaltamos no atendimento que somente participaram da pesquisa os alunos que tivessem o termo de consentimento assinado por seus pais ou responsáveis e que eles mesmos, esses adolescentes, consentissem em participar do trabalho a ser desenvolvido. Para esse atendimento individualizado, 22 pais compareceram na escola. A coleta de dados junto aos alunos, ocorreu com preenchimento de um questionário dirigido monitorado pela pesquisadora, que é também psicóloga, feito em sala de aula, com orientações dadas coletivamente á cada turma, cada uma em seu horário próprio combinado.

A etapa seguinte foi a aplicação dirigida do questionário aos alunos. Esta aplicação foi realizada em dois dias, sendo duas oficinas por turma, e, antes de iniciar a aplicação propriamente dita, foi realizada uma oficina de sensibilização com os alunos, por meio de um debate sensibilizador sobre o tema sexualidade. Durante a aplicação dirigida, nos dois dias, em cada turma as questões foram lidas uma a uma e respondidas em seguida pelos alunos para evitar que ficassem dúvidas. Os momentos de aplicação do questionário foram gravados em áudio com o uso de um gravador como apoio e documentação do momento, sendo a gravação coletiva, isto é, não foram feitos registros intencionais de intervenções

individuais. A identidade dos respondentes no questionário foi preservada, pois foram utilizados apelidos no processo de transcrição dos dados. Os outros 26 adolescentes não participaram da pesquisa por diferentes motivos: quatro pais não deixaram e os demais não tiveram interesse em participar.

No total foram aplicados, portanto, questionários com três turmas do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública estadual de Florianópolis - SC. O total de alunos das três turmas era de 48 alunos. Dentre os 48, 22 alunos responderam os questionários, sendo 12 alunos da turma A, três da turma B e sete da turma C.

O questionário utilizado foi adaptado de um questionário elaborado por Ringrose et al. (2012) para um estudo qualitativo sobre as relações entre crianças, jovens e *Sexting*. A pesquisa é de uma instituição denominada National Society for the Prevention of Cruelty to Children - NSPCC¹⁶, de Londres. Destaco que o questionário, além da adaptação supracitada foi complementado pela pesquisadora.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.nspcc.org.uk/>>.

5 ANÁLISE DOS DADOS

A seguir, apresento, com o apoio de gráficos, o que os dados mostraram.

5.1 O QUE OS DADOS MOSTRARAM

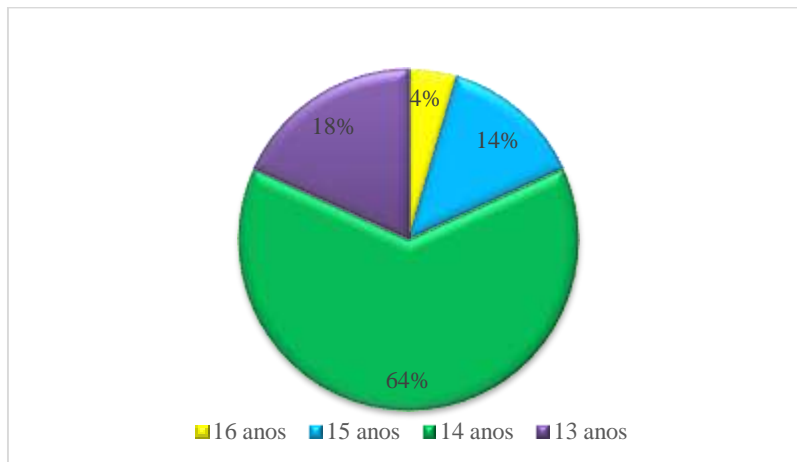
Para explorar e facilitar a análise das respostas provenientes do questionário aplicado com os adolescentes, dividi as respostas em blocos de conteúdos a saber: perfil da turma, com as questões 1 a 3; acesso às mídias e a internet, com a questão 4; uso de aplicativos, com a questão 5; perfil e publicação de conteúdos com a questão 6; controle dos pais, com as questões 7 e 8; relacionamentos virtuais, com as questões 09 a 16; envio e recebimento de imagens (fotos/vídeos), com as questões 17 e 18 e *Sexting* com as questões 19 à 24. Apresento abaixo o panorama geral dos alunos que responderam ao questionário, sem tratar da diferença de perfil das turmas por não ser este um foco do trabalho. Os dados provenientes das questões que são mostrados abaixo estão na mesma ordem do questionário de forma a contextualizar quem é esse adolescente, quais suas relações com as mídias, mais especificamente com as redes sociais, bem como a compreensão desses adolescentes sobre o *Sexting*.

5.1.1 Perfil da turma

Neste primeiro bloco, levantei os seguintes aspectos: idade, sexo e composição familiar.

A faixa etária dos adolescentes pesquisados é entre 13 e 16 anos, conforme podemos observar na distribuição do Gráfico 1.

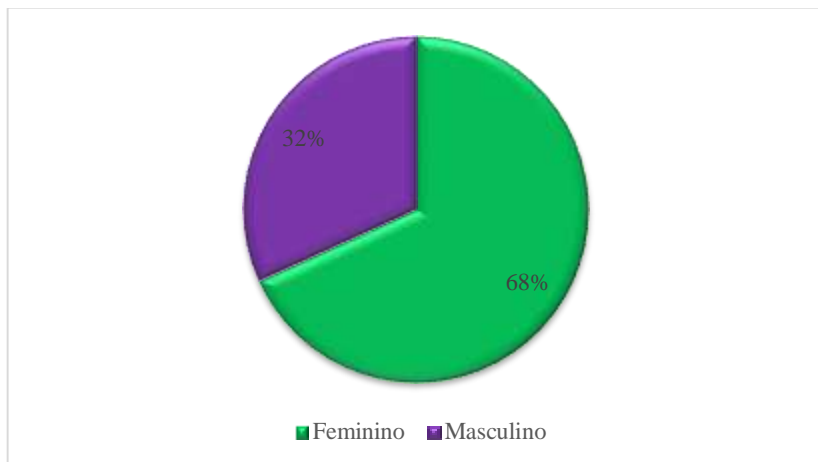
Gráfico 1 – Idade dos alunos



Fonte: produção da autora

Dentre os 22 adolescentes que responderam ao questionário, 15 são do sexo feminino e 7 do masculino, conforme o Gráfico 2.

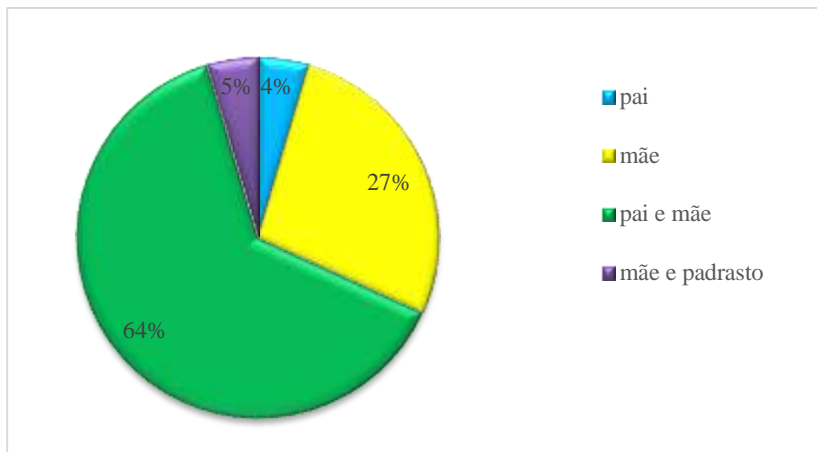
Gráfico 2 - Sexo dos alunos



Fonte: produção da autora

Com relação às famílias, percebemos que a maioria dos adolescentes pesquisados vive com seu pai e sua mãe, conforme Gráfico 3. Dos 22 indivíduos, 14 moram com os dois pais e este pode ser um fator protetivo ou mesmo um dos fatores que possibilitou a participação deles na pesquisa.

Gráfico 3 - Composição familiar

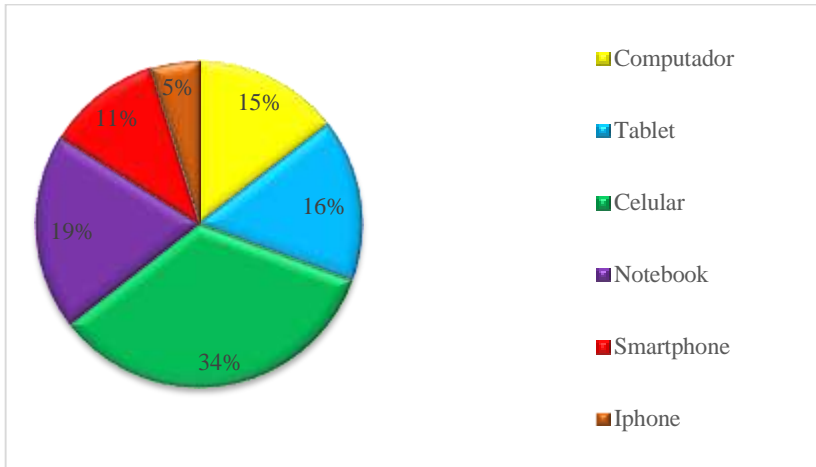


Fonte: produção da autora

5.1.2 Considerações sobre o acesso as mídias e a *internet*

Comecei a segunda parte do questionário explorando o acesso as mídias e a *Internet*, subdividindo a quarta questão em cinco partes: 4.1, 4.2, 4.3, 4.4, 4.5. Na questão 4, concluí que todos os alunos pesquisados têm acesso as diferentes mídias citadas, conforme observamos nos Gráficos 4 e 5.

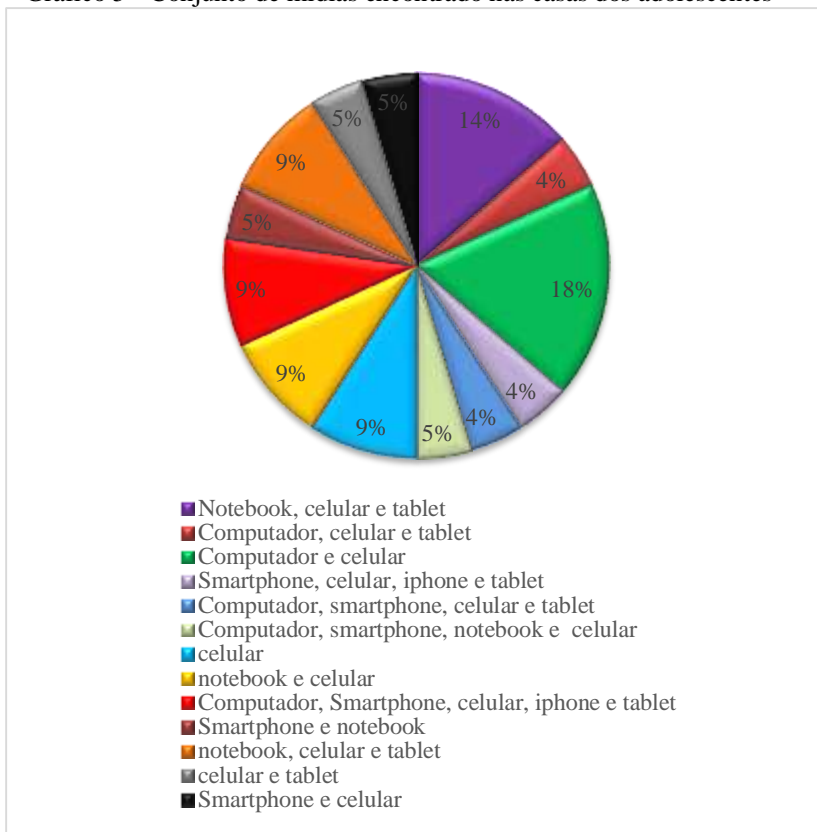
Gráfico 4 - Mídias encontradas na casa dos adolescentes



Fonte: produção da autora

No Gráfico 5 apresento os conjuntos de mídias agrupados para conhecimento do leitor, mas destaco que, assim como as outras pesquisas já apresentadas no decorrer do trabalho e conforme o Gráfico 4, as mídias móveis (notebook, celular e tablet) são as mais encontradas.

Gráfico 5 - Conjunto de mídias encontrado nas casas dos adolescentes

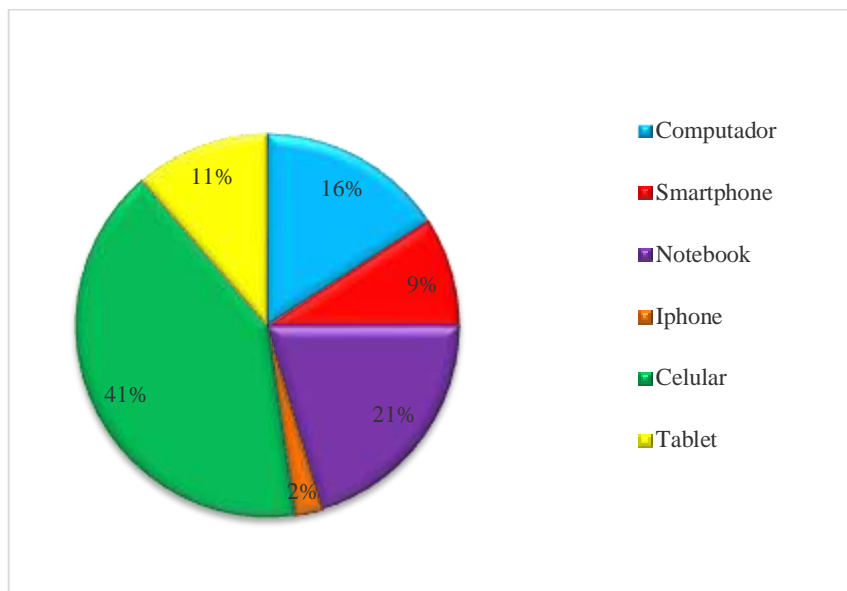


Fonte: produção da autora

No desdobramento da questão 4, com o item 4.1 levantei a quantidade de mídias encontradas em cada casa, conforme podemos visualizar no Gráfico 5. Novamente o celular aparece em primeiro lugar, sendo que em algumas casas, são encontrados até 5 celulares.

No item 4.2 investiguei em que mídias a internet é mais acessada pelos adolescentes e apresento os dados nos Gráficos 6 e 7. Com relação ao uso da internet, o celular também é o aparelho mais usado para este fim, pelos adolescentes pesquisados.

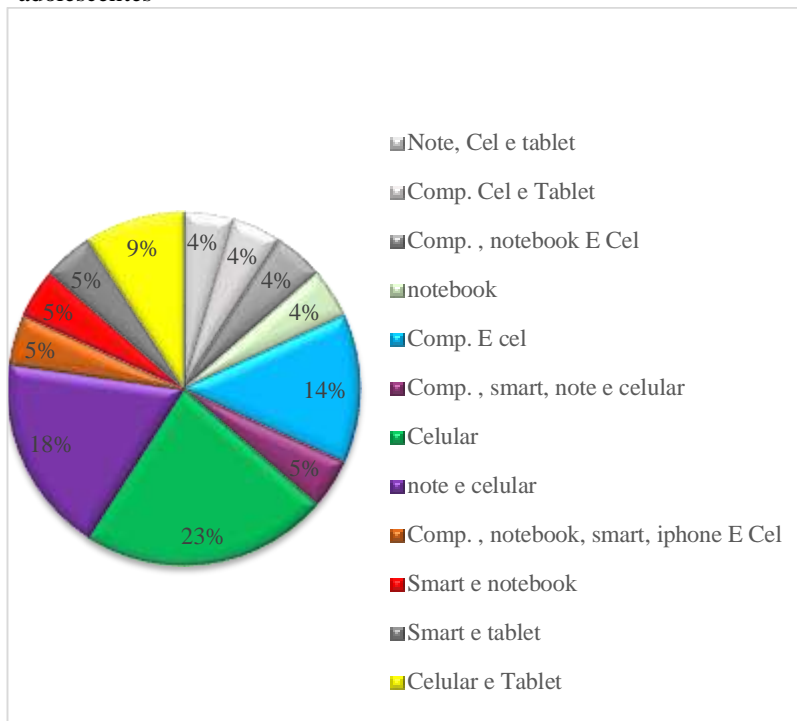
Gráfico 6 - Quais aparelhos são utilizados para acessar a internet?



Fonte: produção da autora

Como podemos notar nos Gráficos 6 e 7, o aparelho mais utilizado para acesso a *Internet* é o celular. Relembro que segundo Belloni (2007), isto ocorre, pois o adolescente sabe que o celular é de uso pessoal, o computador normalmente não. O uso exclusivo das mídias móveis, que apresentarei a seguir, também dialoga com essa ideia.

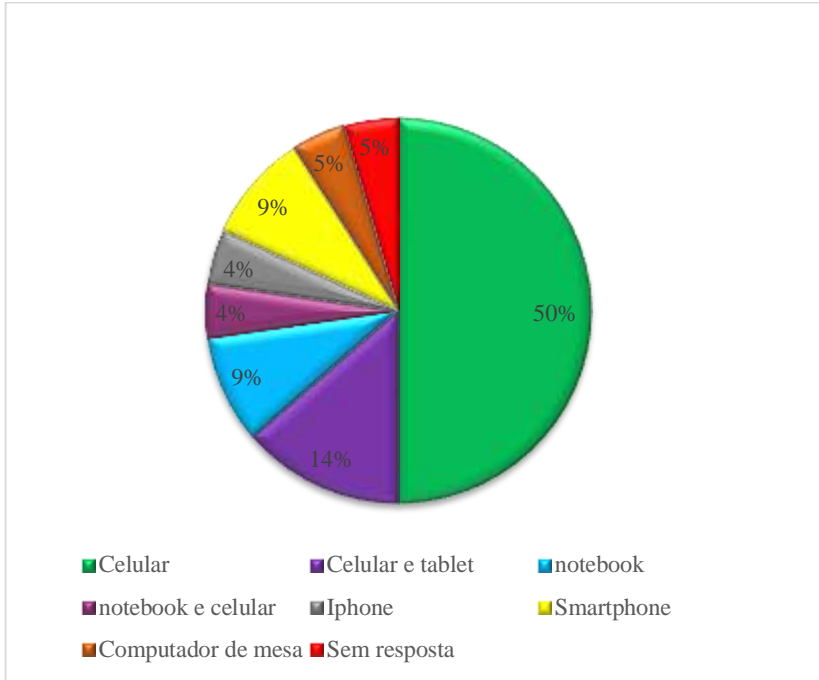
Gráfico 7 - Conjunto de mídias em que a *Internet* é acessada pelos adolescentes



Fonte: produção da autora

Com o item 4.3 (Gráfico 8) podemos perceber que para a maioria dos adolescentes, é o celular que eles têm como aparelho de uso exclusivo, pois dos 22 adolescentes que responderam o questionário, 13 têm esta mídia como aparelho de uso exclusivamente seu.

Gráfico 8 - Conjunto de mídias de uso exclusivo dos adolescentes



Fonte: produção da autora

Com o item 4.4, verifiquei se algum adolescente possuía computador de mesa como uso exclusivo. Somente um aluno respondeu positivamente e afirmou que o computador está em seu quarto, o que novamente leva a duas questões importantes: a questão da privacidade, algo importante para o adolescente e a questão da exposição a riscos pelo uso sem orientação ou supervisão de um adulto.

Com o item 4.5, explorei os locais em que a *Internet* é acessada: escola, casa, vizinhos, *Lan house*. Como podemos perceber na Tabela 04, o aparelho mais usado é o celular, nos seguintes locais: em casa, (18), na escola (12), nos vizinhos (11), seguido pelo computador em *Lan Houses* (10) e depois pelo notebook em casa: 6.

Tabela 4 - Locais de acesso à *Internet*

Conjunto de mídias utilizadas para acessar a internet	AD
Celular em casa e na escola	2
Celular somente em CASA	2
Celular, computador e notebook em casa	1
Celular, tablet e notebook em casa (quarto)	1
Celular em casa, comp lan house e conhecidos	1
Celular e smart na escola, computador e smart fora de casa	1
Celular na escola	1
Cel na escola, em casa e smart em viz, parentes, amigos	1
Celular escola e casa, comp. Smart - lan house, vizinhança,	1
Celular e note em casa, smart e note na vizinhança	1
Celular em casa e na escola, notebook em casa, smart e note na vizinhança	1
Celular na escola e em casa, computador em casa e smart na vizinhança	1
Celular na escola e em casa, computador em casa	1
Note e celular em casa	1
Computador e smart: vizinhança	1
Celular em casa e na escola e note na vizinhança	1
Celular e note em casa, computador na lan house	1
Celular em casa e na escola, notebook em lan house e smart na vizinhança	1
Celular, iphone, computador e note em casa , computador em lan house, smart na vizinhança e no quarto	1
Celular em casa e na escola, notebook, celular e iphone no quarto, computador em lan house e smart na vizinhança	1

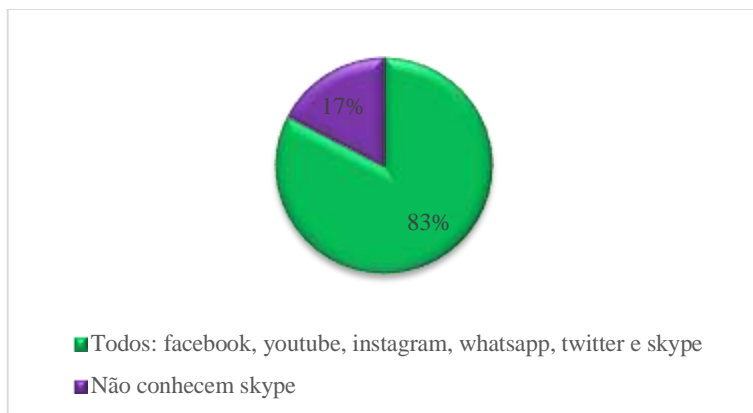
Fonte: produção da autora

5.1.3 Considerações sobre o uso de aplicativos

O segundo bloco de questões referiu-se ao uso de aplicativos, também divididos em seis itens: 5, 5.1, 5.2, 5.3, 5.4 e 5.5.

Na questão 5 perguntei aos adolescentes quais os aplicativos conhecidos. Com relação aos aplicativos, percebi que a maioria dos adolescentes (19) conhece todos. Somente quatro adolescentes responderam que não conhecem o *skype*, conforme podemos visualizar no Gráfico 9:

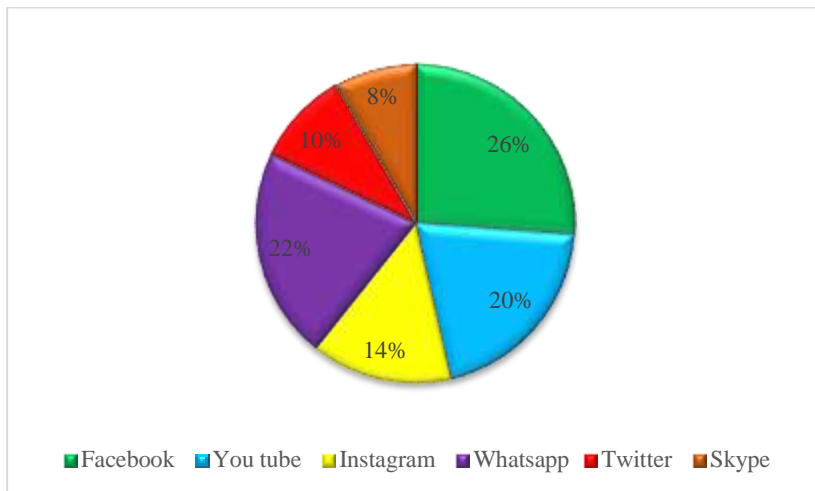
Gráfico 9 - Aplicativos conhecidos pelos adolescentes



Fonte: produção da autora

No item 5.1 perguntei quais são os aplicativos mais utilizados pelos adolescentes. Como podemos ver no Gráfico 10, os mais usados são o *Facebook*, *Whatsapp* e o *Youtube* (17), seguido do *Instagram* (12), *Twitter* (8) e *Skype* (7). No Gráfico 10 apresento os aplicativos utilizados individualmente.

Gráfico 10 - Aplicativos e redes sociais utilizados pelos adolescentes



Fonte: produção da autora

Como bem nos mostraram Turkle (2012) e as pesquisas de Belloni et al. (2007) e do UNICEF (2013), o adolescente vive hoje concretamente, com muita ênfase, imerso nesse mundo midiático, conectado em rede. Na Tabela 5, mostrei os conjuntos de aplicativos usados pelos adolescentes pesquisados.

Tabela 5 - Conjunto de aplicativos usados pelos adolescentes

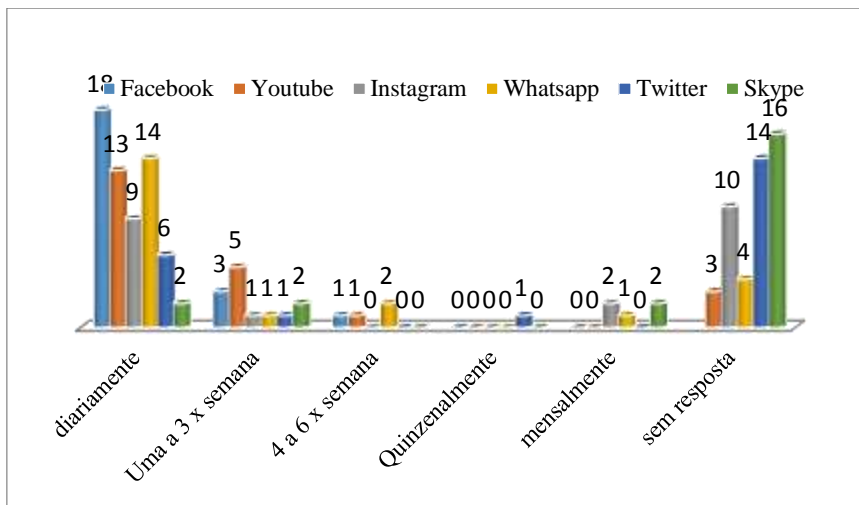
Aplicativos	Adolescentes
Todos	4
<i>Facebook, youtube, instagram e whatsapp</i>	5
<i>Facebook, instagram e skype</i>	1
<i>Facebook, youtube, whatsapp e twitter</i>	1
<i>Facebook, whatsapp e twitter</i>	1
<i>Facebook, youtube e whatsapp</i>	4
<i>Facebook, youtube e skype</i>	1
<i>Facebook, instagram, whatsapp e twitter</i>	1
<i>Facebook, youtube, whatsapp e skype</i>	1
<i>Facebook, youtube, instagram, whatsapp, twitter e Skype</i>	1
Somente <i>facebook</i>	2

Fonte: produção da autora

Com o item 5.2, investiguei a frequência do uso dos aplicativos e das redes sociais. Conclui-se que a frequência do uso em sua maioria, é diária ou semanal, conforme podemos visualizar nos Gráficos 11 a 17.

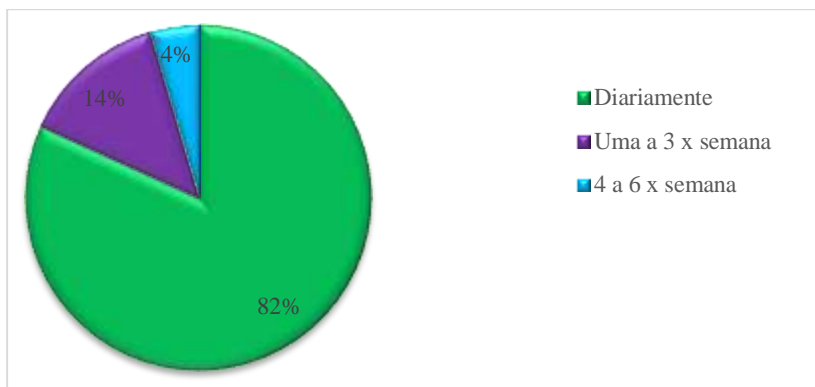
No Gráfico 11, apresento um panorama geral do uso dos aplicativos pelos adolescentes, mostrando dados referentes a todos aplicativos, enquanto que nos Gráficos 12 a 17, apresento a frequência do uso por aplicativo.

Gráfico 11- Frequência do uso dos aplicativos e das redes sociais



Fonte: produção da autora

A seguir, nos Gráficos 12 a 17, apresento a frequência de uso de cada aplicativo, separadamente.

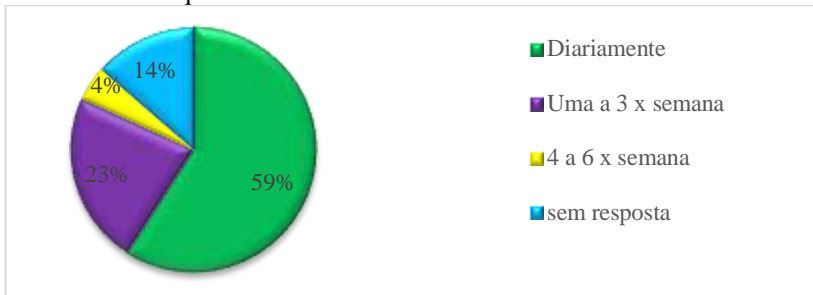
Gráfico 12 - Frequência de uso do *Facebook*

Fonte: produção da autora

Na pesquisa apresentada anteriormente, do UNICEF (2013), os dados em nível nacional também nos mostraram que o *Facebook* foi a ferramenta mais utilizada pelos adolescentes daquela pesquisa, com 92% das respostas afirmativas e o *Twitter* quase nulo. Em minha pesquisa, o *Facebook* também apareceu como a ferramenta mais utilizada e o *Twitter* como a menos usada.

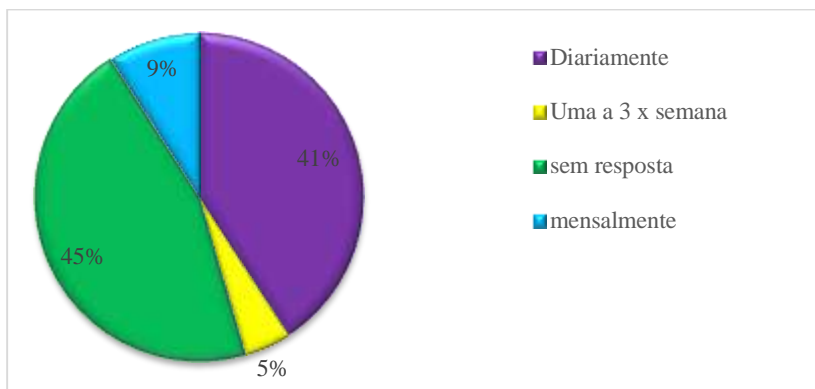
Sobre o uso do *Youtube*, notei que em sua maioria, ele é utilizado diariamente ou até três vezes por semana. São poucos os adolescentes que não o fazem. Notei uma contradição aqui, pois 17 adolescentes disseram usar o *Youtube*, porém 19 colocaram a frequência que o utilizam.

Gráfico 13 - Frequência de uso do *Youtube*



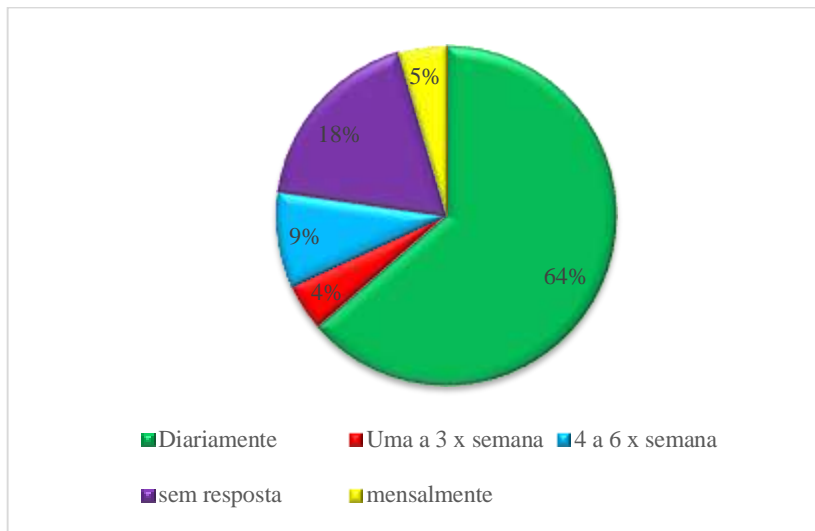
Fonte: produção da autora

Outro aplicativo que investiguei foi o *Instagram*, que é um aplicativo utilizado para editar e postar imagens. Dos 22 adolescentes pesquisados, 41% utilizam o *Instagram* diariamente, 5% usam de uma a três vezes por semana e 9% o fazem mensalmente. Os que utilizam mensalmente, não disseram quantas vezes no mês. Percebemos, portanto, que quase a metade dos adolescentes utiliza o *Instagram* diária ou semanalmente.

Gráfico 14 - Frequência de uso do *Instagram*

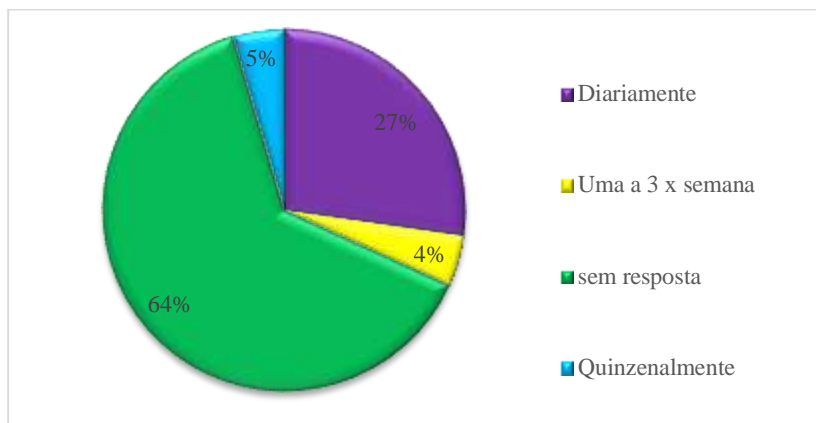
Fonte: produção da autora

Já sobre o uso do *Whatsapp* temos o Gráfico 15. A ferramenta denominada *Whatsapp* é cada vez mais utilizada pelas pessoas, tornando-se uma ferramenta de comunicação eficaz não somente entre amigos, mas também para uso comercial, pois tem sido usada também por profissionais liberais, empresas, indústrias e pelo comércio. Como nos disse Turkle (2012), o alcance global da conectividade pode transformar o posto avançado mais isolado em um centro de atividades econômicas ou de aprendizagem.

Gráfico 15 -Frequência de uso do *Whatsapp*

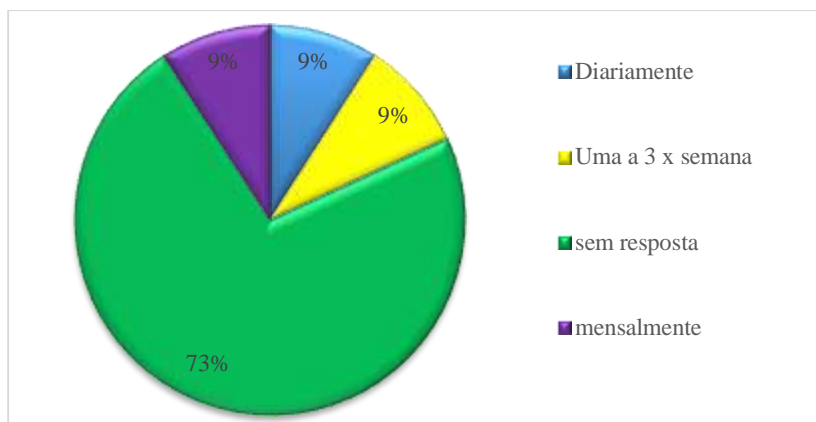
Fonte: produção da autora

Sobre o uso do *Twitter*, demonstrado no gráfico 16, podemos perceber que ele é pouco conhecido ou pouco utilizado, pois 64% dos adolescentes da pesquisa não responderam sobre a frequência com que o usam. Lembro que somente 10% dos pesquisados afirmaram que o utilizam, conforme o Gráfico 10.

Gráfico 16 - Frequência do uso do *Twitter*

Fonte: produção da autora

No Gráfico 17, apresento a frequência de uso do *Skype*. Com o Gráfico 10 percebemos que 20% dos pesquisados afirmaram utilizar o *Skype* e, com relação a estes 20%, temos a seguinte distribuição com relação à frequência do uso do *Skype*:

Gráfico 17 - Frequência de uso do *Skype*

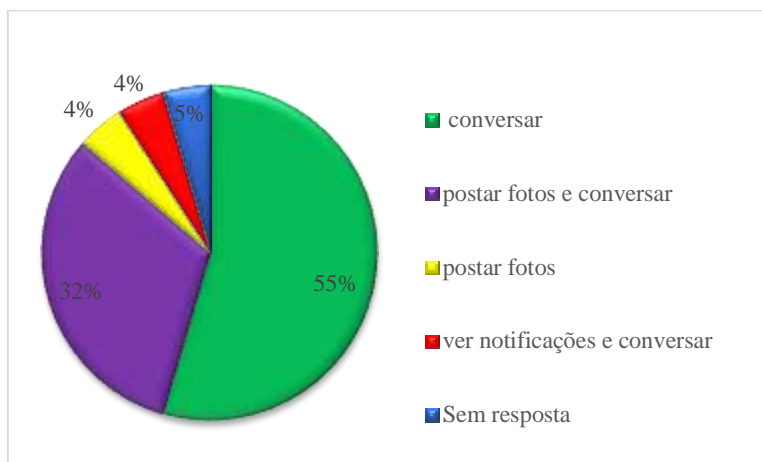
Fonte: produção da autora

O *Skype* é uma ferramenta de comunicação interativa. A partir dos dados visualizados no Gráfico 17 concluímos que o *Skype* é pouco utilizado. Segundo a pesquisa de Belloni et al. (2007), realizada na região da grande Florianópolis, somente 15% dos adolescentes têm o costume de se comunicar interativamente, o que em minha pesquisa é feito por 20% dos adolescentes pesquisados.

Após investigar quais os aplicativos e sua frequência, avancei para o item 5.3., no qual investiguei o uso feito dos aplicativos e redes sociais estudados pelos adolescentes.

No Gráfico 18 podemos perceber para que o *Facebook* é utilizado. Em sua maioria é usado como ferramenta de comunicação ou para postar fotos. Esse desejo de postar fotos pode estar relacionado a uma característica do que se convencionou chamar de sociedade do espetáculo, pois como nos mostrou Debord (2003), são as imagens que movimentam o mundo.

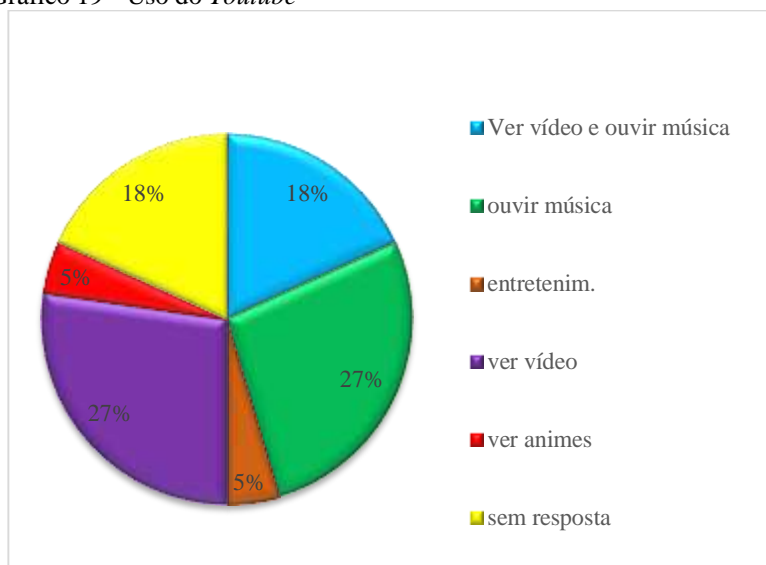
Gráfico 18 - Uso do *Facebook*



Fonte: produção da autora

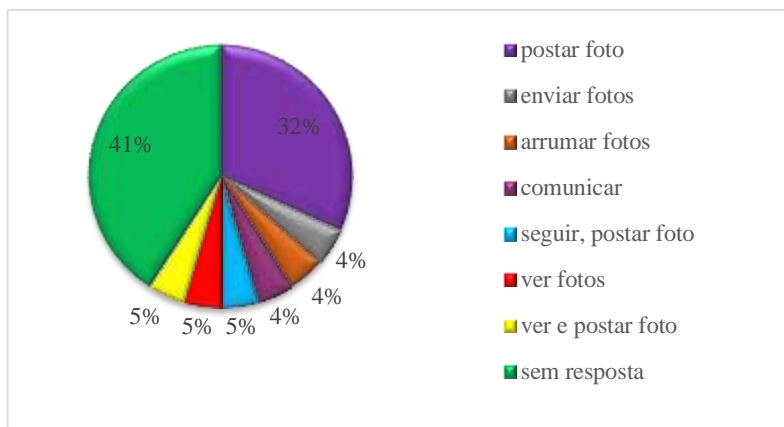
No Gráfico 19 percebemos que o *Youtube* é utilizado para visualizar imagens (fotos/vídeos), pois nenhum adolescente afirmou postar vídeos nessa rede social. Dos adolescentes pesquisados, 35% afirmou ouvir música e 45% afirmou ver vídeos, os demais consideram a *Youtube* uma ferramenta de entretenimento.

Gráfico 19 - Uso do *Youtube*



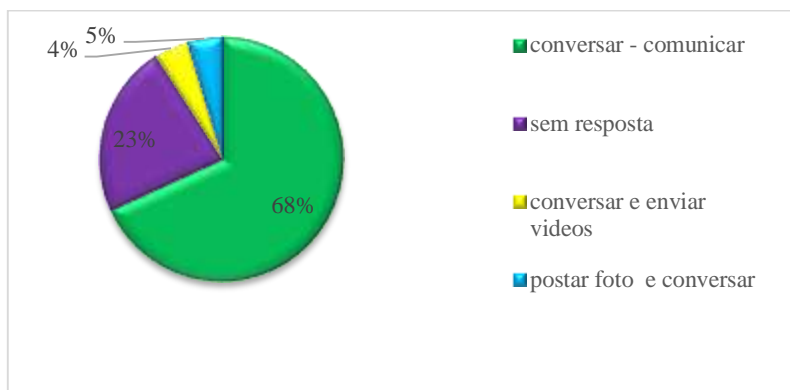
Fonte: produção da autora

No Gráfico 20 percebemos que o *Instagram* é utilizado como ferramenta de edição e publicação de imagens (fotos/vídeos), pois 55% o utilizam para lidar com imagens (fotos/vídeos), realizando as seguintes ações: postar, enviar, editar e visualizar.

Gráfico 20 - Uso do *Instagram*

Fonte: produção da autora

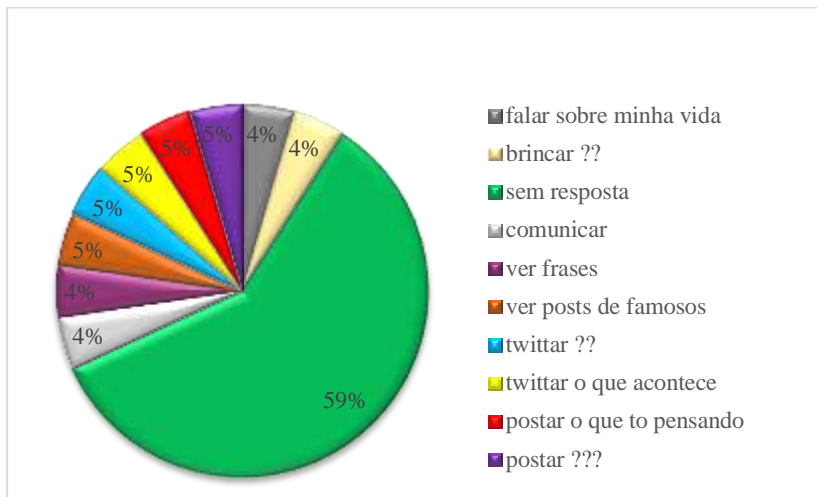
Sobre o uso o *Whatsapp*, apresentado no Gráfico 21, percebemos que ele é mais utilizado como ferramenta para o diálogo. Para este grupo de adolescentes, ele não é utilizado significativamente para envio de imagens, o que seria uma via para o *Sexting*, pois somente 4% dos indivíduos pesquisados o fazem.

Gráfico 21 - Uso do *Whatsapp*

Fonte: produção da autora

Como já vimos anteriormente, o *Twitter* é pouco utilizado e quando é, seu uso fica diversificado, como podemos observar no Gráfico 22.

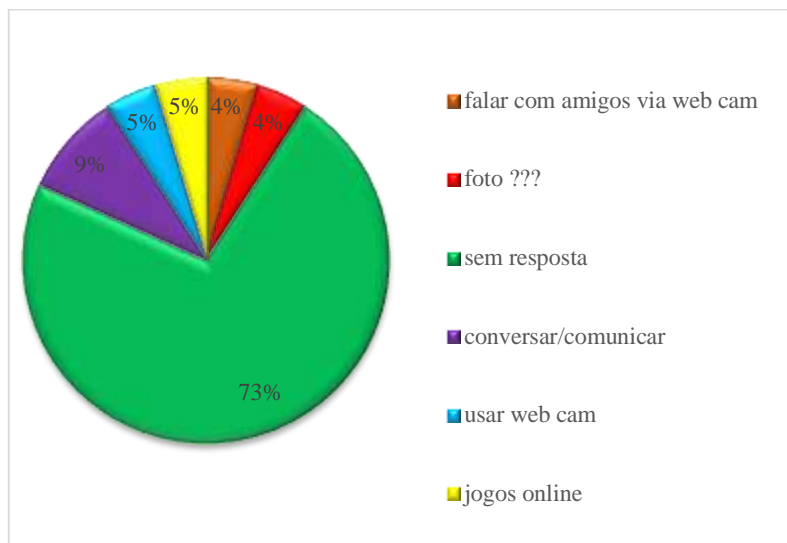
Gráfico 22 - Uso do *Twitter*



Fonte: produção da autora

Como afirmei anteriormente, nos dados do Gráfico 10, o *Skype* é pouco utilizado (20%) e quando usado é como ferramenta de comunicação, conforme o Gráfico 23.

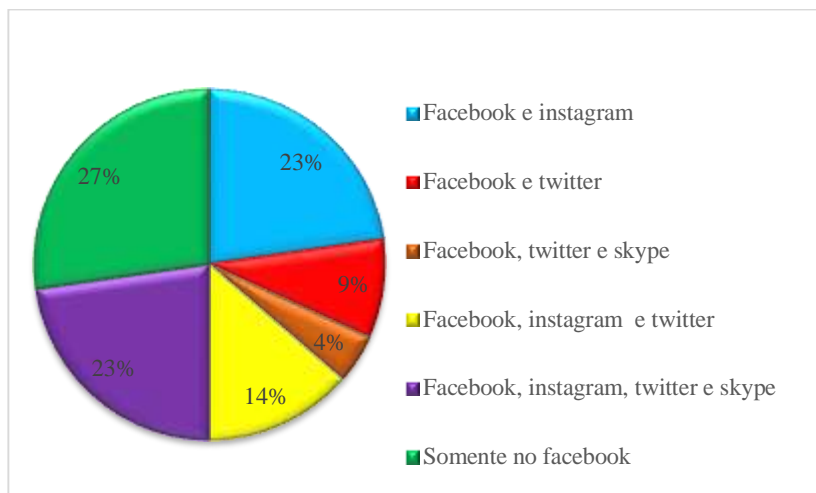
Gráfico 23 - Uso do Skype



Fonte: produção da autora

A partir dos itens 5.4 e 5.5 busquei a definição sobre a inserção do perfil dos adolescentes pesquisados nos aplicativos e nas redes sociais. Com o item 5.4, investiguei quais adolescentes possuíam perfil e 100% deles afirmaram ter perfil na rede. Com o item 5.5, investiguei em quais aplicativos os adolescentes tinham perfil. Aqui, novamente o *Facebook* tem destaque como a rede social com mais perfis, pois todos os adolescentes pesquisados têm perfil no *Facebook*, seguido do *Instagram* com 12 e do *Twitter* com 11, conforme pode ser visualizado no Gráfico 24. Muitos têm perfil inserido em mais de uma rede ou aplicativo, o que nos remete ao mundo conectado, em rede.

Gráfico 24 - Em quais aplicativos/redes sociais você possui perfil?



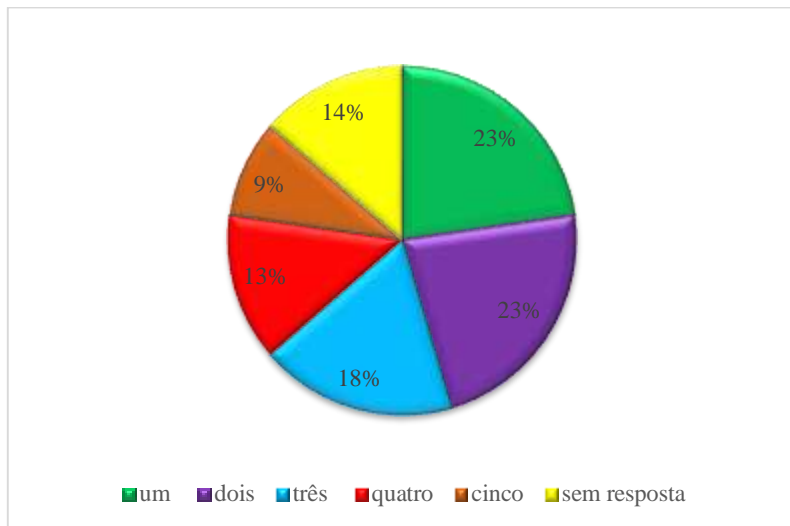
Fonte: produção da autora

5.1.4 Perfil e publicação de conteúdos

Na questão 6, subdividida em sete itens (6.1,6.2,6.3,6.4,6.5,6.6, e 6.7), realizamos o estudo do perfil dos adolescentes na *Internet*, com o resultado apresentado nos Gráficos 25 a 31 e nas Tabelas 06 e 7.

Na questão 6 verifiquei quantos perfis os adolescentes possuem nas redes, conforme Gráfico 25. Segundo os dados coletados, a maioria possui entre um e três perfis na rede.

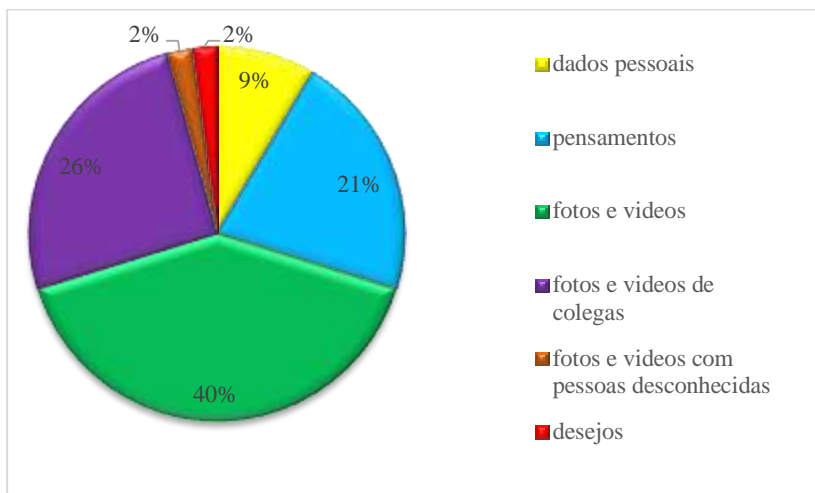
Gráfico 25 - Quantos perfis você possui?



Fonte: produção da autora

No item 6.1, verifiquei o que eles postam nesse perfil e concluí que a maioria posta vídeos e fotos de si mesmo (40%) e dos colegas (26%), conforme se verifica no Gráfico 26 e na Tabela 6. A apresentação de dados em forma de gráfico e tabela foi feita para melhor compreensão desses.

Gráfico 26 - O que você posta em seu perfil?



Fonte: produção da autora

Tabela 6 - O que você posta em seu perfil?

O que você posta no perfil?	AD
Pensamentos, vídeos e fotos minhas	2
Dados pessoais, vídeos e fotos minhas	1
Dados pessoais e pensamentos	1
Imagens suas e de colegas	3
Imagens suas, de colegas e desejos	1
Pensamentos, imagens suas e de colegas	4
Pensamentos, imagens suas, de colegas e de desconhecidos	1
Somente imagens de colegas	1
Somente imagens minhas	5
Não posta nada	1
Dados pessoais, pensamentos imagens minhas e de colegas	2

Fonte: produção da autora

No item 6.2, verifiquei o que os adolescentes querem mostrar sobre si às pessoas que acessam seu perfil. Percebemos que a maioria deseja passar uma imagem positiva de si mesmo, conforme os dados apresentados na Tabela 4. Essa pode ser uma característica comum na adolescência, pois nessa faixa etária, segundo Erikson (1976), o adolescente vive uma crise de identidade e busca a aceitação da sociedade, como também pode se relacionar a sociedade do espetáculo, pois segundo Debord (2003), nessa sociedade, é preciso chamar a atenção, mostrando fatos, situações da vida.

Tabela 7 - O que você gostaria que os outros pensassem sobre você a partir de seu perfil?

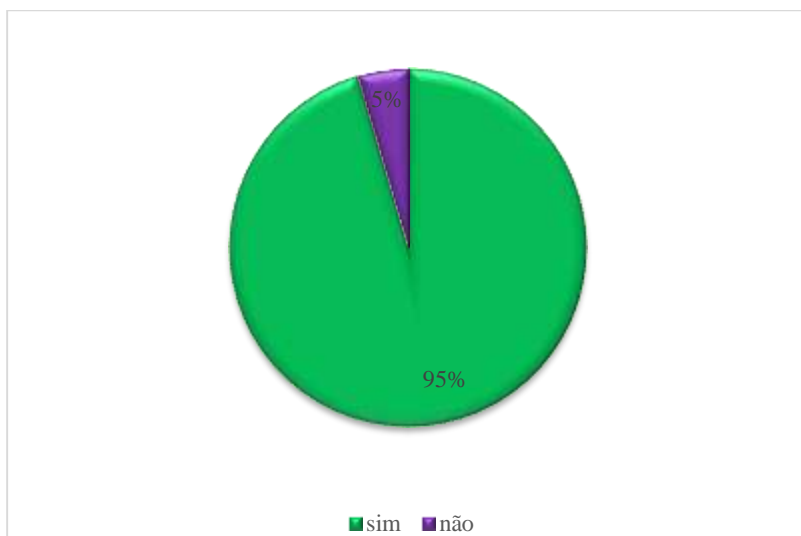
Cite cinco características que você gostaria que os outros pensassem sobre você a partir de seu perfil.

Não responderam;	3
Dois adolescentes indicaram somente duas características:	1 - legal e que gosta de dançar; 1 - divertida e inteligente.
Três adolescentes indicaram somente três características.	Sou legal, carinhosa, gosto de falar sobre minha vida; Amigo, companheiro e legal; Feliz, com opinião própria e autêntico;
Dois adolescentes indicaram somente quatro características	Que sou sincera, religião afro-brasileira, estudiosa e gosta de ouvir música; Legal, pensativo, gosta de conversar e fazer amizades.
Dez adolescentes indicaram as cinco características	Bonita, extrovertida, amiga, humilde e com opinião própria. Legal, sou crente, tenho namorado, que me respeitem, e que falo o que penso. Legal, sincera, amiga, feliz e inteligente. Engraçado, inteligente, legal, estudioso e brincalhão. Gentil, legal, sincero, bagunceiro e educado. Inteligente, bonita, realista, engraçada e verdadeira Divertido, engraçado, bonito, legal, crente Legal, bonita, divertida, interessante, animada para qualquer coisa Que pensem que sou extrovertida, feliz, simpática, bonita, de bem com a vida Que sou legal, bonito, amigo, esperto e brincalhão

Fonte: produção da autora

No item 6.3, 21 adolescentes responderam que postam vídeos seus, conforme podemos perceber no Gráfico 27, onde somente um deles disse não postar. Isso também é uma característica comum ao nosso contexto, mas se feita sem orientação e supervisão, como já vimos, pode colocar o indivíduo em situação de risco especialmente na questão do *Sexting*.

Gráfico 27 - Você posta imagens (fotos/vídeos) seus?

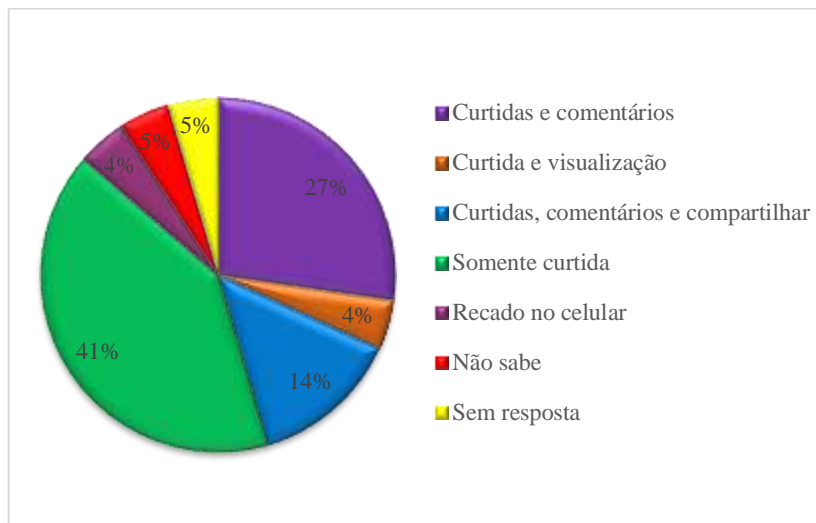


Fonte: produção da autora

No item 6.4, perguntei aos adolescentes como eles sabem que seu perfil foi acessado. Conforme poderemos ver no Gráfico 28, somente três adolescentes reconhecem que o acesso às fotos nem sempre é identificado, podendo ser por meio de visualização e sem conhecimento. Somente um adolescente destacou o recado no celular como forma de saber que as fotos foram visualizadas. Em sua maioria, eles não consideraram a possibilidade de visualização sem curtida ou comentário ou de que a imagem pode ser copiada e postada por

outras pessoas, ou seja, não consideram alguns dos riscos a que estão expostos.

Gráfico 28 - Como você sabe do acesso ao seu perfil?

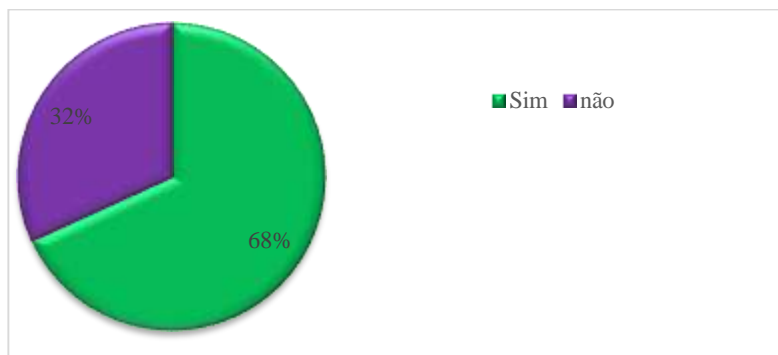


Fonte: produção da autora

No item 6.5, investiguei quais os comentários feitos nas próprias imagens (fotos/vídeos). Com relação aos comentários, a maioria dos adolescentes somente agradece esses comentários feitos por outras pessoas, conforme podemos verificar nos Gráficos 29 e 30.

No Gráfico 29 apresento os dados sobre quem comenta ou não suas próprias imagens (fotos/vídeos) e no Gráfico 30 encontramos os comentários feitos pelos 15 adolescentes que afirmaram comentar suas próprias imagens (fotos/vídeos).

Gráfico 29 - Você comenta suas próprias imagens (fotos/vídeos)?

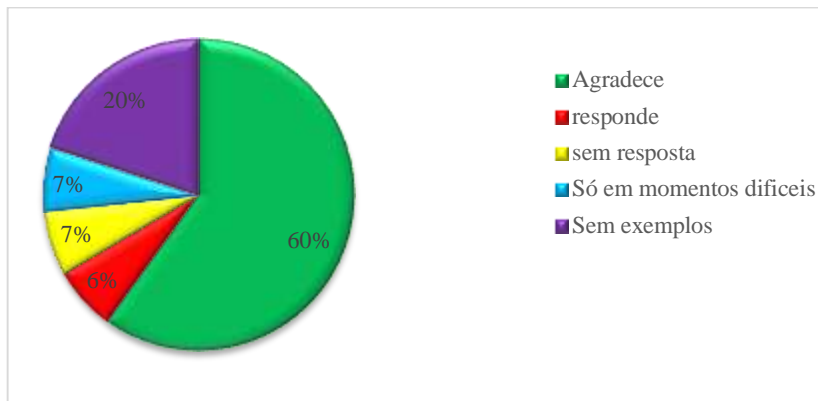


Fonte: produção da autora

Como pudemos perceber no Gráfico 29, a maioria dos adolescentes comenta suas próprias imagens (fotos/vídeos). Essa ação de comentar suas imagens (fotos/vídeos) também se relaciona a imersão no mundo midiático, a busca de atenção das pessoas, como nos apontaram Debord (2003) e Turkle (2012). Por outro lado, esse uso da *Internet*, a publicação desses comentários, sem supervisão, sem orientação pode gerar situações constrangedoras e até mesmo, colocar o adolescente em risco.

Segundo os dados do Gráfico 30 os comentários feitos pelos adolescentes sobre suas próprias imagens (fotos/vídeos) são apenas saudações, em sua maioria agradecimento. Embora esses comentários possam representar uma forma polida de se relacionar, são feitos de forma virtual, o que pode ser um indicativo da superficialidade de vínculos, apontado por Rivoltella (2007), mas também pode ser uma nova forma de relacionamento como apontou Turkle (2012), ao afirmar que para os adolescentes basta enviar uma mensagem para seus amigos e eles saberão que você se importa.

Gráfico 30 - O que você diz sobre suas imagens (fotos/vídeos)?



Fonte: produção da autora

Os itens 6.6 e 6.7 referiram-se a imagens (fotos/vídeos) dos adolescentes e sobre imagens (fotos/vídeos) íntimos que circulam na rede, respectivamente. Sobre imagens (fotos/vídeos) circulando na rede, somente quatro adolescentes disseram que existem vídeos ou fotos de amigos circulando no momento. Sobre as imagens (fotos/vídeos) íntimos que foram objeto de investigação da questão 6.7, houve unanimidade: todos os adolescentes disseram nunca ter postado imagens (fotos/vídeos) íntimos na rede.

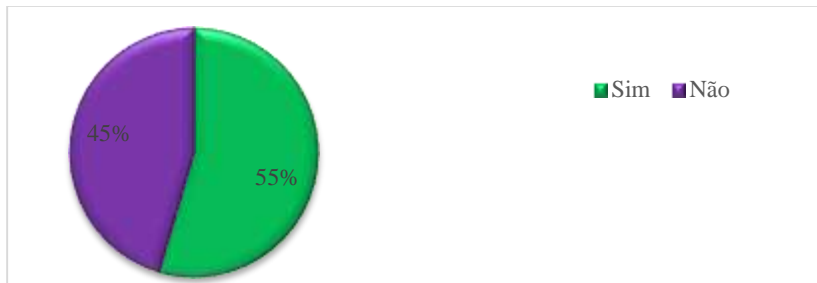
5.1.5 Controle dos pais

Outro aspecto explorado, com as questões 7 e 8 foi o controle dos pais com relação ao uso do computador e do celular.

Com a questão 7 investiguei o controle do uso computador. Subdividi a questão em 7.1, 7.2 e 7.3. Iniciei perguntando se alguém controla o uso do computador e notebook. Percebemos que a maioria dos sujeitos reconhece alguma forma de controle do uso do computador, pois a

maioria dos adolescentes pesquisados respondeu positivamente, conforme o Gráfico 31.

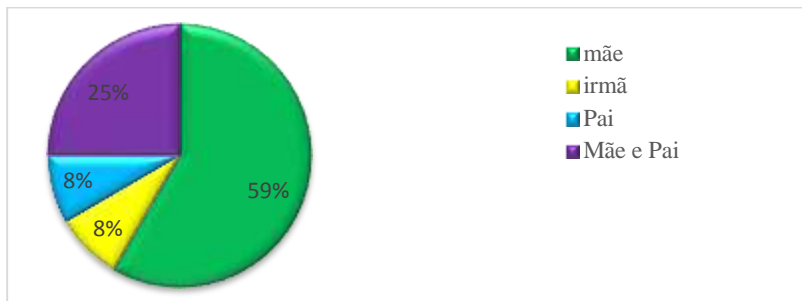
Gráfico 31 - Existe alguém que controla o seu uso do computador e notebook?



Fonte: produção da autora

Para continuar a investigação sobre o controle, utilizei as respostas desses 12 adolescentes que responderam sim na questão 7. Podemos perceber no Gráfico 32, que a pessoa que mais controla o uso é a mãe, apontada por 7 adolescentes como a pessoa que controla o uso.

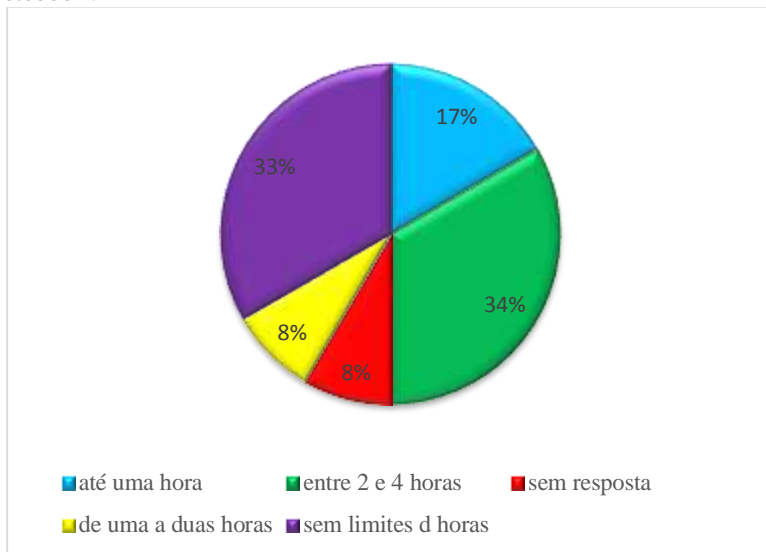
Gráfico 32 - Quem controla o seu uso do computador e notebook?



Fonte: produção da autora

Ainda perguntei para esses 12 adolescentes, no item 7.2, quanto tempo eles podem usar o computador. Dentre esses 12, 7 adolescentes disseram que podem utilizar até 4 horas, 4 adolescentes não têm limites de horas e um não respondeu, conforme Gráfico 33.

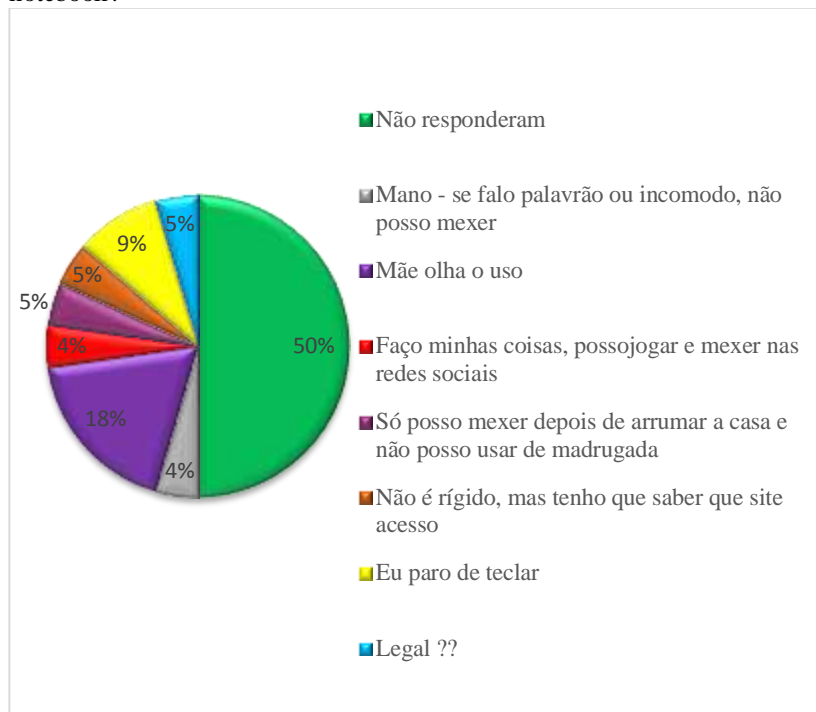
Gráfico 33 - Por quanto tempo você pode usar o computador e/ou notebook?



Fonte: produção da autora

No item 7.3 perguntei como é feito esse controle pelo adulto responsável e obtive as seguintes respostas apresentadas no Gráfico 34 e na Tabela 8.

Gráfico 34 - Como é feito o controle do uso do computador e/ou notebook?



Fonte: produção da autora

Sobre a forma como é feito o controle, podemos visualizar no Gráfico 34 que 48% dos adolescentes responderam como é feito, porém na questão anterior, sobre ser controlado ou não, 55% haviam respondido positivamente, isto é, 7% deles não sabem o que é controle, ou não são efetivamente controlados. A Tabela 8 contém os mesmos dados do supracitado gráfico.

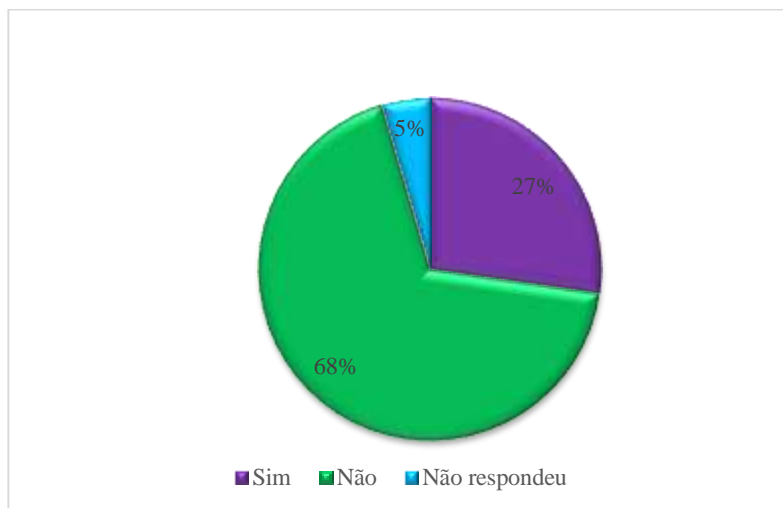
Tabela 8 - Como é feito o controle do uso do computador e/ou notebook?

Apelido	O que disse
Beyonce 1	Sem resposta
Je 2	Um disse ser legal a forma como é feito, mas não colocou qual é a forma
Pou 3	Ela olha o uso
Estrela Grande 4	Bom. Quando eu noto algo diferente falo para minha mãe. De vez em quando ela olha minhas redes sociais
Galo 5	Ela vê quase tudo que eu posto
Chay 6	Ela vê o que eu faço
Nya 7	Faço minhas coisas e acesso as redes sociais
Kat 8	Só posso mexer depois de arrumar a casa e não posso usar de madrugada;
Chibi 9	Não é rígido, mas tenho que saber em que site acesso;
Jogador 10	Após o tempo, tenho que parar de teclar (2)
Hunterofsouls 11	
Mano 12	Se eu incomodo, falo palavrão ou acaba o tempo

Fonte: produção da autora

Na questão 8, investiguei o controle do uso do celular por um adulto. Podemos perceber no Gráfico 35 que 68 % dos adolescentes afirmam que seus pais não supervisionam o uso do celular, ou seja, somente 32% são controlados. Esse dado é compatível com as pesquisas citadas nos outros capítulos, pois em ambas podemos perceber que o acesso à *Internet* pelos adolescentes é feito sem orientação e supervisão.

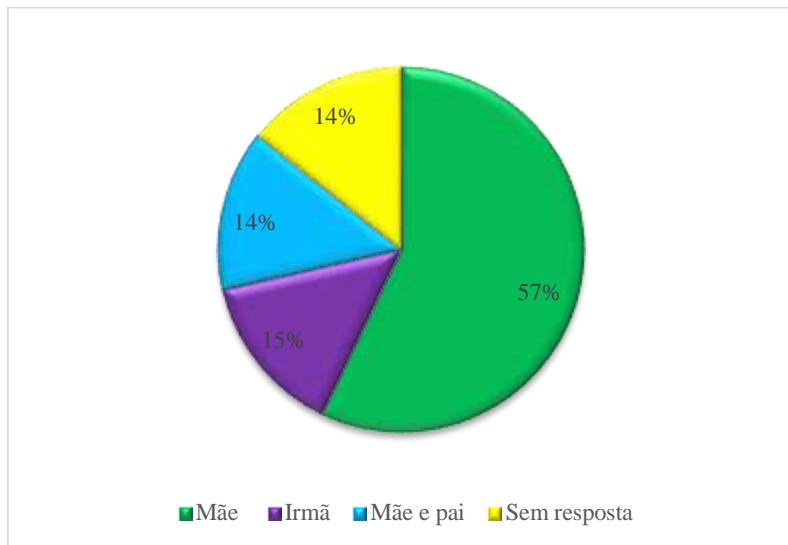
Gráfico 35 - Existe alguém que controla o seu uso do celular?



Fonte: produção da autora

No item 8.1., investiguei quem controla o uso do celular dos seis adolescentes que afirmaram ter o uso controlado. Podemos perceber que a pessoa que mais controla o uso do celular é a mãe, conforme Gráfico 36. Na questão anterior, a pessoa que mais controlava o uso do computador também era a mãe.

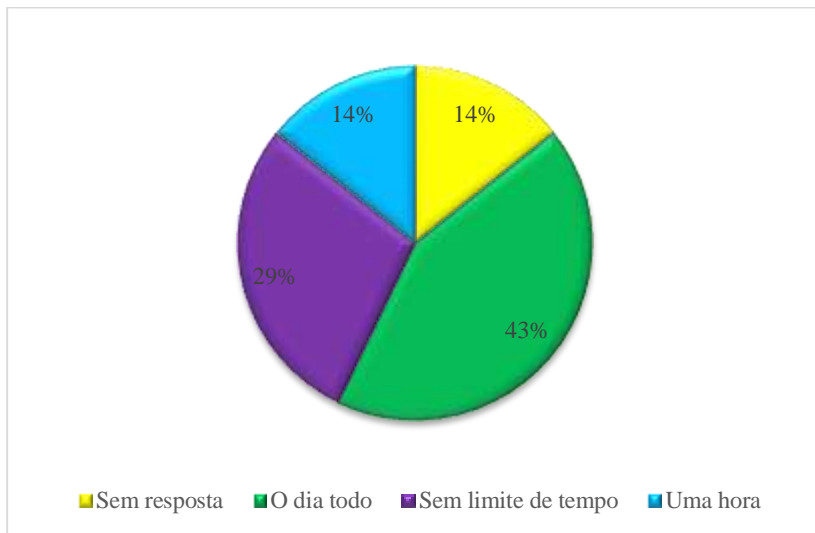
Gráfico 36 - Quem controla o seu uso do celular?



Fonte: produção da autora

Ainda investigando como é feito o controle do uso do celular por esses 6 adolescentes, apresentamos as respostas do item 8.2 no Gráfico 37. Percebemos que a maioria dos adolescentes utiliza o celular livremente, isto é, não existe um controle do tempo de uso. Apenas um deles afirmou ter o tempo de uso controlado, pois segundo ele, a mãe permite que ele utilize o celular durante uma hora/dia. Lembro que 16 adolescentes dos 22 não têm nenhuma forma de orientação ou supervisão ao usar o celular.

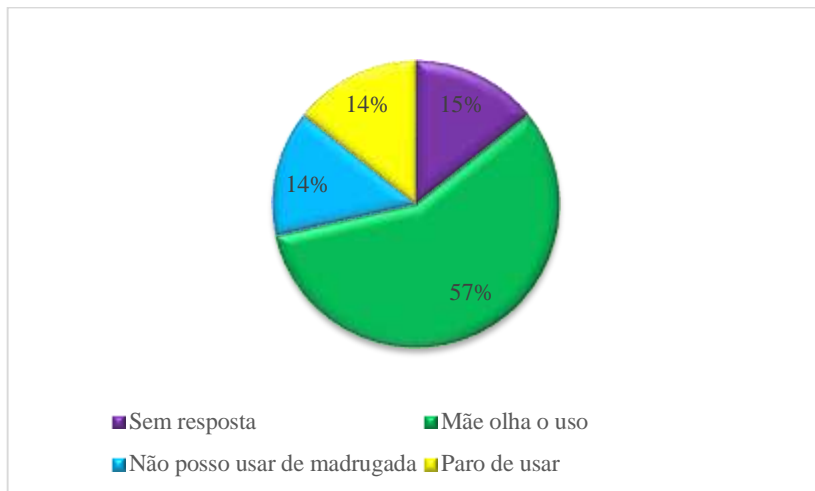
Gráfico 37 - Por quanto tempo você pode usar o celular?



Fonte: produção da autora

Com o item 8.3 encerrei a investigação sobre o controle. Perguntei como o controle é feito. Percebi por meio das respostas apresentadas no Gráfico 38 que a maioria dos adolescentes afirma que a mãe olha o uso do celular, porém eles não explicam como ela faz isso. Os adolescentes não explicaram como é esse “olhar o celular”, ou seja, não explicaram se a mãe olha o *Whatsapp*, se ela verifica as mensagens recebidas e enviadas, se ela acessa o *Facebook*. Portanto, as respostas dadas em toda a questão 8 pelos 6 adolescentes que afirmaram ser controlados não nos mostra como é esse controle e, não indica que realmente exista o controle desse uso.

Gráfico 38 - Como é feito o controle do uso do seu celular?



Fonte: produção da autora

5.1.6 Segurança do perfil

Nas questões 9 e 10 investiguei a segurança do perfil. A maioria dos adolescentes pesquisados disse reconhecer que o perfil não está seguro, pois várias pessoas podem acessar e copiar os dados ali colocados, conforme podemos perceber pelas respostas apresentadas na Tabela 9. Apesar de afirmarem saber dos riscos, a maioria respondeu em questões anteriores que posta imagens (fotos/vídeos) e os comenta.

Algumas das respostas dadas demonstram preocupação com o que é postado, tais como: “Sim, pois não coloco telefone, nem endereço”; “Sim, eu analiso a foto antes de bater”; “Sim, pois eu configuro como quero, eu dou a segurança que desejo”. Essas são formas cuidadosas de publicar conteúdo na internet. Outros afirmaram com certeza que seu perfil não é seguro, como percebemos na Tabela 9.

Tabela 9 - Você acha que seu perfil é seguro?

Você acha que seu perfil é seguro?	AD
Não, porque várias pessoas ver e usar minhas fotos, além de ver o colégio onde estudo, qual minha idade...	1
Não, porque alguém pode fazer montagem dele, mas eu não me importo	1
Não, porque ele até já foi hackeado	3
Não, porque não sei quem acessa ele	4
Não porque coloco dados como telefone e endereço	1
Não, porque não sei quem acessa ele e o que faz	1
Não porque um estuproador ou criminoso pode ver e querer me seguir	1
Não, sem justificar	2
Acho que sim, porque só eu tenho acesso a minha conta no site	1
Sim, pois não coloco telefone, nem endereço	1
Sim, porque só eu tenho acesso	1
Sim, eu analiso a foto antes de bater	1
Sim, sem justificativa	1
Um não respondeu	1
Sim, porque só deixo minha família ver o que posto no perfil	1
Sim, pois eu o configuro como quero, eu dou a segurança que desejo	1

Fonte: produção da autora

Com as respostas da questão 10, apresentadas no Gráfico 39, percebemos que a maioria dos adolescentes já recebeu textos de desconhecidos. Neste mesmo Gráfico encontramos os dados sobre o que os adolescentes fizeram com as mensagens recebidas: leram, excluíram o texto ou bloquearam a pessoa.

Gráfico 39 - Você já recebeu textos de pessoas desconhecidas?



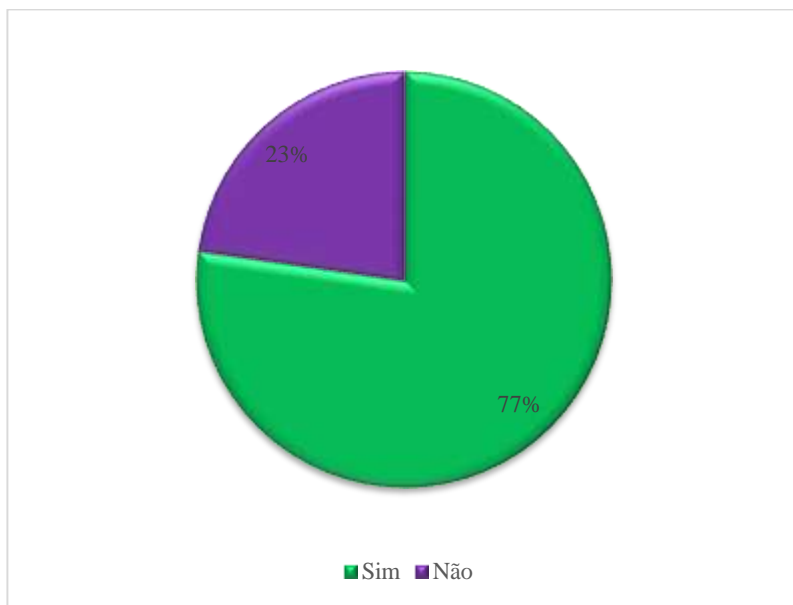
Fonte: produção da autora

5.1.7 Relacionamentos virtuais

Neste bloco estão as questões de número 11 a 16, que visam investigar como se dão as relações virtuais desses adolescentes. Os três Gráficos seguintes - 40, 41 e 42 - referem-se, respectivamente, as questões 11, 11.1 e 11.2, que se complementam.

No Gráfico 40 percebemos que a maioria dos adolescentes se relaciona virtualmente, pois 17 dos 22 adolescentes pesquisados responderam que sim a pergunta: você se relaciona virtualmente?

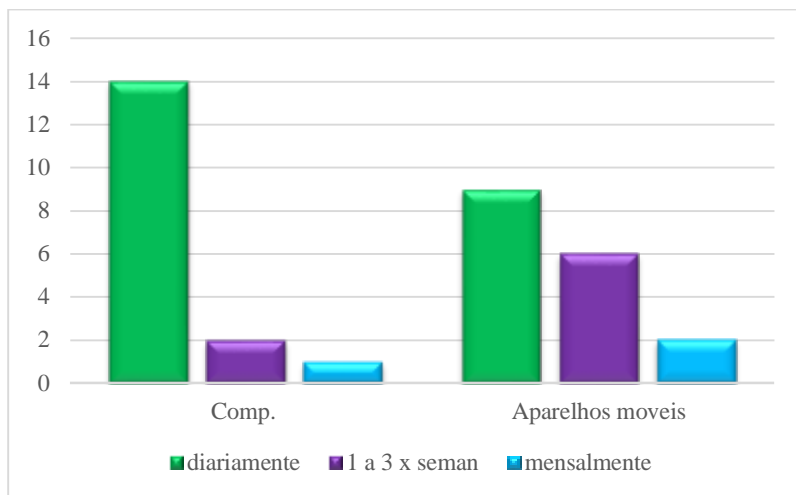
Gráfico 40 - Você se relaciona com outras pessoas virtualmente?



Fonte: produção da autora

No item 11.1 investiguei a frequência das relações virtuais dos 17 adolescentes que afirmaram se relacionar virtualmente. Conclui-se que o relacionamento virtual desses, acontece diária ou semanalmente, conforme podemos visualizar no gráfico abaixo. Segundo Turkle (2012), esta é uma nova forma de relacionamento, mediada pelas mídias. Embora exista essa nova forma de relacionamento, é preciso atenção aos riscos relacionados a essa nova prática, tais como a divulgação de imagens íntimas sem o consentimento, a pedofilia, dentre outros.

Gráfico 41 - Com que frequência você se relaciona virtualmente?



Fonte: produção da autora

O item 11.2 complementou as duas questões anteriores, pois com ela investiguei os tipos de mensagens veiculadas tanto em aparelhos móveis como no computador. Podemos perceber como se dá a interação por meio das mídias na Tabela 10, logo abaixo. As principais mensagens trocadas tanto nos aparelhos móveis, quanto nos computadores referem-se a atividades cotidianas dos adolescentes, tais como cumprimentar, fazer brincadeiras com os colegas e namorar. Sobre isso, observamos que embora todos os adolescentes afirmem usar o *Facebook*, somente 17 afirmaram que se relacionam virtualmente.

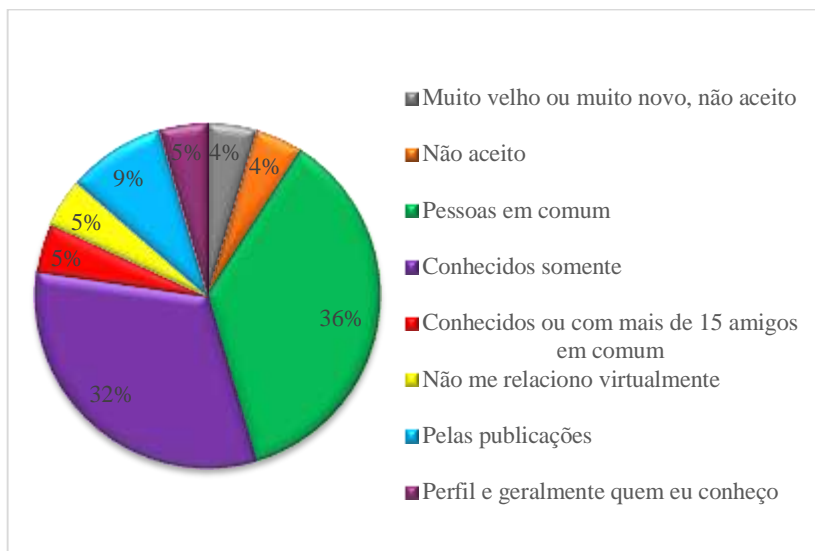
Tabela 10 - Tipos de mensagens trocadas nas mídias

Aparelhos moveis	Ad	Computador	Ad
Oi, tudo bem	9	Oi, tudo bem	8
Assuntos particulares como cotidiano, namoros, brincadeiras	4	Namoros, brincadeiras	4
Depende	2	Depende	2
Trocar fotos, marcar encontro	1	Trocar fotos, marcar encontro	1
Coisas que assisto	1	Música e jogos	1
Não responderam	5	Novidades, fotos minhas, fotos engraçadas (caretas) e saber como estão	1
		Não responderam	5

Fonte: produção da autora

Com a questão 12, verifiquei quais os critérios utilizados pelos adolescentes pesquisados para aceitar amigos virtuais. Para aceitar amigos virtuais 9 adolescentes disseram que somente aceitam amigos de amigos em comum e cinco adolescentes pontuaram que aceitam somente conhecidos, ou seja, 14 dos 22 adolescentes afirmam ter cautela. A escolha dos amigos também pode ser feita pelo que a pessoa escreve, pela idade ou pelo perfil, conforme podemos visualizar no Gráfico 42. Embora isso represente uma minoria, devemos lembrar que critérios, como escolha pela idade ou pelo que é colocado no perfil podem colocar os adolescentes em situações de risco, uma vez que nem sempre o que é publicado na rede é real.

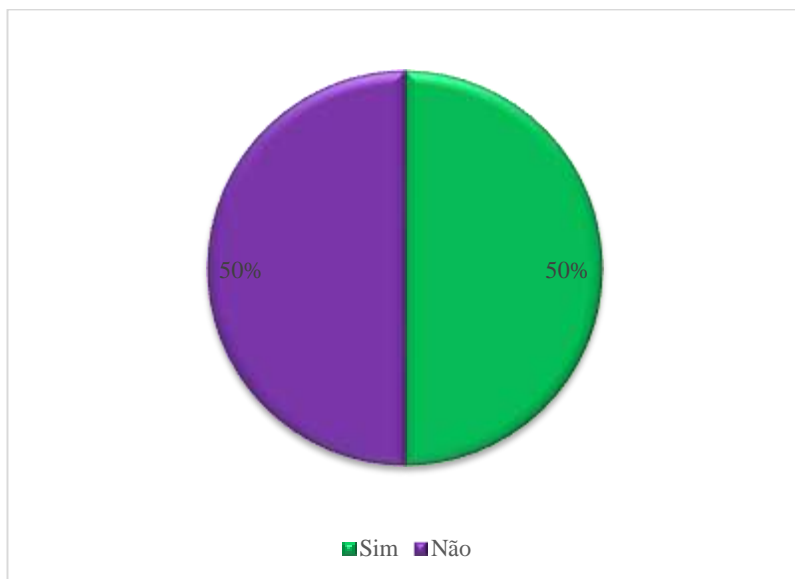
Gráfico 42 - Como você decide aceitar amigos virtuais?



Fonte: produção da autora

Com a questão 13, investiguei se os adolescentes conhecem seus amigos virtuais. Como podemos observar no Gráfico 43, metade dos sujeitos conhece e outra metade não. Essa informação também é um indicador que merece um alerta, pois o fato de aceitar amigos virtuais pela idade ou pelas publicações, como pontuado por 10% dos indivíduos pesquisados, pode os colocar em situação de risco. Isso porque, nem sempre as informações que visualizamos no perfil são verdadeiras. Portanto, dar informações sobre a vida pessoal, a rotina, endereço ou telefone a alguém que só é conhecido virtualmente poderá expor o adolescente a situações de risco, até mesmo a criminosos.

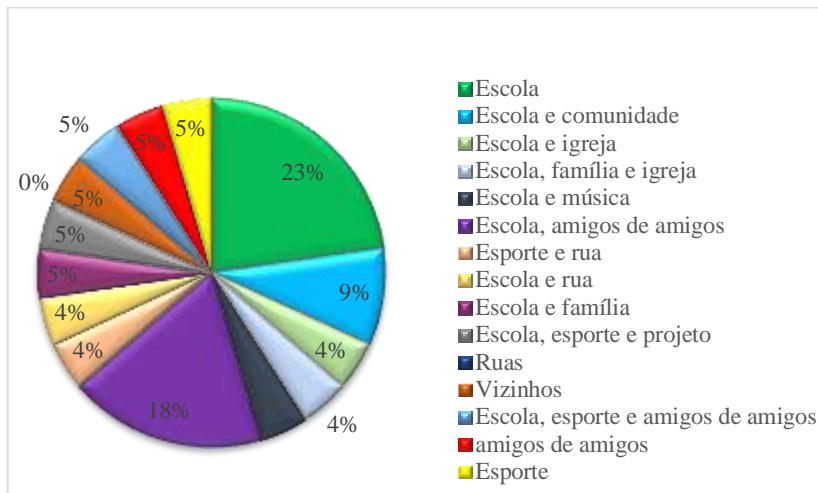
Gráfico 43 - Você conhece seus amigos virtuais pessoalmente?



Fonte: produção da autora

Na questão 14 investiguei a que grupos pertencem esses amigos virtuais. A escola aparece como o lugar em que se concentra o maior número de amigos virtuais, como podemos ver no Gráfico 44. Ter como amigos virtuais os colegas de escola pode dar a falsa sensação de segurança, pois alguém com más intenções pode estar usando o nome de um colega. Isso não significa que não devo me comunicar com colegas da escola utilizando a rede, mas garantir que estou realmente falando com meu colega.

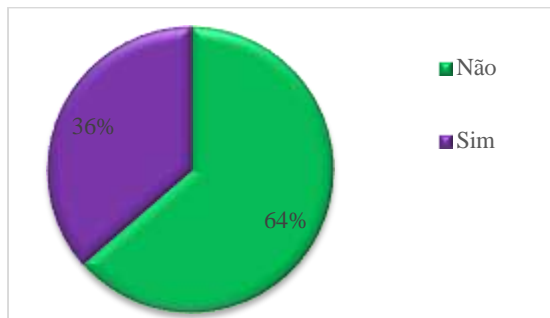
Gráfico 44 - Seus amigos virtuais pertencem a que grupos?



Fonte: produção da autora

Na questão 15 investiguei se os adolescentes conheceram algum amigo virtual pessoalmente e como foi o encontro. Dentre os 22 adolescentes, 8 disseram ter conhecido alguém, conforme o Gráfico 45. A *Internet*, por meio das redes sociais e dos aplicativos possibilita expandir nossa rede social e conhecer pessoas, porém isso deve ser feito com o máximo cuidado.

Gráfico 45 - Você conheceu pessoalmente algum amigo que era virtual?



Fonte: produção da autora

Os oito adolescentes que afirmaram ter conhecido alguém, descreveram seus encontros. Essa descrição é apresentada na Tabela 11. Percebemos pelas respostas dos adolescentes, novamente, a importância de orientação e supervisão nessa fase, principalmente se lembrarmos que os adolescentes estão construindo sua identidade adulta, segundo Erikson (1976) e nesse processo, diz o autor, o adolescente começa a abandonar as características infantis para desenvolver essa identidade. Ressalta Erikson, citado por Collins e Sprinthall (2003), que a falta de maturidade para tomar decisões como fornecer ou não informações sobre rotina e endereço a um desconhecido pode trazer problemas, tais como a exposição indevida de imagens, a violência sexual, dentre outros.

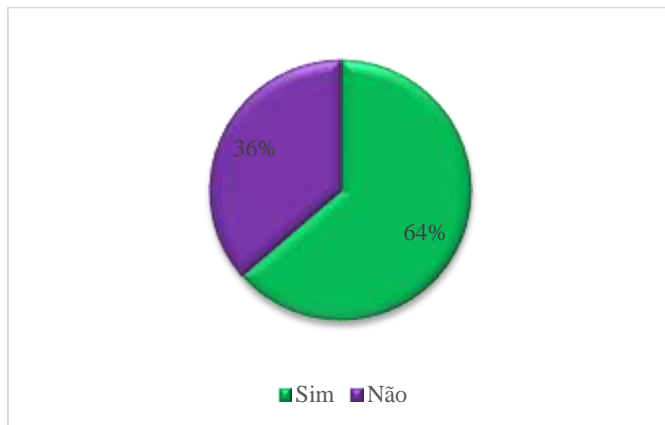
Tabela 11 - Encontros entre os adolescentes e amigos virtuais

Apelido	Descrição do encontro
Keith	Conheci uma menina, marcamos perto da casa dela e até hoje somos amigas
Je	Marcamos um encontro em frente a minha casa
Estrela Grande	Conheci por meio de outros amigos, foi de boa
Karolzinha	Em shopping e em parques
L	Foi normal, nos abraçamos e conversamos
Galo	Era prima de um amigo e foi na casa dele
Morena	Nos encontramos por acaso e foi muito rápido
B	Conheci uma menina, nos encontramos no shopping e somos bem amigas

Fonte: produção da autora

O Gráfico 46 apresenta as respostas da questão 16, na qual perguntei: Você fotografa ou filma seus amigos?

Gráfico 46 - Você fotografa ou filma seus amigos?



Fonte: produção da autora

Como podemos ver no Gráfico 46, 64% dos adolescentes disse fotografar ou filmar os amigos.

As imagens (fotos/vídeos) produzidas preferidas por esses 14 adolescentes são as fotos engraçadas e as brincadeiras, conforme Tabela 12. Nessa questão, uma adolescente disse

enviar *animes*, que são imagens com personagens fictícios, que não se relaciona a uma imagem produzida por ela.

Tabela 12 - Tipos de imagens (fotos/vídeos) preferidas dos amigos dos adolescentes, produzidas pelos adolescentes pesquisados

Apelido	Tipos de imagens (fotos/vídeos) preferidas	Ad
Morena	Fotos engraçadas	1
Beyoncé	Fotos com as amigas	1
Je	Rosto e sorriso	1
Estrela Grande	Fazendo brincadeiras, poses ou quando estamos juntos	1
Bila	Fotos divertidas com amigos e com as pessoas que amo	1
Chay	Fotos divertidas com amigos	1
Kaka	Diversão	1
Nya	Fotos engraçadas e vídeos, mas não posto em redes sociais	1
Chibi Kat	Brincadeiras	2
F	Foto com eles	1
L	Fotos em festas e engraçadas	1
Galo	Fazendo palhaçada	1
Keith	Fotos em que a pessoa fica surpresa, acaba sendo engraçado	1

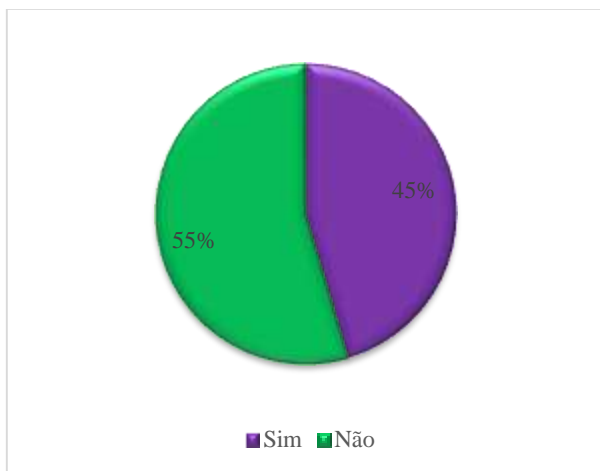
Fonte: produção da autora

5.1.8 Envio de imagens (fotos/vídeos)

Esse bloco de questões é composto pelas questões 17 e 18. Com essas questões investiguei se os adolescentes enviam ou recebem imagens (fotos/vídeos) de amigos, que tipos de imagens (fotos/vídeos) são e quem tem acesso ao material enviado.

A questão 17 foi subdividida em 17.1, 17.2, 17.3, 17.4 e 17.5, sendo que todas as perguntas complementam a questão 17 com a qual investiguei o envio de imagens (fotos/vídeos). Percebemos no Gráfico 47 que 10 adolescentes afirmaram enviar imagens.

Gráfico 47 - Você envia a outras pessoas imagens (fotos/vídeos) de seus amigos?



Fonte: produção da autora

Na Tabela 13, a partir do item 17.1, pode verificar para quem são enviadas as imagens (fotos/vídeos) por esses 10 adolescentes que responderam afirmativamente a questão 17.

Tabela 13 - Para quem você envia imagens (fotos/vídeos) de seus amigos?

(continua)

Apelido	Para quem você envia imagens (fotos/vídeos) de seus amigos?	
Keith Karolzinha - não quis descrever o que enviou ou sente Chibi Kat	Amigos	4
B Estrela Grande Galo	Amigos e família	3

Tabela 13 - Para quem você envia imagens (fotos/vídeos) de seus amigos?

(conclusão)

Apelido	Para quem você envia imagens (fotos/vídeos) de seus amigos?	Ape lido
L	Melhores amigos e namorado	1
Morena	Amigos e colegas conhecidos	1
F	Não respondeu para quem	1

Fonte: produção da autora

No item 17.2 questionei os 10 adolescentes que enviaram imagens (fotos/vídeos) de seus amigos, sobre o que eles enviaram e o que sentiram ao enviar tais imagens (fotos/vídeos) de seus amigos. As respostas estão na Tabela 09 e nos mostram a preocupação dos adolescentes em mostrar, de modo geral, situações alegres, felizes de seu cotidiano.

Tabela 14 - Que tipo de imagens (fotos/vídeos) são enviadas para amigos e quais são os sentimentos dos adolescentes

Apelido	O que envia	O que sente, pensa	Ad.
Je	Caretas	Engraçado	1
Estrela Grande	Foto com sobrinho	Mostrar como é lindo	1
Chibi Kat	Foto de amigo	Engraçado	2
F	Fotos com amigos	Para dizer que aquela pessoa é especial para mim	1
L	Em branco	Acho engraçado	1
Galo	Brincando de luta	Acho legal	1
Morena	Fotos minhas que acho bonita	Tenho que mostrar para os outros	1
B	Fotos engraçadas, desde que não ofenda ninguém	Acho legal	1

Fonte: produção da autora

No item 17.3, investiguei se há imagens (fotos/vídeos) de amigos circulando na rede e na 17.4, que tipos de imagens (fotos/vídeos) circulam. Somente três adolescentes disseram que há imagens (fotos/vídeos) circulando. Os conteúdos destas

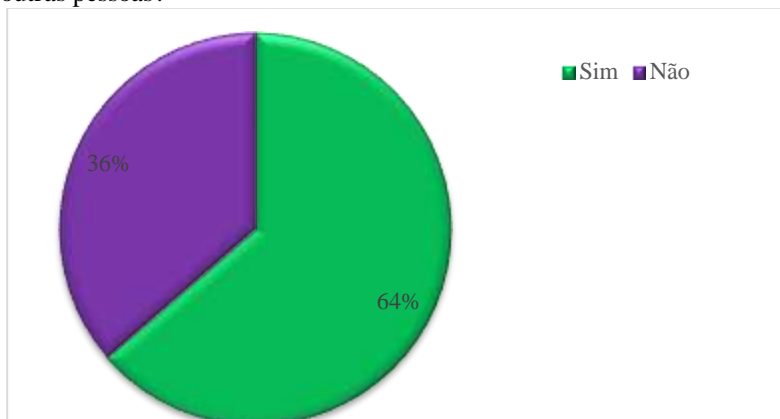
imagens (fotos/vídeos) elencados foram: brincadeiras, vídeos com amigos e vídeos de luta. Esses dados serão explorados no próximo capítulo.

No item 17.5, perguntei sobre imagens (fotos/vídeos) que foram visualizados por pessoas que não deveriam ver. Novamente, somente três afirmaram que isso aconteceu. Segundo eles, o que aconteceu foi: para um a foto se tornou pública, qualquer um podia ver; outro virou motivo de risada e o terceiro disse que achou chata a situação porque uma amiga postou uma foto dela fazendo careta o que a deixou envergonhada.

5.1.9 Imagens (fotos/vídeos) recebidas

A questão 18 foi subdividida em 18.1, 18.2 e 18.3 com as quais investiguei o recebimento de imagens (fotos/vídeos). Como podemos ver no Gráfico 48, referente à questão 18, 14 adolescentes disseram receber imagens (fotos/vídeos) seus e de seus amigos de outras pessoas.

Gráfico 48 - Você recebe imagens (fotos/vídeos) seus e de seus amigos de outras pessoas?



Fonte: produção da autora

No item 18.1, os 14 adolescentes que disseram receber imagens (fotos/vídeos) suas e de seus amigos de outras pessoas apontaram as seguintes imagens (fotos/vídeos) recebidas e seus sentimentos com relação às imagens (fotos/vídeos) recebidas (Tabela 15):

Tabela 15 - Que tipo de imagens (fotos/vídeos) são recebidas dos amigos e quais são os sentimentos dos adolescentes.

Apelido	Tipos de imagens (fotos/vídeos) recebidas	O que pensa, sente?
Galo	Briga, brutalidade	Sem resposta
Je	Skate	Sem resposta
Karolzinha	Recebi foto de uma colega nua	Sem resposta
Chay	Casamento mãe	Sem resposta
Kaka	Selfie, bonita	Sem resposta
Chibi	Resposta em Branco	
Estrela Grande Bila	Fotos de amigos	Legal
Nya	Fotos engraçadas, piadas	Penso que é para compartilhar e rir
Kat	Brincadeiras selfie	Divertido
B	Fotos de amigos fazendo careta,	Engraçado
Keith	Brigas, comédia	Divertido
Morena	Cinema	Legal
L	Branco	Legal e engraçado

Fonte: produção da autora

Podemos perceber, a partir da Tabela 15, que as principais imagens (fotos/vídeos) recebidas são sobre o cotidiano, coisas simples e que mostram o lado bom da vida. No entanto, quero chamar a atenção para duas respostas: a do adolescente Galo, que disse enviar imagens (fotos/vídeos) de brigas, porém não disse o que sente e a da adolescente Keith que também afirmou enviar imagens (fotos/vídeos) de brigas. A diferença é que Keith disse que é divertido. Esse estranhamento, alienação que, segundo Marcuse, citado por Nunes (1996) é fruto da modernidade, é que possibilita a esses adolescentes tratar o outro como objeto.

No item 18.2 perguntei: Você recebeu imagens (fotos/vídeos) íntimas de seus amigos? Somente quatro dentre os 22 adolescentes responderam que sim e são esses 4 sujeitos que importam para a próxima questão. No item 18.3 perguntei o que fizeram com imagens (fotos/vídeos) recebidas. As respostas foram: exclui (2), arquivou e não fez nada, ou seja, nenhum deles repassou a outras pessoas, porém as imagens (fotos/vídeos) podem ter sido acessadas por outros, sem o consentimento da pessoa que aparece nas imagens (fotos/vídeos).

5.1.10 *Sexting*

Nesse bloco estão as questões de número 19 a 24. Iniciei, com a questão 19, investigando quantos adolescentes conheciam a palavra *Sexting*. Somente um adolescente disse conhecer, conforme podemos observar no Gráfico 49.

Gráfico 49 -Você já ouviu falar da palavra Sexting?



Fonte: produção da autora

Na questão 20, investiguei, a partir de uma história fictícia de exposição indevida envolvendo um casal de

namorados, se os adolescentes percebem que isso ocorre na vida real. Todos os adolescentes responderam positivamente a esta questão, ou seja, sabem que a divulgação de imagens (fotos/vídeos) íntimas da rede sem o consentimento é real.

A questão 20 foi complementada pela questão 21, pois nessa, investiguei quantos adolescentes conheciam histórias de colegas, vítimas da divulgação de imagens (fotos/vídeos) íntimas sem consentimento. Na Tabela 16, apresento as histórias conhecidas pelos cinco adolescentes que responderam positivamente:

Tabela 16 - Histórias de divulgação de imagens (fotos/vídeos) íntimas sem consentimento

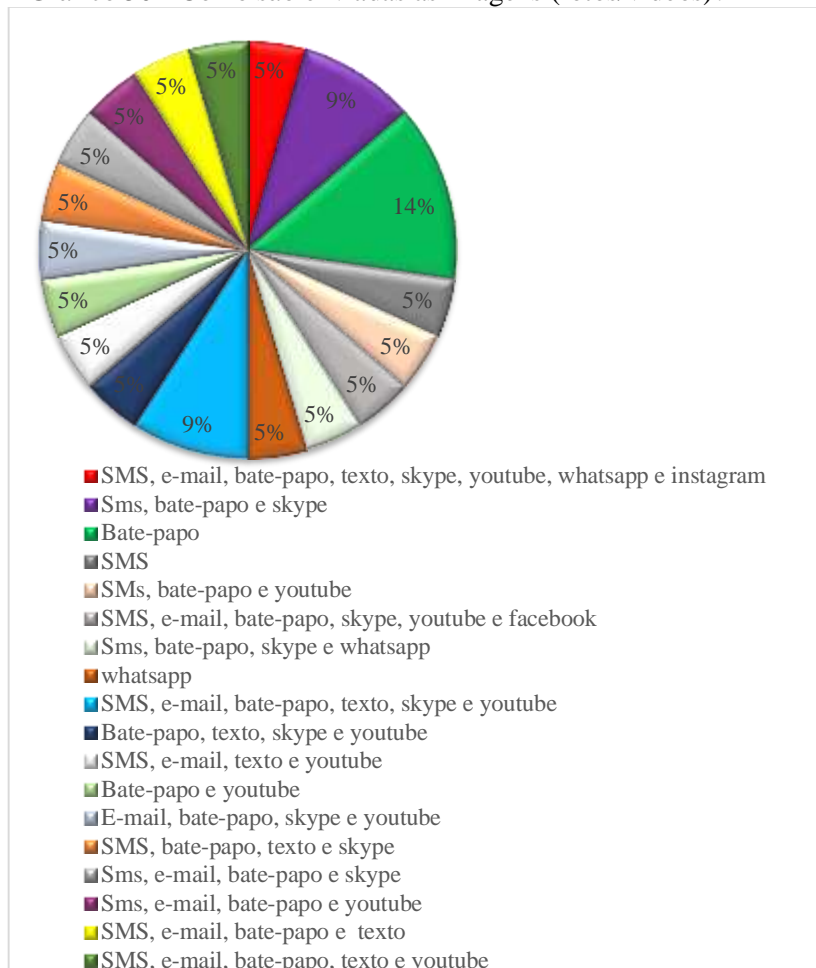
Apelido	Histórias de divulgação de imagens (fotos/vídeos) íntimas sem consentimento
Morena Keith - destacou que eles se conheciam pessoalmente	Uma gurria mandou fotos íntimas para o namorado e quando eles terminaram, ele espalhou as fotos - relatada por duas adolescentes
Beyoncé	Vi na tv a história de uma menina que enviou fotos íntimas para um amigo que postou na internet e ela se matou de tanta vergonha
Karolzinha	Tenho uma amiga que mandou foto nua para o namorado e ele mandou para todos
Kaka	Mireli - foto pelada que tirou para enviar a uma amiga e ela mandou para todos

Fonte: produção da autora

Pelos dados apresentados na tabela e pelas respostas a questão 20, percebemos que os adolescentes compreenderam o conceito de *Sexting* e sabem que a exposição indevida acontece na vida real. Percebe-se que as histórias conhecidas são de pessoas do convívio deles. Porém, o sentimento de onipotência, que, segundo Aberastury e Knobel (1992), pode ser uma característica do adolescente, pode levar o indivíduo a crer que nada de ruim lhe acontecerá, somente poderá ocorrer com outras pessoas. Ressalto novamente a importância do cuidado, da orientação e supervisão ao utilizar a *Internet*.

Na questão 22, perguntei aos adolescentes como essas imagens (fotos/vídeos), textos são enviados e obtive as seguintes respostas, apresentadas nos Gráficos 50 e 51.

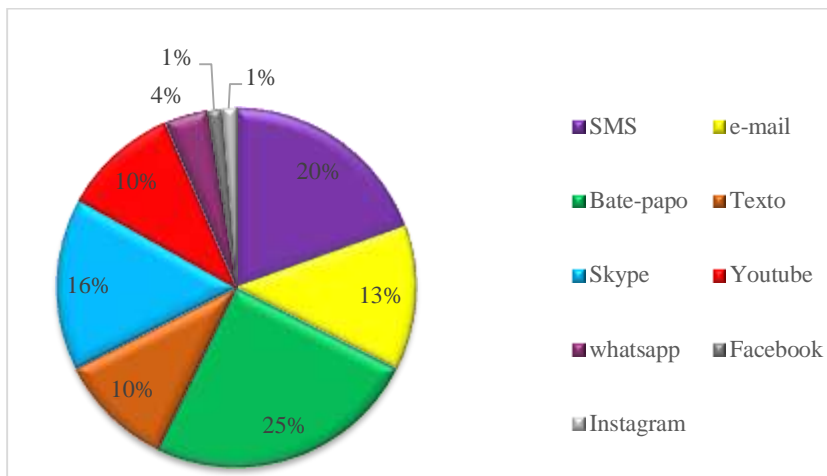
Gráfico 50 - Como são enviadas as imagens (fotos/vídeos)?



Fonte: produção da autora

No Gráfico 51 apresento as ferramentas utilizadas individualmente, considerando a ferramenta como indicador.

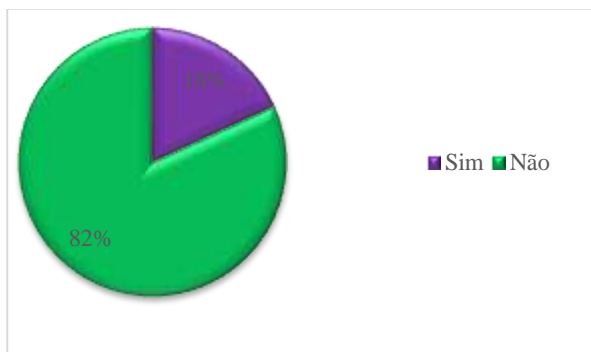
Gráfico 51 - Como são enviadas as imagens (fotos/vídeos)?



Fonte: produção da autora

Com a questão 23, investiguei a produção de imagens (fotos/vídeos) íntimas pelos adolescentes e seus companheiros.

Gráfico 52 - Alguém já pediu para fotografar ou filmar você em situação íntima?

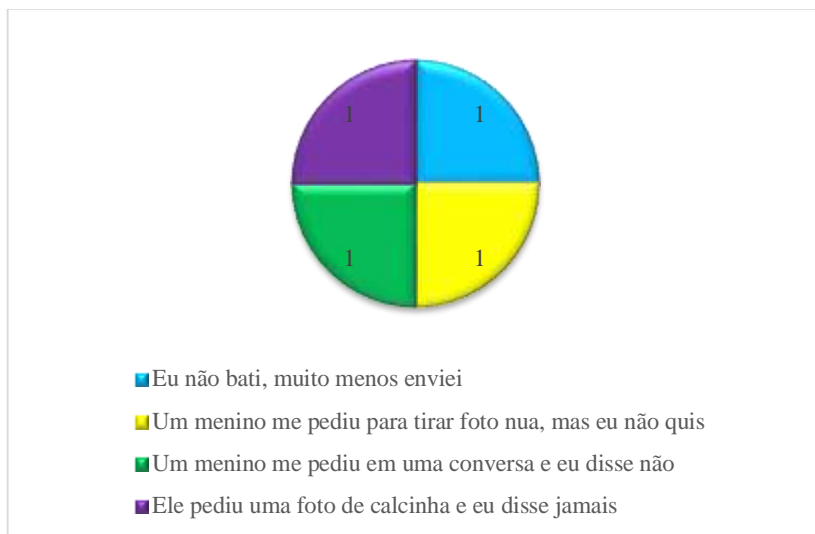


Fonte: produção da autora

Conforme visualizamos no Gráfico 52, nenhum adolescente afirmou já ter produzido imagens (foto/vídeo) íntimas, porém quatro adolescentes contaram que alguém já pediu para lhe fotografar ou filmar em situação íntima. Investiguei então, o que esses quatro adolescentes fizeram diante do pedido para lhe fotografar em situação íntima.

No Gráfico 53 e na Tabela 12, apresento as ações destes adolescentes diante do pedido de fotografar ou filmar em situação íntima.

Gráfico 53 - O que você fez quando pediram para lhe fotografar ou filmar em situação íntima?



Fonte: produção da autora

Como podemos perceber no Gráfico 53 e na Tabela 17, os quatro adolescentes não aceitaram ser filmados ou fotografados. O fato dos adolescentes não aceitarem produzir a foto ou vídeo íntimo pode ter sido resolvido de forma tranquila, sem a exposição indevida. Porém, o adolescente que desejava filmar pode fazê-lo mesmo sem o consentimento de seu

parceiro (a) e disponibilizar a imagem (foto/vídeo) por meio dos aplicativos ou redes sociais. Aqui, resgato o pensamento de Erikson (1976), citado por Collins e Sprinthall (2003) sobre intimidade. Para ele, a intimidade somente pode ser estabelecida após a adolescência, pois somente com a identidade adulta já formada, é que o indivíduo será capaz de tomar boas decisões.

Tabela 17 - O que você fez quando pediram para lhe fotografar ou **film**ar em situação íntima?

Apelido	O que você fez quando pediram para lhe fotografar ou filmar em situação íntima?
Beyoncé	Não bati, muito menos enviei
Karolzinha	Um menino me pediu para tirar foto nua, mas eu não quis
Morena	Um menino me pediu em uma conversa e eu disse não
B	Ele pediu uma foto de calcinha e eu disse jamais

Fonte: produção da autora

Para a última questão, de número 24 utilizei uma notícia de suicídio após a exposição indevida que foi divulgada na mídia impressa. O que percebi a partir das respostas dadas, é que os adolescentes pesquisados, em sua maioria, compreendem que é errado publicar conteúdo íntimo sem autorização. Alguns até acham que a intimidade não é algo a ser gravado, que diz respeito somente ao casal. As respostas dessa questão são exploradas de forma mais aprofundada na Tabela 18.

Tabela 18 - Comentários sobre a notícia de um suicídio provocado pela exposição indevida de imagens

(continua)

24. Comente a notícia abaixo:

Segundo reportagem da Revista Época, de 25/11/2013, a adolescente J.R., de 17 anos se suicidou em Parnaíba (PI) depois que um vídeo dela fazendo sexo começou a circular no *Instagram* e nas redes sociais. O que você pensa sobre isto?

83	Keith	Acho que ela nao precisava se matar, mas se certificar com quem ela se relaciona
----	-------	--

Tabela 18 - Comentários sobre a notícia de um suicídio provocado pela exposição indevida de imagens

(continua)

24. Comente a notícia abaixo:

Segundo reportagem da Revista Época, de 25/11/2013, a adolescente J.R., de 17 anos se suicidou em Parnaíba (PI) depois que um vídeo dela fazendo sexo começou a circular no *Instagram* e nas redes sociais. O que você pensa sobre isto?

83	Beyoncé	Que isso é um absurdo, que não gostaria que acontecesse com mais ninguém porque isso é um sofrimento.
83	Mano	Acho sacanagem fazer isso só para comer a guria. Comer é uma coisa, fazer amor é outra
83	Je	Hilário
83	Pou	Uma situação muito delicada
81	Estrela Grande	Sexo não deve ser gravado, pois é algo íntimo entre o casal, acho que para ela foi muito constrangedor. Não sei se se matar seria a melhor opção, mas isso é horrível
81	Bila	Acho errado postar vídeos íntimos dos outros nas redes sociais
81	Karolzinha	Acho que ela não deveria ter feito isso
82	Chay e Kaka	Acho errado postar vídeos íntimos dos outros nas redes sociais
82	Nya	Penso que as pessoas, além de se entregar confiam demais nos outros, é preciso pensar duas vezes antes de agir
81	Kat	Isso deveria ser algo íntimo, dos dois. Mas pela atitude do parceiro ela ficou exposta.
81	Chibi	Acho que deveria ser algo somente dos dois, e ele não deveria ter gravado. Se foi outra pessoa que gravou, ela deveria saber por que ela tem que confiar no parceiro para transar
81	Juninho	Penso que ela errou em filmar ela mesma fazendo sexo
81	Fr	Não me mataria, mas me trancaria em casa ou mudaria de cidade se fosse comigo
81	L	Um absurdo! Que graça tem fazer isso com alguém. Isso fica para a vida toda
81	s3lkhet	Acho ela burra. Por que filmar algo íntimo??
81	Galo	Não deveria se matar, mas denunciar
81	hunterof souls	Branco
81	Morena	Acho horrível as pessoas criticarem tanto ao ponto de ela se suicidar
83	Jogador	Vergonhoso

Tabela 18 - Comentários sobre a notícia de um suicídio provocado pela exposição indevida de imagens

(conclusão)

24. Comente a notícia abaixo:		
Segundo reportagem da Revista Época, de 25/11/2013, a adolescente J.R., de 17 anos se suicidou em Parnaíba (PI) depois que um vídeo dela fazendo sexo começou a circular no <i>Instagram</i> e nas redes sociais. O que você pensa sobre isto?		
83	B	Acho ridículo postar vídeos de outros, ainda mais fazendo sexo. É uma coisa íntima e não se deve divulgar

Fonte: produção da autora

Os dados apresentados até aqui serviram para a análise de conteúdo, apresentada no próximo item, intitulado: “O ser adolescente na sociedade do espetáculo: características próprias dessa etapa X riscos de relações perigosas”.

5.2 O SER ADOLESCENTE NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO: CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS DESSA ETAPA X RISCOS DE RELAÇÕES PERIGOSAS

No item 5.1, realizei uma análise do conteúdo e a partir dessa análise, foi possível construir o perfil dos adolescentes em sua relação com as mídias e dessa relação, surgiu a base para a compreensão de como os adolescentes se relacionam com as mídias e, nelas, como eles compreendem o fenômeno que convencionamos chamar *Sexting*. Esse fenômeno é entendido por mim, como o envio, postagem, recebimento e compartilhamento de imagens ou vídeos íntimos, ou de mensagens excitantes ou ainda de uma imagem/vídeo seu, seminu ou nu por meio do celular e das mídias eletrônicas (computador, redes sociais, *Internet*). Para esse estudo, essa divulgação de imagens íntimas denominada *Sexting* refere-se a divulgação sem consentimento dos indivíduos envolvidos, o que aponta para a confirmação como situação de risco para os adolescentes.

Como resultado central da pesquisa que ora finda, além dos indicadores já apontados na análise de conteúdo feita do perfil dos adolescentes e das expressões coletadas de suas relações com as mídias desvelou-se uma categoria central, apresentada a seguir, que mostra que o jovem, indivíduo que convencionalmente chamamos de adolescente a partir do século XVIII, em várias culturas, é construído numa relação determinado/determinante entre os aspectos biológico e cultural em sua vida.

Os autores trabalhados nos apontam vários indicadores que auxiliaram no desvelamento dessa categoria final, indicadores esses que brotaram do estudo das categorias prévias trabalhadas, ou seja: modernidade, sociedade do espetáculo, teorias sobre a adolescência e sobre a relação dos adolescentes com as mídias e nelas, a busca da sua compreensão do fenômeno *Sexting*.

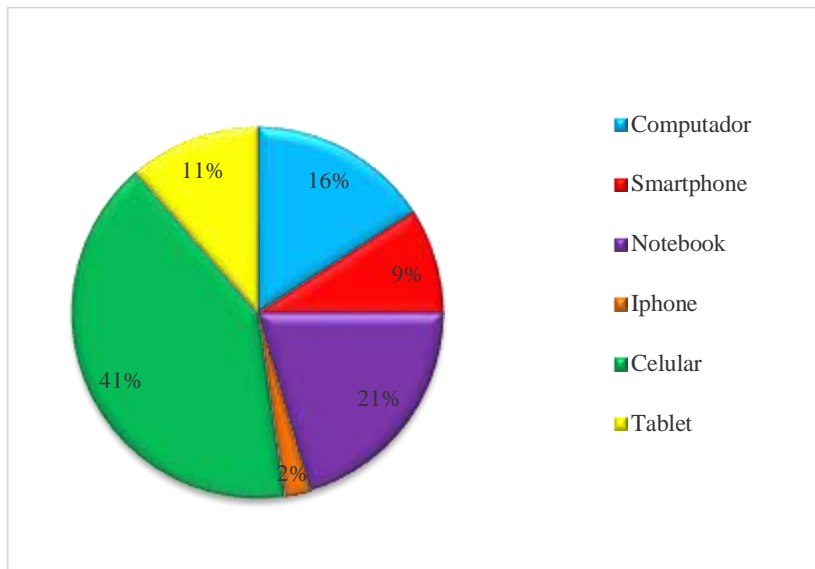
Com minha caminhada, percebi que o adolescente é esse SER adolescente, em sua cultura, em sua época, em suas relações sociais, pois cada época, cada sociedade e sua cultura possui características específicas e essas se refletem no desenvolvimento dos seres humanos, dentre esses, os adolescentes, como nos mostraram os indicadores provenientes dessas discussões. Portanto é construído sociocultural recente mesmo que seja calcado esse entendimento na puberdade, etapa pela qual passam todos os jovens do planeta, em todas as etapas e culturas, pois é o tempo de transformações biológicas comuns a todas as pessoas.

Importante lembrar sobre a fase denominada adolescência, que para Erikson (1976) e Aberastury e Knobel (1992) a principal tarefa dessa etapa do desenvolvimento é a formação da identidade adulta e esse processo é marcado, além das condições biológicas próprias da puberdade, por crises e ambiguidades originadas a partir de conflitos internos entre o que o indivíduo aprendeu com sua família e o que está aprendendo com a sociedade. Erikson, citado por Collins e

Sprinthall (2003), destaca ainda que a interação é o plano de fundo da formação da identidade adulta. Segundo Aberastury e Knobel (1992), essa aprendizagem social ocorre por meio de um grupo com o qual o adolescente se identifica. No mundo em que vivem hoje, imersos no uso do computador e do celular, a interação com esse grupo ocorre, em grande parte das vezes, por meio das redes sociais, dos aplicativos, enfim, das mídias, como foi percebido com os dados das pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010), Belloni et al. (2007), do UNICEF (2013) e também pela coleta de dados desse trabalho.

Os dados apresentados neste estudo, nos Gráficos 4 a 8, mostram as mídias encontradas nas casas dos adolescentes pesquisados em quais delas a *Internet* é acessada. A partir desses dados, reafirma-se a imersão no uso do computador e celular, pois os 22 adolescentes possuem pelo menos um celular em casa e nas casas de 20 dos adolescentes pesquisados encontramos pelo menos duas mídias. Ou seja, em todas as casas há pelo menos um aparelho no qual é possível acessar a *Internet*. Destaco que os adolescentes acessam a internet em todas as mídias encontradas nas suas casas, o que reforça a ideia de um mundo conectado, conforme visualizamos no Gráfico 6, reproduzido a seguir.

Gráfico 6 - Quais aparelhos são utilizados para acessar a internet?



Fonte: produção da autora

Fica evidenciado que, nesse mundo conectado, em que o computador e o celular invadiram nossas casas, todas as áreas que envolvem relações humanas são transformadas e transformam a *Internet*. Segundo Tapscott (2010, p. 69):

[...] a tecnologia está influenciando a maneira como as crianças pensam e se comportam, mas se trata de uma via de mão dupla - a maneira como as crianças pensam e se comportam está influenciando e moldando a própria internet. No século XXI, o conhecimento está fluindo com mais liberdade do que nunca graças à internet, mas o verdadeiro potencial da internet só foi atingido quando os jovens começaram a usar computadores.

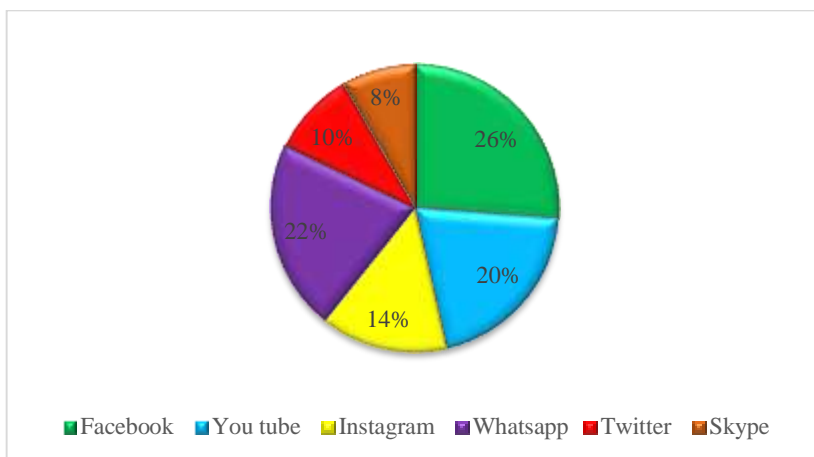
Tapscott (2010) cita as crianças, porém, posso afirmar que essa via de mão dupla ocorre com todos os seres humanos, pois vivemos em uma relação dialética com o mundo, espaço de relações sociais concretas, a medida que ele muda, os indivíduos mudam e vice-versa. O autor nos fala sobre uma transformação que iniciou com o uso dos computadores pessoais, ainda presentes em nossas vidas, porém, em sua obra, ele vai destacando, com diferentes pesquisas, que o uso do computador está sendo substituído pelo uso do celular. Nesta pesquisa, com o Gráfico 06 citado, também observei que a mídia mais utilizada pelos adolescentes para acessar a *Internet* é o celular. Segundo Belloni et al. (2007), já em 2007, os adolescentes sabiam que usar o celular é diferente do que usar o computador, pois o celular é de uso pessoal. Essa característica pode estar relacionada ao fato de que os adolescentes estão descobrindo um mundo novo, diferente daquele internalizado a partir do núcleo familiar e para essa jornada, eles desejam e necessitam privacidade.

De acordo com Tapscott (2010), para os pais, os celulares representam um dispositivo de segurança, pois com o celular, as crianças podem ligar para casa em caso de emergência, e os pais podem ligar para lembrá-los da hora de voltar ou até mesmo para verificar onde estão. Já para os adolescentes, o celular é uma ferramenta social indispensável, é como um amigo no bolso. A forma como os adolescentes usam os celulares é diferente do uso que seus pais fazem do aparelho. Enquanto os pais ainda usam o celular para ligar para parentes e amigos, os adolescentes enviam mensagens de texto para os amigos e ligam para os pais. O crescimento do uso do celular para acessar a internet relaciona-se a velocidade da internet e ao baixo custo, segundo Tapscott (2010).

É nesse mundo midiático que o adolescente está construindo sua identidade adulta e para isso, interage com seus pares, de forma a se apropriar dos elementos culturais apresentados pela sociedade. Segundo Turkle (2012), as

relações dos seres humanos em nossa sociedade hoje, são mediadas por uma máquina. Hoje, às vezes estamos juntos fisicamente, mas não estamos presentes, diz Turkle (2012). Com base nessa ideia, resgato os dados do Gráfico 10 supracitado, no qual apresentei o perfil do adolescente no atual contexto, no que diz respeito ao uso dos aplicativos e das redes sociais: *Facebook*, *Youtube*, *Instagram*, *Whatsapp*, *Twitter* e *Skype*.

Gráfico 10 - Aplicativos e redes sociais utilizados pelos adolescentes



Fonte: produção da autora

Podemos perceber que 83% dos adolescentes que participaram da pesquisa conhecem todos os aplicativos apresentados sendo o *Facebook*, a ferramenta mais utilizada. Segundo os dados coletados, todos os adolescentes pesquisados usam o *Facebook*. Segundo Dana Boyd, cientista social da Universidade Berkeley, citada por Tapscott (2010) passar tempo no *Facebook* significa recuperar a privacidade, pois a escola e outros espaços de atividades são controlados pelos adultos. Evidenciou-se aí uma contradição que gera riscos aos adolescentes: buscam privacidade num espaço que não é nem

de longe privado, abrindo espaço para a possibilidade de ocorrência do uso indevido de imagens (fotos/vídeos).

A frequência do uso desses aplicativos, dessa interação medida por uma máquina é diária ou semanal, ou seja, é um comportamento comum a esse público, conforme os dados apresentados nos Gráficos 11 a 17. Turkle (2012), com base na ideia de Erikson sobre a interação, a *internet*, as redes sociais e os aplicativos permitem ao adolescente explorar identidades, o que é importante se considerarmos que nessa fase, o adolescente está construindo a sua identidade, como já falei (ERIKSON, 1976). De acordo com Tapscott (2010), os perfis pessoais em sites de rede social são o que Boyd chama de “demonstrações públicas de identidade”. Em espaços virtuais, os adolescentes estão cada vez mais livres (ou assim se sentem, sem perceber os riscos dessa exposição) para moldar suas próprias identidades e administrar suas redes. Os comentários de amigos criam um canal para feedback e demonstrações de afeto. Embora muito desses relacionamentos sejam superficiais, argumenta Boyd, esse processo desempenha papel importante na maneira como os adolescentes aprendem as regras da vida social e enfrentam questões como status, respeito, confiança e fofoca. Acrescento então, hoje enfrentam também o perigo do *Sexting*.

Turkle (2012), baseada em Erikson (1976) afirma que na *internet*, por meio dos aplicativos e das redes sociais é possível se apaixonar por ideias, pessoas e experimentar identidades por meio da criação dos perfis e das segundas vidas. Essas experiências podem auxiliar na aprendizagem social. Também aqui acrescento que trazem em si, riscos não percebidos quanto a troca não consentida de imagens (fotos/vídeos).

Nesse espaço conectado, que pode ser espaço de aprendizagem, os aplicativos e redes sociais apresentados no questionário são utilizados, em primeiro lugar para comunicação e depois para a troca de imagens, conforme os

dados dos Gráficos 18 a 23, onde foram apresentados os usos dos aplicativos.

A troca de imagens (fotos/vídeos) ocorre principalmente entre amigos e família, conforme dados das Tabelas 10, 12 e 13 apresentadas no item 5.1. As imagens (fotos/vídeos) preferidas pela maioria dos adolescentes pesquisados, sejam elas produzidas, enviadas ou recebidas, referem-se a situações engraçadas, alegres ou relacionadas ao desejo do adolescente de mostrar que é bonito, legal, como podemos perceber nas falas de Estrela Grande: “ *tenho* que mostrar que meu sobrinho é lindo” e de Morena: “envio fotos que acho bonita, porque eu *tenho* que mostrar para os outros.”

De acordo com Guy Debord (1997) citado por Caridade (1999) “o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana - isto é, social - como simples aparência.” Com essa necessidade de chamar a atenção e a necessidade de autoafirmação, muitas vezes, os adolescentes mostram uma imagem editada de si e nem sempre real. Na Tabela 04, sobre o perfil dos adolescentes, na qual eles listaram como desejam que o mundo os veja, percebi essa edição da imagem pessoal nas respostas deles: “Feliz, com opinião própria e autêntico”; “Sou legal, carinhosa, gosto de falar sobre minha vida”; “Bonita, extrovertida, amiga, humilde e com opinião própria”; “Legal, sincera, amiga, feliz e inteligente”; “Engraçado, inteligente, legal, estudioso e brincalhão”.

Esse perfil colocado no “ar pode tornar as relações entre os seres humanos, superficial e, algumas vezes, perigosa, pois as informações disponibilizadas no perfil podem ser falsas¹⁷. Mesmo que a imagem passada pelos adolescentes seja, em sua maioria, positiva, esta pode esconder suas dificuldades pessoais, como por exemplo, sua insegurança, sua baixa autoestima, etc...

¹⁷ Como também podem ser falsos outros perfis que não os postados por eles, que podem esconder um adulto aliciador.

Outro aspecto desse contexto pode ser considerado positivo, pois para alguns adolescentes como F, as fotos tiradas com os amigos e enviadas a eles, servem para: [...] dizer que aquela pessoa é especial [...]. Essa fala nos remete a Turkle (2012), pois segundo ela, para os adolescentes, enviar mensagens para seus amigos é demonstrar afeto. Acrescento: pode se aí incluir também fotos e vídeos. Essa troca de mensagens para demonstrar afeto, carinho pode ser um lado positivo dessa interação, porém, ao mesmo tempo a demonstração de afeto somente por meio de uma máquina pode tornar-se algo frio, distante.

Porém, nessa troca de mensagens e imagens, não se pode deixar de prestar atenção às trocas de imagens e mensagens que podem ser consideradas negativas, conforme notamos nas falas de dois adolescentes, que dizem trocar imagens de brigas, lutas e que acham isso “divertido, bacana”. Esse tipo de atitude se relaciona com as características da sociedade do espetáculo, pois segundo Caridade (1999), o espetáculo implica uma atitude passiva, ante a imagem. Ocorre, portanto, uma alienação do espectador frente ao objeto contemplado. Dessa forma, ao tratar o outro como objeto, contemplando simplesmente, de forma passiva a imagem que recebo, envio, encaminho ou posto, sem reflexão sobre o seu conteúdo, não respeito o outro. Isso tem se tornado comum nas redes sociais, como o *Facebook*, *Youtube*, *Whatsapp*, etc... Pois muitas vezes os indivíduos recebem imagens de seres humanos sendo maltratados, tendo seus direitos violados, mas sem se questionar sobre a produção desse material, sem questionar o próprio autor do vídeo que somente contemplou a imagem, mas nada fez para ajudar seu par.

Ainda sobre essa troca, destaco a partir do Gráfico 26 e da Tabela 06, que as imagens (fotos/vídeos) disponibilizadas na rede pelos adolescentes, em primeiro lugar, são de si mesmo e em segundo lugar, de seus colegas.

Essa nova forma de relacionamento, mediada pelas mídias e efetuada por meio dos aplicativos conectados em rede, possibilita essa troca de mensagens de texto e troca de imagens, também auxilia no conhecimento de novos amigos. Essas novas amizades podem ser somente virtuais ou ter seu início por meio da rede, ou seja, uma amizade iniciada por meio da *internet* pode tornar-se uma amizade concreta fisicamente. Sobre as amizades somente em meio virtual, pude perceber que muitas vezes é feita com critérios que não garantem a segurança do adolescente, como a idade e o tipo de publicação, conforme dados do Gráfico 42. Tais critérios podem ser dados falsos e o adolescente precisa ser orientado que nem sempre a interação via Internet é baseada em informações verdadeiras. Sobre a amizade iniciada na rede notamos que 36% dos adolescentes pesquisados já marcaram encontros com pessoas conhecidas na rede. Mas, como podemos observar na Tabela 09 sobre esses encontros, nem sempre a forma e local do encontro foi segura, como podemos perceber nas falas comentadas abaixo: “Conheci uma menina, marcamos perto da casa dela e até hoje somos amigas”. O resultado foi positivo, mas como a adolescente poderia ter certeza de que a pessoa do outro lado era realmente uma menina, como ela poderia ter certeza da idade dessa pessoa? “Marcamos um encontro em frente a minha casa”. Essa adolescente forneceu dados sobre seu endereço, sua rotina, e se o “amigo” fosse um adulto criminoso? Outras duas falas podem apontar um pouco mais de cuidado: “Era prima de um amigo e foi na casa dele”; “Conheci por meio de outros amigos, foi de boa.”

Esse comportamento do adolescente, de não se “preocupar” com sua segurança, posso assim dizer é algo próprio a esta etapa do desenvolvimento. Segundo Aberastury e Knobel (1992), uma característica da adolescência é a onipotência, a ideia de pensar que nada de ruim lhe acontecerá. Esse sentimento de onipotência pode deixar os adolescentes

vulneráveis, em vários sentidos, ao acessar a rede. O compartilhamento de informações pessoais, a exposição de situações de seu cotidiano, fotos de toda natureza e a permissão de acesso livre a qualquer pessoa aos seus dados, são fatores que tornam o adolescente vulnerável às pessoas que queiram manipular essas informações para constrangê-lo, assediá-lo ou expô-lo. Por isso, a necessidade de orientação sobre isso, bem como a supervisão do acesso à rede são importantes.

Sobre essas questões, relacionadas à segurança, importante lembrar alguns dados sobre o perfil, apresentados na Tabela 09. Embora alguns dos indivíduos pesquisados saibam que não é seguro postar dados pessoais como endereço ou telefone, outros não se importam: “[...] sei que o perfil não está seguro, pois alguém pode fazer montagem, mas eu não me importo.” Alguns dizem que se protegem ao configurar seu perfil, tornando-o seguro. Alguns sabem que não é seguro colocar dados pessoais, pois qualquer pessoa pode acessar, conforme as falas abaixo, resgatadas da Tabela 9:

“Não, porque alguém pode fazer montagem dele, mas eu não me importo.”

“Não, porque várias pessoas podem ver e usar minhas fotos, além de ver o colégio onde estudo, qual minha idade.”

“Não porque um estuprador ou criminoso pode ver e querer me seguir.”

“Não, porque não sei quem acessa ele.”

“Acho que sim, porque só eu tenho acesso a minha conta no site.”

“Sim, pois eu o configuro como quero, eu dou a segurança que desejo.”

Segundo as pesquisas de Belloni et al. (2007) e do UNICEF (2013) a maioria dos adolescentes tem acessado a rede sem orientação ou supervisão. Já em minha pesquisa, 55% dos indivíduos afirmaram que existe controle do uso da *Internet*. Porém, se observarmos os dados dos Gráficos 32 a 38 veremos que não fica claro como é feito esse controle e isso

pode indicar que este controle na prática não acontece, ou o adolescente se sente controlado apenas por desejar privacidade. Segundo Tapscott (2010), o *Facebook* se tornará o para-raios da privacidade. Para ele, com o aumento do compartilhamento de informações, essa geração pode estar ajudando a destruir o direito básico de ser deixado em paz. A exposição demasiada dessa geração, segundo Tapscott (2010) está deixando seus pais atônitos. Muitos entusiastas postam no *Facebook*, qualquer fragmento de informação sobre si mesmo e sobre seus amigos, de forma que todos vejam e esse conteúdo vai desde demonstrações virtuais de afeto até fotos reveladoras, que é uma das vias do *Sexting*. Tapscott (2010) cita dados de uma pesquisa realizada pela Universidade Carnegie Mellon, relacionada com os dados de nossa pesquisa: embora alguns alunos dessa universidade se preocupassem em proteger os seus horários de aula, postavam os mesmos no *Facebook*, onde todos poderiam ver. Na pesquisa que ora finda, evidencia-se que o mesmo acontece hoje com as imagens (fotos/vídeos) íntimos: alguns adolescentes se preocupam em não mostrar imagens íntimas, mas mesmo assim postam as mesmas no *Facebook*.

Mas, segundo Tapscott (2010), a consciência de que postagens inapropriadas podem causar danos está crescendo entre os integrantes dessa geração, que ele chama de Geração Internet. Nos Estados Unidos, em algumas festas, os convidados têm que deixar suas câmeras na porta. Diz ainda que embora estejam começando a entender, ainda não percebem até que ponto colocam em risco sua própria privacidade em sites de redes sociais.

Pesquisei junto aos adolescentes também sua compreensão sobre a prática do *Sexting*, como a exposição imagens (fotos/vídeos) íntimos sem o consentimento, ou seja, a exposição indevida desse material. Fizemos isso usando no questionário, o relato de uma história fictícia sobre o *Sexting* ter acontecido bem como por meio de notícia real publicada na

revista *Época*. Por meio dessas questões e de suas respostas, foi possível perceber que somente um adolescente arriscou dizer que conhecia a palavra *Sexting*, mas após a leitura da história fictícia de exposição indevida, envolvendo um casal de namorados, todos os adolescentes mostraram ter conhecimento de que a divulgação de imagens (fotos/vídeos) íntimas da rede sem o consentimento é real. Fato esse também comprovado pelas quatro adolescentes que afirmaram conhecer histórias de colegas, vítimas dessa situação. Foram relatadas duas histórias expressas na Tabela 16: uma das histórias foi sobre uma colega delas que mandou fotos íntimas para o namorado e quando eles terminaram, ele espalhou as fotos e a outra foi de uma colega que mandou foto íntima para uma amiga que a espalhou para todos.

Com esses dados ressalto que embora nem todos os adolescentes tenham conhecimento da palavra *Sexting*, eles sabem que a exposição indevida acontece na vida real. Porém, o sentimento de onipotência, que, segundo Aberastury e Knobel (1992), é uma característica própria da adolescência, pode levar o indivíduo a crer que eventos ruins somente poderão ocorrer com outras pessoas. Acrescento que pode, essa característica ter interface que leva a produção de riscos para os adolescentes, inclusive na questão do fenômeno *Sexting*.

Sobre a produção de imagens (fotos/vídeos), 18% disseram que alguém já lhes pediu para fotografar ou filmar em situação íntima e que a resposta a esse pedido foi negativa. As ações desses adolescentes frente ao pedido estão lembradas na tabela a seguir. Destaco que somente meninas revelaram que alguém pediu-lhes para que fossem fotografadas ou filmadas em uma situação íntima. Ficam dúvidas: será que as meninas não solicitam, não tem esse desejo? Ou será que os meninos não quiseram revelar que também já receberam esse tipo de convite? Ainda sobre essas questões, é importante destacar que as meninas apontam que não tiveram medo de dizer não ao menino. Mas pode ocorrer que muitas vezes, por desejo de ser

aceito, alguns indivíduos, meninos e meninas, podem aceitar situações constrangedoras, principalmente na adolescência, período em que se busca a autoafirmação, a aceitação em um grupo.

Tabela 17 - O que você fez quando pediram para lhe fotografar ou filmar em situação íntima?

Apelido	O que você fez quando pediram para lhe fotografar ou filmar em situação íntima?
Beyoncé	Não bati, muito menos enviei
Karolzinha	Um menino me pediu para tirar foto nua, mas eu não quis
Morena	Um menino me pediu em uma conversa e eu disse não
B	Ele pediu uma foto de calcinha e eu disse jamais

Fonte: produção da autora

Como podemos perceber na Tabela 17 supracitada, as quatro adolescentes não aceitaram ser filmados ou fotografadas. O fato das adolescentes não aceitarem produzir a foto ou vídeo íntimo pode ter resolvido a questão, evitando assim uma exposição indevida. Porém, lembro que o adolescente que desejava filmá-las, pode fazê-lo mesmo sem o consentimento delas e disponibilizar a imagem (foto/vídeo) por meio dos aplicativos ou redes sociais ou ainda, produzindo a imagem com o consentimento “das convidadas” e depois, sem esse consentimento, colocar a imagem na rede. Lembro que a intimidade, segundo Erikson, citado por Sprinthall, Collins (2003), é uma troca entre duas pessoas e só poderá ocorrer quando os indivíduos se tornarem adultos.

Considerando ainda essa ideia de Erikson sobre a intimidade, lembro os sentimentos dos adolescentes na questão referente à reportagem verídica da Revista *Época*, de 25/11/2013, sobre uma adolescente de 17 anos que cometeu suicídio em Parnaíba (PI) depois que um vídeo dela fazendo sexo começou a circular no *Instagram* e nas redes sociais. Destaco e comento abaixo algumas falas da Tabela 18.

Beyoncé expressa sua indignação com o fato e compreende a dor da pessoa: “Que isso é um absurdo, que não gostaria que acontecesse com mais ninguém porque isso é um sofrimento.” Nessa fala podemos perceber que a adolescente compreende que a pessoa que cometeu suicídio fez isso porque estava sofrendo. L compartilha desse pensamento: “Um absurdo! Que graça tem fazer isso com alguém. Isso fica para a vida toda.”

S3lkhet considera a pessoa exposta burra: “Acho ela burra. Por que filmar algo íntimo?” Essa frase é de um adolescente do gênero masculino. Juninho também fala que ELA errou: “Penso que ela errou em filmar ela mesma fazendo sexo”. Ao dizer que ela errou, parece que ele tira a responsabilidade do parceiro, desconsiderando que foi essa pessoa a quem ela enviou a imagem quem divulgou a mesma na rede.

Karolzinha e F reforçam a questão de gênero, ao falar sobre a culpa da mulher, não citando a responsabilidade do outro que pode ter produzido o vídeo e disponibilizado na rede, sem o consentimento dela: “Acho que ela não deveria ter feito isso”. “Não me mataria, mas me trancaria em casa ou mudaria de cidade se fosse comigo”.

Nya aborda a questão da confiança: “penso que as pessoas, além de se entregar confiam demais nos outros, é preciso pensar duas vezes antes de agir”. Esta fala traz um elemento importante: é preciso estar atento às informações que colocamos na rede e a confiança que colocamos nas pessoas. Nya tem consciência de que é preciso estar atento. Chibi também traz o elemento da confiança e, além disso, o possível envolvimento de um terceiro indivíduo que poderia ter filmado a cena: “Acho que deveria ser algo somente dos dois, e ele não deveria ter gravado. Se foi outra pessoa que gravou, ela deveria saber por que ela tem que confiar no parceiro para transar”.

Há que lembrar que segundo Caridade (1999), na sociedade do espetáculo, a sexualidade é veiculada na mídia

como *marketing* para seduzir o mercado, para erotizar um produto. Dessa forma, a sexualidade perde seu sentido relacional e assim, o outro já não conta como sujeito, mas como objeto. Nesse contexto então, qual é o lugar do outro? Qual é o lugar do respeito ao outro em um contexto de aparências e banalizações?

Se tentarmos responder a esta questão embasados nas ideias de Buber (1982) e Freire (2002), ou melhor, se considerarmos que o Eu se constrói a partir do Tu e do diálogo, podemos dizer que em uma sociedade de aparências, os indivíduos vivem de imagens, criadas por eles em um mundo virtual. Sendo assim, se eu me relaciono com uma imagem criada para atender as exigências estéticas, culturais, eu deixo de ser um sujeito e me torno objeto e assim, também considero o outro um objeto e vou tratá-lo como tal. Nesse contexto de aparências, as relações, o ser humano e a sexualidade são banalizados por serem esvaziados de sentido, ou adquirem um sentido de mercadoria e sendo assim, os indivíduos podem achar graça dessas imagens, como percebemos na fala de Je, ao dizer que achou a situação “hilária”.

Mano nos traz uma outra reflexão sobre a relação sexual: “Acho sacanagem fazer isso só para comer a guria. Comer é uma coisa, fazer amor é outra”. Esse adolescente nos traz dois conceitos expressos: o da relação física, chamada por ele de “Comer” e o de amor, que seria um sentimento. Segundo Caridade (1999), poderíamos falar de diferentes formas de expressar o amor: amor paixão, amor cuidado, amor ternura, amor tolerância. Mas o ponto que parece interessar a esse adolescente é o amor enquanto uma vivência, talvez uma conduta sexual baseada em emoções e sentimentos, como expressado na frase de Mano: “Comer é uma coisa, fazer amor é outra”. Sem essa dissociação entre a conduta sexual e o sentimento, talvez seria mais fácil haver respeito ao outro. A “sensação” sozinha pode levar a indiferença, enquanto que o sentimento seria a base para viver intensamente a sensação

(CARIDADE, 1999). Para esta autora, amor seria então, o sexo vivido com sentimento. Essa consciência parece não fazer ainda parte da compreensão de Mano.

Isto porque sobre o sujeito amoroso, Caridade (1999, p. 23) nos diz:

[...] o sujeito amoroso sexual constitui-se hoje em meio a um contexto diferente do que rezam nossas teorias. Vivemos em meio a uma rapidez, globalização, aplainamentos e aparências. Por isso considerarei que as características do sexual na contemporaneidade se situam entre aparência, temporariedade e culto ao eu.

Partindo desse pensamento, é preciso refletir sobre o que o indivíduo ama hoje, de que modo ama e o que aprende a amar. Pode ser que o sujeito ame o outro de uma forma mais realista, enquanto produz bem-estar, enquanto ambos são felizes. (CARIDADE, 1999).

Mas pode ser também que esteja sendo construído, via redes sociais, um amor utilitário desumanizante com o uso do outro como mercadoria a consumir. Já na opinião de Chay, Kaka, Bila e B, é errado postar vídeos íntimos dos outros, o que aponta para a possibilidade dessa compreensão já estar demonstrando que o outro merece respeito: Chay, Kaka, Bila dizem: “Acho errado postar vídeos íntimos dos outros nas redes sociais.” Para B: “Acho ridículo postar vídeos de outros, ainda mais fazendo sexo. É uma coisa íntima e não se deve divulgar.” Nessas falas podemos notar uma certa preocupação com o outro, respeito com a intimidade de um outro indivíduo. Pude perceber que esses adolescentes possuem sim respeito para com seus colegas. A fala: “É uma coisa íntima e não se deve divulgar” expressa o respeito com esse momento vivido a dois. O compartilhar de imagens (vídeos/fotos) íntimas entre o casal adulto e aqueles a quem decidirem enviá-las, é uma escolha do casal, porém sem lembrando que a exposição de

imagens (vídeos/fotos) íntimas na rede sem consentimento principalmente por adolescentes, pode passar a ser algo sobre o qual não se tem controle e que pode levar a várias situações sem previsão. No caso de adolescentes, esse fenômeno pode levar ao suicídio, como já foi relatado na notícia citada em revista nacional. Importante destacar que o suicídio é uma das situações mais graves, mas até chegar a esse ponto, a divulgação de imagens íntimas pode gerar várias outras situações negativas, tais como: exposição indevida, uso de imagens em sites de pornografia infantil, ser base para ações de pedofilia, facilitar assédio por desconhecidos, etc...

Outra fala que tem relação com esse ponto abordado e que mostra uma compreensão calcada no respeito ao outro é de Estrela Grande: “Sexo não deve ser gravado, pois é algo íntimo entre o casal, acho que para ela foi muito constrangedor. Não sei se se matar seria a melhor opção, mas isso é horrível”. O respeito ao outro também é apontado por Keith: “Acho que ela não precisava se matar, mas se certificar com quem ela se relaciona”, e também a de Kat: “Isso deveria ser algo íntimo, dos dois. Mas pela atitude do parceiro ela ficou exposta.”

Relembrando a fala de Chibi que também aborda a questão da intimidade: “Acho que deveria ser algo somente dos dois, e ele não deveria ter gravado. Se foi outra pessoa que gravou, ela deveria saber por que ela tem que confiar no parceiro para transar”. De acordo com Erikson, citado por Collins e Sprinthall (2003), a intimidade é composta por trocas. Segundo ele, durante a formação da identidade que ocorre na adolescência, muitos indivíduos não têm maturidade para tomar decisões, tais como dizer não ou denunciar. Galo, em sua fala, aponta esse segundo elemento: a denúncia, ao dizer que ela: “Não deveria se matar, mas denunciar”. Denunciar alguém já não é tarefa tão simples, mesmo para adultos. Se pensarmos em um adolescente, que está em busca de sua autonomia, em busca da autoafirmação, essa atitude pode ser mais difícil de ser empreendida sem a ajuda de algum adulto.

Essas questões apontadas a partir da análise de conteúdo nos mostram que o adolescente é um adolescente, com os comportamentos biológicos inerentes a sua natureza (puberdade) e com a aprendizagem proporcionada pelo contexto social, histórico e cultural no qual ele está inserido.

O adolescente é, portanto, um indivíduo que não é adulto e, portanto, sem maturidade para agir como um, mas também não é mais uma criança. Nesse processo de maturação, ele está começando a assumir algumas responsabilidades. Até chegar à maturidade esperada, algumas vezes ele poderá agir de forma imatura, seja por ingenuidade, seja pela necessidade de autoafirmação ou ainda, pelas mudanças biológicas, fisiológicas e psicológicas comuns a esta fase. Algumas decisões tomadas por ele podem prejudicá-lo, como no caso desse estudo, a decisão de divulgar imagens na rede, sem perceber que essa imagem (vídeos/fotos) n vezes a n pessoas, sem seu consentimento ai incluído o fenômeno do *Sexting*, prática essa que está tornando se comum no atual contexto denominado sociedade do espetáculo por Debord (2003). Como já vimos, essa divulgação de imagens pode expor as pessoas a situações de risco, principalmente crianças e adolescentes se considerarmos a vulnerabilidade destes.

Nessa sociedade, somos consumidores e também produtores de conteúdo, porém será que estamos preparados criticamente para essa produção ou apenas contemplamos passivamente as imagens como nos apontou Caridade (1999)?. E sendo assim, precisamos evitar tratar a nós mesmos e a nosso semelhante como objetos, o que está acontecendo atualmente. Essa forma de alienação, fruto das relações sociais entre as pessoas que iniciou com a modernidade, desvelou-nos essa categoria central do Ser adolescente na Sociedade do Espectáculo, com características inerentes a essa fase do desenvolvimento, propiciando condições para o estabelecimento de relações perigosas com as mídias. Essa compreensão da adolescência amplia minhas preocupações em

relação ao aumento das possibilidades de nossa juventude se encontrar cada vez mais em situações de risco. Os dados servem como um alerta a ser levado em conta em programas de prevenção.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU VERDADES PROVISÓRIAS ?

Essas são, para mim, verdades provisórias até que surjam novos embates com novas questões. Relembrando que iniciamos, na questão 24, usando uma reportagem da Revista Época, de 25/11/2013, sobre a divulgação de imagens (fotos/vídeos) na rede sem consentimento, fato que levou duas adolescentes brasileiras ao suicídio. Sobre esse fato perguntei aos adolescentes sua opinião sobre o mesmo e obtive diferentes respostas, das quais, resgatamos a fala de Bila: “Acho errado postar vídeos dos outros nas redes sociais”. Outros quatro adolescentes concordaram com ela. Percebi nessa fala, uma preocupação sim com a divulgação de imagens (fotos/vídeos) íntimas sem consentimento, porém essa preocupação reside nos fatos realizados pelos outros, ou seja, os outros postam e vejo os riscos, mas ao mesmo tempo, outros dados da pesquisa mostram que muitas vezes os adolescentes não percebem que eles próprios também correm riscos ao postar imagens (fotos/vídeos) Muitos chegam a perguntar inclusive: quer dizer que ninguém poderá divulgar o meu vídeo se eu colocá-lo na rede? Relembramos que esse pensamento pode se relacionar ao sentimento de onipotência, que, segundo Aberastury e Knobel(1992) é uma das características da adolescência, fase do desenvolvimento humano, que inicia com as mudanças biológicas chamadas de puberdade, que são entrelaçadas em uma construção sócio histórica e cultural que convencionamos chamar de adolescência. Essa construção ocorre em várias culturas, inclusive na nossa e com os indivíduos de nossa pesquisa.

A adolescência, construto criado no século XVIII, em algumas culturas, inclusive na nossa, é uma fase de transição entre infância e a idade adulta, entre ser protegido pelos pais e depender deles e em tornar-se independente, com autonomia e assumir responsabilidades. Nessa transição, esses dois polos

marcam a ambiguidade, típica do adolescente. Essa ambiguidade se reflete nas ações desse Ser adolescente. No mundo midiático em que vivemos, por exemplo, ao lidar com o *Facebook*, que é uma rede social pública, alguns indivíduos podem ter o entendimento de que, como esse não é um espaço controlado por adultos, ele é um lugar “privado” e se comportam como se assim realmente ele fosse. Sendo assim, o adolescente pode pensar que o conteúdo disponibilizado por ele no *facebook* só será visualizado por ele mesmo ou por pessoas de sua confiança, porém não tem plena consciência de que o que é colocado na rede pode ser acessado por várias pessoas.

Vejam, a partir de outros diálogos dos adolescentes com quem tive o privilégio de debater essas questões, como se revela essa ambiguidade. Ao investigar as imagens (fotos/vídeos) enviadas pelos adolescentes e os seus sentimentos com relação a esse envio, podemos notar que essa troca de imagens (fotos/vídeos) é uma nova forma de interação, realizada por meio das mídias. B diz que envia fotos engraçadas, desde que não ofenda ninguém, porque acha legal. Essa é uma fala interessante, pois já nos mostra a preocupação desta adolescente com o outro. Segundo Turkle (2012), essa interação por meio das mídias pode sim trazer benefícios para o adolescente, como a vivência de diferentes identidades, mas acrescentamos que há que se considerar os devidos cuidados levando em consideração as características dessa fase da vida.

Mas, quando questionados sobre a segurança de seu perfil, percebi que eles admitem o risco, como na fala de Mano, que diz saber que seu perfil não está seguro, afirmando: “Não, porque várias pessoas podem acessar, ver minhas fotos, ver em qual colégio eu estudo minha idade e etc...” Essa ambiguidade de pensar que a troca de imagens (fotos/vídeos) é segura, ao mesmo tempo que admite que o perfil não, se confirmou na categoria final. Categoria essa que nos revelou que o adolescente é um adolescente, com suas próprias características, com momentos de maturidade, de imaturidade,

de plenitude, em alguns momentos tem autoestima elevada em outros não, enfim, com as ambiguidades e contradições próprias dessa soma de puberdade (biológico) com o construto social chamado de adolescência.

Relembrando a caminhada, retorno ao projeto original e vejo que meus objetivos tinham como norte buscar a compreensão do *Sexting* pelos adolescentes.

Percebo que continuei com esse objetivo, no entanto ampliado, quando percebi que somente escutar os adolescentes sobre a sua compreensão a respeito do *Sexting* não me daria base necessária para desenvolver os trabalhos de prevenção que pretendo na minha atuação profissional e também para sugerir novas práticas, novos caminhos a outros educadores. Ampliei então a busca por entender que seria necessário compreender quem é este adolescente, que resultou no perfil traçado, seguido da compreensão de quem é o adolescente em suas relações com as mídias e, dentre essas, sua compreensão sobre o *Sexting*, numa perspectiva de exposição indevida e sem consentimento, que é o foco deste trabalho. Vejo que neste estudo, ampliei meus objetivos e cheguei à compreensão provisória do perfil dos adolescentes, suas relações com as mídias e da compreensão do *Sexting* no universo que pesquisei e esta caminhada pode servir de auxílio para compreender melhor outros adolescentes, o que poderá ajudar a todos em trabalhos de prevenção de riscos.

Os objetivos específicos foram se entrelaçando e entendo que, numa perspectiva interdisciplinar, consegui avançar em todos. Revendo o trabalho, percebo que foi muito importante aprofundar o estudo da modernidade como palco que deu sustentação para a construção da sociedade na qual vivemos hoje, no Ocidente, como também para a construção da sociedade do espetáculo, termo cunhado por Debord (2003) e que nos foi dando esse contexto onde estão inseridos os adolescentes.

Além dessas duas importantes categorias, quero lembrar que também foi importante visitar os teóricos que abordam a questão da adolescência com suas características. Embora tenha formação em psicologia e educação, o olhar específico para esses fortes indicadores desvelados aqui, sobre o que é ser adolescente, foi de suma importância, pois muitas vezes esquecemos de considerar em nosso trabalho do cotidiano que o adolescente possui características próprias provenientes tanto do fato de ser púbere como de ser adolescente, que não podem ser esquecidas, mas devem ser estudadas, e reaprendidas a cada passo dado, inclusive nos programas de prevenção de riscos, dentre eles o *Sexting*, numa perspectiva da exposição indevida.

Sendo assim, vamos lembrar brevemente esses indicadores. Sobre a fase denominada adolescência, para os autores citados: Erikson, Collins e Sprinthall e Aberastury e Knobel, nessa etapa do desenvolvimento ocorre a formação da identidade adulta, marcada por crises e ambiguidades originadas em conflitos internos, tendo como plano de fundo, a interação social. Segundo Erikson, por Collins e Sprinthall (2003), a intimidade só poderá ser alcançada pelo indivíduo após a formação de identidade, pois intimidade é o ato de compartilhar as principais experiências e compromissos emocionais em um processo de igualdade e reciprocidade. O segundo grupo de indicadores referiu-se a imersão no uso do computador e do celular comum nos dias de hoje, como nos mostraram as pesquisas apresentadas: a pesquisa coordenada por Belloni et al., entre 2002 e 2007, a pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE de 2010, bem como a pesquisa realizada pelo UNICEF (2013). Sobre isso, é importante destacar que segundo a pesquisas de Beloni et al. (2007) e UNICEF (2013), a maioria dos adolescentes que acessam a *Internet* o fazem sem orientação e supervisão o que nos aponta para a vulnerabilidade do adolescente ao acessar a rede, sem que sejam tomados os cuidados necessários. Em

minha pesquisa, embora 55% dos adolescentes tenham afirmado que o uso do computador é controlado, pelas respostas dadas, podemos perceber que não há efetividade nesse controle, pois: dentre os 12 que afirmaram serem controlados, seis adolescentes apenas falam de um controle pelo tempo de uso da máquina e um não colocou resposta sobre como é o controle. Apenas cinco relataram que os pais verificam o conteúdo ou sobre ele são alertados, como notamos na fala de Estrela Grande: “Bom (falando sobre como é o controle). Quando eu noto algo de diferente, falo para minha mãe.” Sobre o controle do uso do celular, dos seis adolescentes que afirmaram ser controlados, apenas um explicou como é esse controle.

Sobre a questão da supervisão, Malagris e Alfano (2010) nos mostram que conflitos e desencontros que podem ser gerados pelas mudanças que ocorrem em nosso mundo e o fato de que muitos pais não sabem fazer uso das mídias, é motivo para desistirem de orientar ou supervisionar os filhos, como podemos perceber no diálogo entre uma mãe e seu filho, extraído de Malagris e Alfano (2010, p. 137):

- João! Vem aqui me ajudar a conectar a internet, esse troço não quer funcionar! Não consigo me entender com isso!
- Puxa mãe, logo agora! O jogo está na melhor parte! Estou quase ganhando! Será que você nunca vai aprender? Já te ensinei várias vezes!
- Puxa digo eu! Faço tudo por você e, quando preciso, é isso que escuto. É uma droga depender de filho. Não sei porque inventaram esse negócio da internet. Só serve para atrapalhar.

Segundo Malagris e Alfano (2010) os obstáculos que os pais encontram para entender a informática e o mundo virtual podem criar uma barreira entre ele e seus filhos, o que leva a

um distanciamento e, muitas vezes, a uma desistência de entender e supervisionar.

Como já afirmei, a orientação e supervisão dos pais é vital para que o adolescente possa usufruir do fascinante mundo virtual com segurança, pois o adolescente com suas características, ainda não está preparado para enfrentar a variedade de riscos pela *internet* e para lidar com ela.

Para Malagris e Alfano (2010), a falta de supervisão e orientação pode colocar crianças e adolescentes em situação de riscos, tais como: contato com predadores virtuais, pela exposição demasiada na rede, serem vítimas de *Bullying* e *Cyberbullying*, aquisição de vícios em jogos e no uso do computador e a possibilidade de vida dupla, sendo uma real e uma virtual. A exposição demasiada na rede, sem supervisão, pode levar o adolescente a ser vítima de *Bullying* e *Cyberbullying* e também do *Sexting* numa perspectiva da exposição indevida, sem consentimento e isso pode levar a mudança de seu comportamento, à destruição de sua autoestima, a transtornos psicológicos e até ao suicídio. O vício em jogos e do uso do computador pode comprometer o indivíduo psicológica e socialmente, além de diminuir suas horas de sono, pode também causar lesão por esforço repetitivo e outros problemas de saúde. Um dos problemas psicológicos provenientes desses vícios, pode ser a irritação, além de problemas de memória e concentração. Segundo a Revista Superinteressante, de junho de 2015, no artigo: *A face oculta do Facebook*, uma pesquisa realizada por cientistas chineses, analisou 17 adolescentes que tinham problemas na vida social porque ficavam conectados 5 horas e 30 minutos seguidas na rede. As imagens cerebrais desses adolescentes, segundo a notícia, mostraram anormalidades no córtex orbito frontal, região que ajuda a controlar os impulsos e no corpo caloso, que tem a função de conectar os dois hemisférios do cérebro. Segundo esse estudo, os danos eram similares aos encontrados em viciados em cocaína e álcool.

Malagris e Alfano (2010) também afirmam que a liberdade adquirida na *Internet* pode colocar os adolescentes em situação de vulnerabilidade pelo fato de que esses têm necessidade de autoafirmação e estão buscando autonomia, independência com relação aos pais. Ao passar muito tempo na rede, sem orientação, podem ter acesso a conteúdos inadequados, tais como: humor obsceno, violência e outros sites exclusivos para adultos. Acesso esse realizado sem uma reflexão crítica. Outro ponto refere-se a uma possível vida dupla, que pode ajudar o adolescente a experimentar diferentes identidades, mas, segundo os autores acima citados, também pode levá-los a viver uma vida dupla como se fossem duas realidades e, muitas vezes, a vida virtual é mais confortável e recompensadora do que a real. Um cuidado preventivo com as relações de seus filhos e filhas é obrigação dos pais, que devem ensinar-lhes a se protegerem na rede e os professores podem ajudar nesse processo.

Outro indicador importante para nossas reflexões é sobre a questão da individualidade e das novas relações mediadas por uma máquina, segundo Turkle (2012), autora já abordada aqui. Nesse contexto da sociedade do espetáculo, não podemos esquecer das vivências da sexualidade na relação com o fenômeno *Sexting*. Erikson já afirmava em 1976 que a vivência da sexualidade só pode ser plena com a formação plena da identidade, pois é uma relação de intimidade entre pessoas, no caso, jovens em desenvolvimento biopsicossocial. Ozorio (1995) reafirma essa ideia ao dizer que a vivência da sexualidade sadia talvez seja um dos maiores desafios para os adolescentes e adultos que o cercam. Relembro que Caridade (1999) afirma ser a sexualidade veiculada na mídia como marketing para seduzir o mercado e, assim perde seu sentido relacional. Isto é, o outro deixa de ser sujeito e torna-se objeto. Se essa é a nossa realidade e nossos adolescentes estão inseridos nesse meio, então para eles, a sexualidade também se relaciona, em grande parte de suas vivências, ao marketing, ao

consumo. Segundo Socci (2010, p. 91), a influência advinda dos meios de comunicação tais como revistas, jornais, televisão, internet... é notória! Esses meios se caracterizam como verdadeiros “curingas” que veiculam mensagens sobre sexo. Sua influência é tal que servem de modelos de comportamento para os ingênuos adolescentes.

Penso que nesse mundo conectado, em que os adolescentes acessam cada vez mais facilmente a *Internet* e o conteúdo disponível nela, relacionando-se por meio da rede, diariamente, sem a devida orientação e supervisão, merece toda nossa atenção. Além disso, devemos considerar que os adolescentes também estão produzindo conteúdo e tornando-o público. Portanto, é preciso, mais do que saber criticar o conteúdo que está disponível, é necessário que os adolescentes sejam educados tanto para o uso crítico das mídias como para a autoria responsável dos conteúdos a serem disponibilizados nessas mídias.

Tapscott (2010) vai além disso, ao afirmar que os adolescentes no mundo de hoje são também coinovadores desses produtos e, então, podem utilizar a vivência da sexualidade para criar um produto por meio da produção de imagens íntimas de si mesmo ou de seu parceiro, sua parceira para depois lançá-lo no mercado virtual. Essa é uma das vias do *Sexting*. São essas relações que foram desveladas até definir o nome da categoria: O ser adolescente na Sociedade do Espetáculo: características próprias dessa etapa versus riscos de relações perigosas.

No decorrer do trabalho, percebi que a ambiguidade é comum na adolescência e pode ser também um risco. O desafio, educadores que somos, reside na nossa ação educativa preventiva consciente e crítica junto aos adolescentes. Essa ação educativa pode basear-se num questionamento central: como estimular autonomia e ao mesmo tempo ajudar o adolescente a avançar para a maturidade adulta partindo dos indicadores que são próprios dessa fase do adolescente? No

trabalho com adolescente, se não considerarmos as suas características poderemos trabalhar apenas com as consequências e não com prevenção. O que hoje é apontado com protagonismo¹⁸, se usado de uma maneira inábil, pode jogar ainda mais sobre o adolescente o peso de uma responsabilidade para qual ele não está preparado, o que pode sobrecarregá-lo.

O despertar e fortalecer do protagonismo juvenil, algo desejado sim, deve ser feito com muita atenção e cuidado e deve ser calcado na compreensão das contradições típicas dessa fase chamada adolescência. Os programas que se calcarem somente no protagonismo em si correm o risco de sobrecarregar esse ser em construção. As características que são peculiares a essa etapa já representam muitas vezes uma carga, para esse adolescente e o colocam em uma situação delicada, de vulnerabilidade, desde a puberdade com as transformações biológicas e fisiológicas que mudam seu corpo e sua personalidade, somadas a construção sócio histórica e cultural chamada adolescência.

As características dos adolescentes e suas relações com as mídias, que podem ser perigosas, aspecto apontado nessa pesquisa, ainda não são totalmente consideradas plenamente pelas políticas públicas. As ações federais, relatadas na introdução: o Programa Saúde na Escola - PSE e o Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas - SPE, ao tratar das temáticas de sexualidade, uso e abuso de álcool e drogas e violência, principalmente quando relacionadas ao adolescente, não consideram essas peculiaridades dessa etapa da vida. A realização de um trabalho entre pares e para os pares é um avanço. Porém, o trabalho preventivo ainda é somente baseado em prevenir doenças e evitar a gravidez precoce e realizado de forma pontual. Precisa avançar.

¹⁸ Entendido por Costa (2001) como a participação de adolescentes no enfrentamento de situações reais.

Esses indicadores apontados a partir dessa caminhada de pesquisa podem servir para que nós, adultos responsáveis, façamos nosso trabalho com o jovem evitando deixá-lo em situação de vulnerabilidade, pois essas questões que aponto hoje com certeza farão parte de minha caminhada a partir de agora em meu fazer pessoal e profissional. Com os resultados desse trabalho, aponto as seguintes decisões no que se refere à escola em que foi realizada a pesquisa: retorno a escola para apresentação dos resultados e realização de três oficinas iniciais: sendo uma com os adolescentes pesquisados, outra com os seus docentes e outra com os seus pais.

Agradeço a todos os educadores, que no dia a dia da escola, estão em sala batalhando para a construção de um mundo melhor, ao ensinar nossas crianças e jovens. Um agradecimento em especial aos educadores da escola em que foi realizada a pesquisa pelo trabalho que é feito nela, pelo empenho de cada um e pelo acolhimento que tive. Agradeço também aos familiares que acolheram e aderiram ao projeto.

Ao retornar à minha atuação na Gerência de Educação da Grande Florianópolis, atuando nas ações do governo federal, citadas acima pretendo contribuir para aprofundar o trabalho que é feito com o adolescente, junto com a equipe que ali trabalha atualmente e que tem se empenhado para melhorar nosso trabalho com esses jovens, buscando proporcionar-lhes uma formação qualificada e diferentes possibilidades de melhor qualidade de vida.

As agências formadoras de educadores, especialmente as licenciaturas também têm sua responsabilidade nessa questão. É preciso que nesses cursos, as teorias sobre adolescência, suas características, bem como as diferenças entre puberdade e adolescência nas várias culturas e também na nossa, sejam aprofundadas. E que sejam realizados também estudos sobre esse construto denominado adolescência e as relações perigosas desses adolescentes com as mídias nos tempos de hoje.

Isso porque, segundo Freire (2002), é preciso que a educação esteja integrada com as condições do tempo e do espaço a que se aplica. Somente assim, a educação poderá promover transformações. Sem essa integração, o processo educativo se faz inorgânico. Freire (2002) diz ainda que a consciência crítica do homem diante de seu contexto é a única forma de interferir nele. É preciso que o educador, como colocam muitos autores que trabalham na perspectiva crítica-dialética, conheça seu aluno, sua realidade, projete as condições do tempo e espaço vividos hoje, promova a reflexão e a busca da ampliação da capacidade de discernimento dos nossos jovens para que o conhecimento se construa a partir do diálogo, da problematização de situações concretas, na direção de uma vida melhor para todos. As condições do espaço e do tempo a que nos referimos hoje não podem deixar de lado a questão do mundo midiático e da busca de vivências humanas a partir de um consumo crítico e consciente do conteúdo disponível nas várias mídias. Os educadores e educadoras hoje devem prestar uma cuidadosa atenção nas relações dos adolescentes com as mídias e buscar formá-los também para a autoria responsável de conteúdos e disponibilização dos mesmos. Para Sartori (2012), esse desafio poderá ser superado com a prática pedagógica educacional que, segundo ela pretende:

[...] desenvolver ações voltadas ao desenvolvimento de autorias, de coautorias, de exercício de expressão criativa, da produção coletiva de saberes. Considerando a tarefa mediadora da escola e as sensibilidades de alunos, uma prática pedagógica educacional eleva os índices de comunicação na escola. O que os alunos sabem, por que aprenderam de modo distraído, na diversão, se revela de valor inestimável na disciplina com que se empenham em suas tarefas, na valorização

das atividades solicitadas pelo professor e pelos colegas, na dedicação à resolução de problemas, no compartilhamento dos sentidos atribuídos pelo grupo envolvido, enfim, no entendimento de uma escola criativa, participativa, coletiva.

Ainda para essa autora:

Cabe a escola, [...] propor práticas pedagógicas que criem ambiências comunicativas, que dialogue com o universo que crianças e jovens trazem para a escola, ou seja, que a prática pedagógica seja uma prática educomunicativa, que crie espaços de comunicação, de criação e circulação de significados criados e partilhados pelo grupo, que incremente os índices de comunicação em sala de aula. (SARTORI, 2012 p. 86)

Esse é também o nosso desafio profissional a partir dessa caminhada: compreender que nesse mundo midiático, o comportamento do adolescente se transformou, assim como se transformaram também as relações sociais desses adolescentes, onde, para a maioria deles, é preciso conhecer e apropriar-se das mídias para poder considerar-se como estando no mundo. Há que se levar em conta que, com as características próprias dessa fase do desenvolvimento desse adolescente e pela sua imersão no mundo midiático, a vulnerabilidade é ampliada, podendo chegar a ficar sem controle.

Pelas razões desveladas nesse trabalho recomenda-se que os responsáveis pelas políticas públicas neste país, bem como os dirigentes de organizações educativas formais e não formais, bem como os profissionais da educação em geral, busquem maneiras de transformar qualitativamente os processos educativos, de forma a tornar especialmente a escola, ambiente educativo formal, num ambiente motivador no qual

se possam abordar criticamente as relações dos adolescentes com as mídias, sem ignorar as características próprias dessa etapa do desenvolvimento em que os mesmos se encontram, para que façam parte do currículo ações educativas preventivas, conscientes e críticas, evitando que essas relações se tornem “relações perigosas”.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ABERASTURY E KNOBEL, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 1981.
- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- ANDRADE, Elizane. **Jogo do Strip Quiz: análise dos conteúdos pedagógicos de Educação Sexual em um quadro do programa televisivo *Amor & Sexo***. (Dissertação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Mestrado em Educação, Florianópolis, 2011.
- AUGUSTINA, Jose R. Esperanza L. GÓMEZ Duran. **Sexting: research criteria of a globalized social phenomenon**. Springer Science+Business Media New York 2012. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s10508-012-0038-0#page-1>>. Acesso em: 29/10/2013, as 14:30min.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997. [Edição revista e atualizada em 2009].
- BARROS, Suzana da Conceição. **Sexting na adolescência: análise da rede de enunciações produzida pela mídia**. / Suzana da Conceição Barros ; orientadora Paula Regina Costa Ribeiro; co-orientadora Raquel Pereira Quadrado - Rio Grande: FURG/PPGQVS, 2014.187 f.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BELLONI, M. L.; GOMES, N.G. et al. **Caracterização do público jovem das tecnologias de Informação e Comunicação:**

Autodidaxia e Colaboração (2ª fase). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq, 2007.

BERMANN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Loriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) - Lei nº 8.069, de 13/07/1990**. Brasília: Presidência da República, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em 08/01/2014.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1977.
_____. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Loyola, 2000.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da adolescência**: normalidade e psicopatologia. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CARIDADE, Amparo. A construção cultural da sexualidade. In RIBEIRO, Marcos. **O prazer e o pensar**: orientação sexual para educadores e profissionais da saúde. São Paulo: Gente, 1999.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COSTA, A. C. G. **Tempo de servir**: o protagonismo juvenil passo a passo; um guia para o educador. Belo Horizonte: Universidade, 2001.

COLLINS, W. A.; SPRINTHALL, A. N. *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

COSTA, A. C. G. **Tempo de servir**: o protagonismo juvenil passo a passo; um guia para o educador. Belo Horizonte: Universidade, 2001.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 2003. Disponível em: <www.geocities.com/projetoperiferia>. Acesso em: 10 fev. 2014.

DONALD, Roberts F. et al. *Generation M: media in the lives of 8-18 year-olds*. Disponível em: <<http://kaiserfamilyfoundation.files.wordpress.com/2013/01/generation-m-media-in-the-lives-of-8-18-year-olds-report.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2013.

ERIKSON, E. H. **Identity and the life cycle**. New York: W. W. Norton Company, 1959.

_____. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

_____. **Youth: change and challenge**. New York, Basic books, 1981.

_____. **Infância e sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1987.

ERIKSON, E. H. e ERIKSON, J. **O ciclo da vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GAMBOA, Silvio S. **Pesquisa social: quantidade-qualidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES, Camila; CARDOSO, Ana Luiza. Sexo, chantagem e *internet*. **Época**, Edição 809, p. 82-90, 25 nov., 2013.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MALAGRIS, Lucia Emmanoel Novaes; ALFANO, Angela. A Adolescência na era digital. In: Lipp, Marilda. **O adolescente e seus dilemas: orientação para pais e educadores**. Campinas, SP: Papirus, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educomunicação. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MATTEY, Beth; DILIBERTO, Gail Mattey. [artigo original]: **Sexting -it's in the dictionary**. Disponível em: <<http://nas.sagepub.com/content/28/2/94>>. Acesso em: 29 out. 2013, as 15h.

MELO, S. M. M. de. **Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professoras**. 1. ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

MITCHELL, K.J. FINKELHORN D., JONES L.M., WOLAK J. Prevalence and characteristics of youth sexting: a national study. **Pediatrics**, 129, p 13-20. 2012

NUNES, César A. **Filosofia, sexualidade e educação**: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar. 1996. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas., Campinas, SP, 1996.

NUNES, Cesar Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. Campinas, SP: Papirus, 1987.

_____. **Educar para a emancipação**. Florianópolis: Sophos, 2003.

OZORIO, L.C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

POLETTI, Enemari. **Dos jovens filhos de gaia e urano aos adolescentes do Google em seus processos de educação sexual**.(Dissertação). - Universidade do Estado de Santa Catarina, Mestrado em Educação, Florianópolis, 2010.

PORTAL SAFERNET. Disponível em:
<<http://www.safernet.org.br/site/prevencao/cartilha/safer-dicas/Sexting>>. Acesso em 10 mar. 2015, as 15h.

RIBEIRO, Marcos Ribeiro. O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde. São Paulo: Editora Gente, 1999.

RINGROSE, Jessica;ROSALIND, Gill;LIVINGSTONE, Sonia;HARVEY, Laura. **A qualitative study of children, young people and sexting**: a report prepared for the NSPCC.

Disponível

em:<http://www.nspcc.org.uk/Inform/resourcesforprofessionals/sexualabuse/sexting-research-report_wdf89269.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2014, as 18:05min.

RIVOLTELLA, Pier Cesare. Falta cultura digital na sala de aula. **Revista Nova Escola**, Edição 200, mar., 2007. [Entrevista concedida por Rivoltella]. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/pier-cesare-rivoltella-falta-cultura-digital-sala-aula-609981.shtml>>. Acesso em: 22/03/2013, as 9:30min.

SANCHO, Juana Maria. **Tecnologias digitais, formação de professores e contextos escolares**: novos desafios, velhos problemas. Geovana Mendonça Lunardi Mendes, Juan Casanova Correa e Martha Kaschny Borges (orgs.). [Entrevista realizada pela UDESC com a Doutora Juana María Sancho, 2009].

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. Porto, Portugal: Afrontamento, 1995.

SARTORI, Ademilde Silveira. A prática pedagógica educ comunicativa e a aprendizagem distraída: criando ecossistemas comunicativos pela mediação escolar. In: REGIS, Fátima et al. **Tecnologias de comunicação e cognição**. Porto Alegre: Sulina 2012. P 79 a 93.

SARTORI, Ademilde Silveira; SOUZA, Kamila Regina. Estilos de aprendizagem e a prática pedagógica educ comunicativa na educação infantil: contribuições do desenho animado para a aprendizagem das crianças contemporâneas. In: **Revista Estilos de Aprendizaje**, n.10, v.10, oct. 2012. Disponível em: <http://www.uned.es/revistaestilosdeaprendizaje/numero_10/lr_10_octubre_2012.pdf>. Acesso em: jan. 2014.

SCHMITZ, S. SIRY, L. **Teenage folly or child abuse?** States responses to “sexting” by minors in the U.S. and Germany. *Policy & Internet*, 3(2), 1-26.

SIMON W. E GAGNON J. ON PSYCHOSEXUAL DEVELOPMENT IN GOSLIN, D. (Ed.) handbook of socialization theory and research, Chicago, Rand McNally, 1969 pp.733-752.

SILVA, Edna. **A filosofia, educação e educação sexual:** matrizes filosóficas e determinações pedagógicas do pensamento de Freud, Reich e Foucault para a abordagem educacional da sexualidade humana. (tese) - Campinas, Doutorado, UNICAMP, 2001.

SOCCI, Vera Vechiatti. Sexualidade: dificuldades e problemas. In: LIPP, Marilda. **O adolescente e seus dilemas:** orientação para pais e educadores, Campinas, SP: Papyrus, 2010.

SOUZA, Kamila Regina de **Desenhos animados e educomunicação:** as brincadeiras das crianças e a prática pedagógica da educação infantil (dissertação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Mestrado em Educação, Florianópolis, 2013.

STRASSBERG, D.S., MCKINNON, R.K. SUSTAIA M.A. & RULLO, J. **Sexting by high school students:** An Exploratory and descriptive study. Archives of sexual behaviour, 2012.

SUNDAY TELEGRAPH MAGAZINE. Disponível em: <<http://finslab.com/enciclopedia/letra-s/sexting.php>>. Acesso em: 11 mar. 2015, as 14:20min.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital:** como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias:** acadêmica, da ciência e da pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação - o positivismo, a fenomenologia, o marxismo. São Paulo: Atlas, 1987.

TURKLE, Sherry. **Alone Together**: why we expect more from technology and less from each other. Philadelphia, USA: Basic Books, 2012.

UNICEF. **O uso da internet por adolescentes**, 2013.

Disponível em:

<http://www.unicef.org/brazil/pt/br_uso_internet_adolescentes.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2015.

VIDA, Adiméia Bom Sucesso Dias

Coelho; CARVALHALVES, Delano. **O risco da alta exposição pessoal nas redes sociais**. Disponível em:

<http://www.techoje.com.br/techoje/categoria/detalhe_artigo/1777>. Acesso em: 8 jul. 2014, 20:30min.

WHO, World Health Organization. Young People's Health - a Challenge for Society. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All. Technical Report Series 731. Geneva: WHO, 1986.

APÊNDICE

Apêndice A - QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Olá ! me chamo Camila, faço parte do Grupo de Pesquisa EDUSEX, da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC e estou aqui como aluna do Mestrado em Educação. O mestrado faz parte da formação acadêmica e pode ser feito após a conclusão da graduação. Pedimos que responda este questionário de forma honesta. Após a análise dos dados, os resultados serão apresentados a vocês.

1. Identificação

Para começar, gostaríamos que você criasse um apelido, de forma que não precise se identificar.

Você pode criar e usar o apelido que quiser !!!

Apelido: _____

1. Sexo: () Feminino () Masculino

2. Idade: _____

Data de nascimento:

3. Você mora com seu pai e sua mãe ?

() Sim.

() Não. Com quem você mora ? _____

Queremos saber um pouco mais sobre você.

Vamos para a próxima parte, responder algumas perguntas sobre o uso do celular e do computador ?

4. Dentre as mídias abaixo, marque com um X as que têm em sua casa.	4.1 Nesta coluna coloque a quantidade de cada aparelho existente em sua casa.	4.2 Aqui, assinale com um X em quais deles você acessa à internet.
() Computador de mesa	() Computador de mesa	() Computador de mesa
() Smartphone	() Smartphone	() Smartphone
() Notebook	() Notebook	() Notebook
() Iphone	() Iphone	() Iphone
() Celular	() Celular	() Celular
() Tablet	() Tablet	() Tablet
() Nenhum	() Nenhum	() Nenhum

4.3. Algum ou alguns desses são de usosamente seu? Se sim qual ou quais? _____

4.4. Se for computador de mesa, esse que é só seu fica em que local da casa? _____

4.5. Abaixo estão sugestões de vários lugares em que você pode acessar à internet. Marque com um x em quais destes locais você efetivamente acessa á internet. Depois, ao lado, escreva quais aparelhos usa para isto.

Exemplo: (X) Escola - computador e celular

Local onde acessa à internet	Aqui escreva os aparelhos, conforme o exemplo
<input type="checkbox"/> Escola	
<input type="checkbox"/> Lanhouse	
<input type="checkbox"/> Em toda minha casa	
<input type="checkbox"/> Casa de amigos, parentes, vizinhos	
<input type="checkbox"/> Só no meu quarto	
<input type="checkbox"/> Outros. Quais?	

Você nasceu em um mundo conectado a uma rede, onde você pode encontrar o que chamamos de redes sociais e aplicativos para se comunicar. Queremos saber se você conhece essas ferramentas de comunicação e se você as usa. Vamos lá ?

5. Marque um X nos aplicativos que você conhece:	<input type="checkbox"/> Facebook	<input type="checkbox"/> Youtube	<input type="checkbox"/> Instagram	<input type="checkbox"/> Whatsapp	<input type="checkbox"/> Twitter	<input type="checkbox"/> Skype
5.1 Quais você usa?	<input type="checkbox"/> Facebook	<input type="checkbox"/> Youtube	<input type="checkbox"/> Instagram	<input type="checkbox"/> Whatsapp	<input type="checkbox"/> Twitter	<input type="checkbox"/> Skype
5.2 Com que frequência ?	<input type="checkbox"/> todos os dias <input type="checkbox"/> de uma a três vezes por semana <input type="checkbox"/> de quatro a seis vezes por semana <input type="checkbox"/> quinzenalmente <input type="checkbox"/> mensalmente	<input type="checkbox"/> todos os dias <input type="checkbox"/> de uma a três vezes por semana <input type="checkbox"/> de quatro a seis vezes por semana <input type="checkbox"/> quinzenalmente <input type="checkbox"/> mensalmente	<input type="checkbox"/> todos os dias <input type="checkbox"/> de uma a três vezes por semana <input type="checkbox"/> de quatro a seis vezes por semana <input type="checkbox"/> quinzenalmente <input type="checkbox"/> mensalmente	<input type="checkbox"/> todos os dias <input type="checkbox"/> de uma a três vezes por semana <input type="checkbox"/> de quatro a seis vezes por semana <input type="checkbox"/> quinzenalmente <input type="checkbox"/> mensalmente	<input type="checkbox"/> todos os dias <input type="checkbox"/> de uma a três vezes por semana <input type="checkbox"/> de quatro a seis vezes por semana <input type="checkbox"/> quinzenalmente <input type="checkbox"/> mensalmente	<input type="checkbox"/> todos os dias <input type="checkbox"/> de uma a três vezes por semana <input type="checkbox"/> de quatro a seis vezes por semana <input type="checkbox"/> quinzenalmente <input type="checkbox"/> mensalmente
5.3 Para que você usa ? Registre ao lado	<input type="checkbox"/> Facebook	<input type="checkbox"/> Youtube	<input type="checkbox"/> Instagram	<input type="checkbox"/> Whatsapp	<input type="checkbox"/> Twitter	<input type="checkbox"/> Skype
5.4 Você tem perfil em algum desses aplicativos ?	<input type="checkbox"/> Sim. Responda a próxima questão.	<input type="checkbox"/> Não				
5.5. Marque com um x aqueles onde você tem perfil e complete o que é solicitado no quadro.	<input type="checkbox"/> Facebook	<input type="checkbox"/> Instagram	<input type="checkbox"/> Twitter	<input type="checkbox"/> Skype		

Você pode acessar a internet livremente e alguns aplicativos também, mas para acessar as redes sociais, você precisa ter pelo menos um perfil virtual. Pode nos dizer como é o seu, respondendo o quadro abaixo ??

Na fase em que você está, chamada de adolescência, embora você não goste, a supervisão de um adulto é importante. Vamos ao próximo quadro ??

6. Quantos Perfis você tem ?	(01	(02	(03	(04	(05 ou mais		
6.1. O que você costuma postar em seu (s) perfil (is) ??	() dados pessoais	() Pensamentos	() vídeos e fotos minhas	() vídeos e fotos de meus colegas	() vídeos e fotos com pessoas desconhecidas	() Desejos	() Outros. Quais ?
6.2. Cite pelo menos 5 características que você quer que as pessoas pensem sobre você partir do seu perfil							
6.3. Você posta fotos e vídeos seus em seu perfil ?	() Sim	() Não					
6.4. Como você sabe se suas fotos e vídeos são acessados?							
6.5. Você comenta seus próprios vídeos e fotos ?	() Sim. Dê exemplos de comentários que você faz sobre suas fotos e seus vídeos publicados.				() Não		
6.6. Há vídeos seus ou fotos suas circulando neste momento?	() Sim. Quais ?				() Não.		
6.7. Alguma vez você postou imagens ou vídeos íntimos seus??	() Sim. Como se sentiu ?				() Não.		

7. Existe alguém que controla o seu uso do computador, notebook, etc?			
() Sim	7.1. Quem é essa pessoa?	7.2. Quanto tempo você pode usar ?	7.3. Como é esse controle?
() Não			
8. Existe alguém que controla o seu uso do celular?			
() Sim	8.1. Quem é essa pessoa?	8.2. Quanto tempo você pode usar ?	8.3. Como é esse controle?
() Não			

Perguntas com relação a privacidade do site/perfil.

9. Você acha que seu perfil naquele local está seguro ? Por que ?

9.1. Quem você acha que tem acesso ao seu perfil ?

10. Você recebe ou já recebeu textos de pessoas desconhecidas ?

() Sim. O que fez ou faz com eles ?

() Não.

Pelo que vimos até aqui, uma das funções das redes sociais é se relacionar com outras pessoas, certo ??

Então vamos continuar explorando essas relações.

11. Você costuma se relacionar com outras pessoas virtualmente ?

() Sim. Passe para o quadro abaixo.

() Não.

12. Como você decide aceitar ou não novos amigos virtuais ?

	Aparelhos móveis (celular, smartphone e iphone)	Computador
11.1. Com que frequência você faz isso ?	<input type="checkbox"/> Diariamente <input type="checkbox"/> de uma a três vezes por semana <input type="checkbox"/> de quatro a seis vezes por semana <input type="checkbox"/> quinzenalmente <input type="checkbox"/> mensalmente	<input type="checkbox"/> Diariamente <input type="checkbox"/> de uma a três vezes por semana <input type="checkbox"/> de quatro a seis vezes por semana <input type="checkbox"/> quinzenalmente <input type="checkbox"/> mensalmente
11.2. Que mensagens ou conteúdos você costuma escrever para as pessoas com quem se relaciona ?		

13. Você conhece todos os seus amigos virtuais pessoalmente ?

- Sim.
 Não.

14. Seus amigos virtuais conhecidos pertencem a que grupos ?

- escola.
 Esporte.
 Outros. Quais ? _____

15. Você conheceu pessoalmente algum amigo apenas depois de conhecê-lo virtualmente ?

- Sim. Como aconteceu esse encontro?

- Não.

16. Você fotografa ou filma seus amigos?

- Sim. Qual o seu tipo de imagem (foto/vídeo) preferido?

- Não.

ENVIO DE IMAGENS

17. Você envia a outras pessoas fotos/vídeos seus e de seus amigos?	
() Sim. Para quem ?	() Não
17.2 Você pode dar exemplos de coisas que enviou recentemente e descrever o que pensa sobre isso?	
17.3. Há fotos/vídeos seus ou de seus amigos enviados por você circulando neste momento?	
() Sim.	() Não.
17.4. Que tipos de fotos/vídeos ?	
17.5 Alguma vez pessoas que não deveriam acabaram vendo tais imagens (fotos/vídeos)?	
() Sim.O que você acha que aconteceu? Descreva.	() Não.

RECEBIMENTO DE IMAGENS

18. Você recebe de outras pessoas fotos/vídeos seus e de seus amigos ?	
() Sim.	() Não.
18.1. Você pode dar exemplos de fotos ou vídeos que recebeu recentemente e descrever o que pensa sobre isso?	
18.2. Alguma vez você recebeu fotos ou vídeos íntimos de seus amigos ?	
() Sim.	() Não
18.3. O que você fez com a imagem (foto/vídeo) recebido ?	

Quando nos relacionamos com outras pessoas, escolhemos algumas para contar nossos segredos porque podemos pensar que ela nos compreende melhor e pode nos transmitir segurança, além de carinho. Porém, existem coisas que preferimos manter em segredo por diferentes motivos. Nas redes sociais, podemos chamar essas mensagens que não compartilhamos com todos de mensagens privadas. Essas podem conter textos, fotos, vídeos, sons...

Mensagens privadas

19. Você já ouviu falar da palavra *Sexting*?

() Sim . O que *Sexting* significa para você?

() Não.

20. Leia a história abaixo e responda a questão .

Ouvimos histórias sobre pessoas enviando fotos em seu celular circulam por aí. Vou contar a vocês uma sobre alguém que fez isso. Um casal estava namorando por meio de textos no celular. Era uma noite de dia de semana e cada um dos namorados estava em suas casas, se preparando para dormir. Então um deles, resolveu enviar ao outro uma foto sua com roupas íntimas. Eles curtiram a ideia e assim, trocaram mais algumas fotos. No dia seguinte, ao chegar na escola eles perceberam que as pessoas falavam sobre eles. Acontece que um dos dois enviou as fotos para um amigo ou amiga que postou as fotos na internet. O casal queria manter as fotos em espaço privado mas agora ela pertenciam a um espaço público.

20.1. Você acha que isso acontece na vida real?

- Sim.
 Não.

21. Você conhece alguma história assim?

- Sim. Descreva como foi, com quem foi, o que aconteceu.

- Não.

22. Como você acha que essas fotos podem ser enviadas ??

- SMS
 E-mail
 Bate-papo
 Texto
 Skype
 Youtube
 Outros. Quais ?

23. Alguma vez seu parceiro (a) ou outra pessoas pediu para fotografar ou filmar você em uma situação íntima?

- Sim. Descreva o que aconteceu.

- Não.

24. Comente a notícia abaixo:

Segundo reportagem da Revista Época, de 25/11/2013, a adolescente J.R., de 17 anos se suicidou em Parnaíba (PI) depois que um vídeo dela fazendo sexo começou a circular no Instagram e nas redes sociais. O que você pensa sobre isto?

Fontes:

http://www.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/cmdca/diagnostico/questionario_a_dolescentes.pdf

RINGROSE, Jessica. Gill Rosalind. Livingstone, Sonia e Harvey, Laura. A Qualitative Study of Children, Young People and Sexting: A report prepared for the NSPCC. Disponível em http://www.nspcc.org.uk/Inform/resourcesforprofessionals/sexualabuse/sexting-research-report_wdf89269.pdf. Acessado em 11/01/2014, as 18 hrs e 05 min.